



VERUS  
EDITORA

Fenômeno editorial nos Estados Unidos  
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A  
*garota* DO  
**CALENDÁRIO**

*Audrey Carlan*

SETEMBRO

*Audrey Carlan*

A  
*garota* DO  
**CALENDÁRIO**



**SETEMBRO**

Tradução  
Andréia Barboza



VERUS  
EDITORA

## **Editora**

Raïssa Castro

## **Coordenadora editorial**

Ana Paula  
Gomes

## **Copidesque** Lígia Alves

## **Revisão**

Maria Lúcia A.  
Maier

## **Capa e projeto gráfico**

André S. Tavares  
da Silva

## **Foto da capa**

© Viorel  
Sima/Shutterstock  
(casal)

### **Título original**

*Calendar Girl: September*

ISBN: 978-85-7686-563-6

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary  
Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma

parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário [recurso eletrônico]: setembro / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.  
recurso digital (A garota do calendário; 9)

Tradução de: Calendar Girl: September

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-563-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.  
16-36274

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

*Para Karen Roma*

Setembro é dedicado a você, minha amiga australiana.  
Suas opiniões são sempre sinceras, mesmo que você não se conecte com a  
história.

Ainda assim, você nunca desiste de mim.  
No fim, acho que a crítica construtiva me faz trabalhar e me esforçar mais.  
Você me faz melhor.  
Obrigada, meu anjo.

## SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

A garota do Calendário | Outubro

1

Agradecimentos



Paredes brancas. Nada além de paredes brancas rachadas, azulejos lascados e a pintura no teto com grandes manchas cor de ferrugem. Piscando várias vezes, levantei a cabeça e a virei de um lado para o outro, para a frente e para trás. O nó em meu ombro era do tamanho do monte Everest, e já estava lá fazia quase uma semana.

- *Sinto muito, querida. Ele não está melhorando.*
- *Mia, nós estamos aqui para o que você precisar.*
- *Vamos continuar rezando por um milagre.*
- *Receio que as chances do seu pai sejam muito pequenas.*
- *Avisé o restante da família.*
- *Fale com ele. Diga adeus.*

Fragmentos de condolências e respostas do médico giravam em minha cabeça como num toca-discos. Eu continuava baixando a agulha e a colocando no lugar para a canção se repetisse.

Com os olhos muito cansados, encarei o único homem que sempre me amou. Desde a minha primeira respiração, passando pelo momento de me ensinar a jogar beisebol, me fazer estudar, até o dia em que minha mãe foi embora, antes de ele desmoronar. Mesmo quando seu rosto estava vermelho, sua fala arrastada e seus olhos cinzentos injetados, ele me amou, e eu contava com aquele sentimento para seguir em frente. Na maior parte do tempo, deu certo.

Sentada ao lado da cama, apertei sua mão, esperando que o calor que transmiti para sua palma aquecesse o reconhecimento em seu corpo e o estimulasse a lutar. Lutar por suas filhas. Lutar por *mim*, sua carne e seu sangue. Eu tinha passado a última década e meia lutando por ele e por Maddy, e agora ele precisava ser forte. *Estar lá*. Se esforçar para voltar para nós. Podíamos não ser muito, apenas duas jovens tentando encontrar o próprio caminho, mas éramos dele, e lá no fundo eu tinha de acreditar que a luta valeria a pena, ou o perderíamos... para sempre.

A enfermeira do turno da manhã entrou. Ela caminhava com passos leves, sem emitir nenhum som enquanto verificava os sinais vitais do pops e marcava algo em seu prontuário, antes de me dar um sorriso pesaroso. Nos últimos dias, isso era tudo o que eu recebia: condolências, cenhos franzidos, pêsames hesitantes. Olhei para Maddy, encolhida em posição fetal no pequeno sofá, dormindo. Assim como eu, ela tinha se recusado a se ausentar por mais tempo que o necessário para tomar banho e trocar de roupa. Se o nosso pai fosse dar o último suspiro, estaríamos lá para testemunhar.

Ainda não tínhamos falado sobre o elefante branco na sala. Aquele tão pesado em meu peito que eu jurava que havia quebrado algumas costelas. Era impossível respirar fundo sabendo que Maddy estava magoada. A informação de que Jackson Cunningham era seu verdadeiro pai foi um golpe que atingiu nossa cabeça com força, nos chocando uma contra a outra. A notícia nos fez pisar em ovos, nos distanciando de uma forma que arrepiou minha pele. Agora eu precisava da Maddy mais do que nunca, e ela parecia estar se afastando, incerta quanto ao espaço que ocupava. Eu odiava aquilo, e odiava ainda mais o fato de nossa mãe ter feito daquela a nossa realidade.

O único benefício daquilo tudo era Maxwell. Ele tinha nos trazido até aqui em seu jatinho particular e telefonava todos os dias. Até nos hospedou por um mês em um hotel pertinho do hospital. Nosso novo irmão pensou em tudo, e se certificou de que soubéssemos que dinheiro não era problema. De repente, tínhamos os melhores médicos — uma equipe que vinha examinar nosso pai de tempos em tempos, analisando minuciosamente seu prontuário. Eles não só procuravam pistas a respeito de seu estado neurológico, para ter certeza de que ele não tivesse morte cerebral, como buscavam saber se ele seria capaz de superar as sequelas físicas da infecção viral, que estava piorando, incluindo não uma, mas duas paradas cardíacas provocadas pelas reações alérgicas ao tratamento.

Alguns dos médicos temiam o pior. Até as novas equipes de especialistas chegarem, o hospital o tinha desenganado. Diziam que não havia mais nada que pudessem fazer e recomendavam desligar os aparelhos que o mantinham vivo.

Desligar os aparelhos que o mantinham vivo. Eu não poderia fazer isso. Se eu estivesse em circunstância semelhante, será que o pops desistiria de mim, mandando parar as máquinas que me impediam de morrer? O inferno viraria gelo antes que isso acontecesse. Ele ficaria em cima de mim, fazendo massagem cardíaca em meu peito sem parar, se isso me mantivesse viva por um minuto que fosse. Eu precisava dar a mesma chance a ele.

— Bom dia, srta. Saunders — o dr. Delícia disse enquanto pegava o prontuário do pops no pé da cama e o examinava. Por alguns minutos, ele faria anotações, verificaria algumas coisas, viraria as páginas e repetiria o processo.

Fiquei de pé, estiquei os braços acima da cabeça e fiz um pequeno alongamento, tentando aliviar a dor constante no meio da coluna, do tipo que se adquire ao ficar sentada em uma cadeira de plástico durante quase uma semana. Minhas costas protestaram e eu estremei. O dr. Delícia balançou a cabeça, olhando para mim através de um par de óculos de aro preto. Seu cabelo escuro encaracolado era cortado rente à cabeça e brilhava. Parecia molhado, e, pelo aroma fresco que o acompanhava, ele tinha acabado de sair do banho. Sentir o cheiro bom de sabonete me fez lembrar que eu estava começando a feder. Fazia dois dias que eu não deixava o hospital. Nenhuma quantidade de desodorante

poderia mascarar o cheiro que começava a exalar das minhas axilas.

— Bom dia, doutor. Qual é o prognóstico? Melhor? — Tentei não parecer muito esperançosa, porque durante quase sete dias, todos os dias, ele fazia careta e simplesmente balançava a cabeça. Hoje, porém, houve um momento. Um momento em que eu soube, realmente soube, que a nossa sorte estava mudando.

O jovem e eficiente médico se aproximou e colocou a mão em meu ombro. Ele o apertou e eu tentei não gemer com o pouco de alívio da tensão que aquele pequeno gesto provocou. Estava tão dolorida ao toque que, não importava quão breve fosse, parecia uma eternidade.

— De acordo com o prontuário, em algum momento durante a noite os pulmões do seu pai começaram a responder. É uma resposta ligeiramente positiva, indicando que talvez ele possa respirar por conta própria, mas não quero colocar a carroça na frente dos bois.

Não havia palavras para expressar minha gratidão por aquela partícula de esperança. Em vez de dizer algo, eu o abracei, enlaçando sua cintura. Coloquei tudo o que eu tinha naquele abraço, segurando-o como se minha própria vida dependesse daquilo. O médico não pareceu se importar. Na verdade, correspondeu. Passou os braços em volta do meu corpo, me mantendo contra o peito. Ficamos ali, uma mulher destruída e um homem da medicina, um curandeiro. Eu me apoiei nele e pedi a Deus que lhe concedesse a capacidade de salvar meu pai, independentemente de ele merecer ou não. Eu tinha de acreditar que todo mundo merece uma segunda chance. Se o pops sobrevivesse, acho que concordaria comigo. Talvez aquele fosse o chacoalhão de que ele precisava para perceber que a vida realmente vale a pena ser vivida.

O toque de um celular invadiu a euforia do que tinha sido meu único momento positivo em boa parte da semana. Eu me afastei e olhei para os olhos azul-celeste do dr. Delícia.

— Desculpe. É só... — comecei, mas ele me cortou.

— Mia, nunca se desculpe por precisar de um abraço. Eu já percebi que você é uma mulher forte, mas todo mundo precisa de alguém em quem se apoiar. Vamos continuar pedindo por um milagre. Eu volto para verificar o estado dele em algumas horas.

Assenti e me virei para encontrar Maddy com o celular no ouvido.

— Hum, sim. Ela está bem aqui, tia. — Maddy estendeu o telefone enquanto afastava as mechas de cabelo loiro do rosto. Ela parecia se sentir como eu, embora eu estivesse certa de que, se houvesse um espelho por perto, minha imagem seria a de uma morta-viva.

Suspirando profundamente, levei o celular ao ouvido.

— Alô?

— Que raios está acontecendo? Você não atende as minhas ligações, perdeu o avião e não apareceu em Tucson, no Arizona, onde o cliente número nove estava

te esperando!

Tentei formular uma resposta, mas não saiu nada. Eu deveria pedir desculpas, dizer algo, mas não conseguia me importar com aquilo.

— Millie...

— Não me venha com “Millie”. Você está com sérios problemas, mocinha. Se você leu as letras miúdas do contrato, sabe que, se não atender o cliente, não apenas perde o pagamento de cem mil dólares como fica devendo a ele cem mil pelo transtorno!

Movendo-me tão rápido quanto minhas pernas cansadas podiam me levar, saí do quarto do pops e segui pelo corredor até a área do jardim. Era cedo, então ainda não havia ninguém ali.

— Você está me dizendo que agora eu devo cem mil dólares para algum ricaço filho da puta? — rugi no telefone.

— Você está gritando comigo? — A voz dela estava cheia de veneno e era letal. — Você se meteu nessa encrenca.

— Eu não tive escolha! O pops está morrendo!

— Então você simplesmente se manda e não me fala nada? Mia, eu teria avisado o cliente com antecedência, e isso poderia ter sido evitado. Agora você está com um débito de duzentos mil dólares. Você não tinha o suficiente na conta para pagar a prestação deste mês para o Blaine.

*Ah, não.* Meu corpo começou a tremer, e minhas pernas não conseguiam mais me sustentar. Trêmula, caí no banco mais próximo.

— Eu perdi o pagamento... — falei, engasgada, o medo controlando minha língua.

— Sim! Eu tenho ligado várias vezes por dia. Finalmente consegui falar com a Maddy, mas ela também ignorou minhas chamadas até hoje.

— O meu telefone está desligado. Eu fiquei com o pops esta última semana, Millie. Ele ainda está em perigo. Não posso sair daqui. — Passei a mão trêmula pelo cabelo e puxei as raízes. A pontada instantânea de dor trouxe consigo uma clareza que tentei desesperadamente levar à minha mente.

— Eu não posso te ajudar, Mia. O meu dinheiro está investido nos negócios e em um novo empreendimento que comprometeu tudo. Você vai ter que conversar com um dos seus amigos ricos. Talvez um daqueles que pagaram a taxa extra — ela sugeriu. Como se fosse fácil. Sexo e dinheiro. Aquele era o nome do seu jogo.

Pedir duzentos mil dólares a Wes ou Alec? Não mesmo. De jeito nenhum.

— Eu vou pensar em alguma coisa.

— Eu só sei que você precisa dar um jeito nisso rápido. O seu próximo cliente é Drew Hoffman.

O nome quicou em minha mente como a bola na roleta, até parar no número vencedor.

— O médico das estrelas? Aquele que tem um programa diário na TV, linha de vitaminas, roupas de ginástica e DVDs? Você só pode estar brincando.

— Ele mesmo. Parece que ele viu a campanha de moda praia sobre a beleza em todos os tamanhos. Quer que você apareça no programa dele, em um quadro diário que vai se chamar “Vida bela”. Mia, se der certo, você pode acabar conseguindo uma vaga fixa no programa no início do ano que vem. Ele só teria que esperar alguns meses para você começar. Sem pressão. — Ela gargalhou. Uma risada de bruxa como aquelas de filmes B ruins. Se eu estivesse ao lado dela, precisaria me esforçar muito para manter os dedos longe de sua garganta.

Sem pressão. Millie disse isso como se não fosse o acontecimento do século. Pressionei as têmporas com força. Todo o sangue em meu corpo parecia correr para o coração, fazendo com que ele batesse mais forte que o normal. Se eu não estivesse ali com o pops, essa notícia seria incrível. Minhas aparições na imprensa tinham me dado um pequeno empurrão para o mundo da atuação até agora. A mídia tinha descoberto que eu existia, e, quando o clipe de Anton fosse ao ar, no próximo mês, coincidiria perfeitamente. Mas a oportunidade de ter um quadro fixo no programa de TV do dr. Hoffman... Que loucura. Era a grande chance para que eu me encontrasse e seguisse meu caminho.

Droga, eu precisava falar com Wes. Saber sua opinião, ver se ele conhecia o famoso médico pessoalmente e se tinha ouvido falar alguma coisa. Mas, claro, eu não podia fazer isso, porque não tinha notícias dele havia duas semanas. Não sabia onde ele estava ou quando voltaria; só sabia o que Judi havia dito: que ele tinha partido da noite para o dia. Disse que ficaria fora por duas ou três semanas e pediu que ela me avisasse que ele ligaria. Isso era tudo o que ela tinha para me contar. Recebi uma mensagem de voz com muitos chiados. A ligação estava tão ruim que não consegui ouvir muita coisa. Apenas que ele estaria em casa em breve e que me amava. Nada além disso.

Claro, ainda havia toda a questão de descobrir como eu conseguiria duzentos mil dólares ou uma maneira de fazer Blaine me dar mais tempo.

— Espero que o pops se recupere em breve. Não cancele o trabalho de outubro até eu retornar para você. Vou tentar ficar mais acessível, mas está sendo bem difícil agora, Millie. Também tem assuntos familiares sobre os quais eu preciso conversar com você. Uma coisa séria, que tem a ver com a minha mãe.

— Você soube de algo a respeito da Meryl? — Sua voz era tão baixa quanto um sussurro, tanto que tive de pressionar o celular mais forte no ouvido.

Balançando a cabeça para o ridículo da questão, confirmei que não queria entrar nesse assunto. O pops estava ali, lutando pela vida. Nossa mãe, a irmã de Millie, e as más escolhas gritantes que ela tinha feito nas últimas três décadas não seriam o centro das atenções. A última coisa que eu queria era lidar com minha mãe e seus segredos.

— Não, não soube. Mas algumas coisas vieram à tona. Quando o pops melhorar, eu te ligo, tá?

Millie suspirou.

— Ele... hum... vai ficar bem?

Uma risada curta e irritada escapou dos meus lábios.

— Não finja que se importa com o que acontece com o meu pai. Você sempre detestou o pops, se ressentiu por ele não levar a gente para a Califórnia quando a minha mãe foi embora e nos deixou na mão. Ele fez o melhor que pôde.

Seu grunhido soou através da linha.

— O melhor, na verdade, teria sido dar uma vida boa para vocês. Quando a minha irmã estava aí, todo mundo era feliz. Ele não conseguiu manter as coisas em ordem quando ela se foi. — Sua voz era fria e me gelou até os ossos.

A atitude profundamente defensiva contra o pops pesou em meu estômago. Minha tia ou não, ela estava cutucando uma onça e precisava ser colocada em seu lugar.

— Pelo menos ele não foi embora. A sua irmã fez isso. A mulher de quem você sente tanta saudade abandonou as filhas de dez e cinco anos, mas acho que está tudo bem, né? Não era a primeira vez que ela deixava uma família pra trás. Aliás, pelo que a gente sabe, ela pode ter uma porção de filhos por aí. Eu devo ter um monte de irmãos que não conheço.

Millie fungou, e sua voz tremeu.

— A sua mãe nunca esteve bem, boneca. Você sabe disso. No fundo você sabe que ela não foi feita para ter filhos e uma vida doméstica. O espírito dela precisava ser livre, ou ela se sentiria aprisionada dentro da própria vida.

— Você está arrumando desculpas para ela?

— Mia, ela te amava.

Bufei.

— É esse o nome que você dá? Ir embora e deixar as filhas? Amor? Ela não sabia o que é amor. — Agora que tinha Wes, eu tinha certeza disso. Quando você ama muito alguém, se preocupa mais com a felicidade do outro do que com a sua. Você faz sacrifícios que beneficiam a pessoa amada, não a si mesmo. Claro, é preciso dar e receber, mas tudo isso tem a ver com compartilhar a sua vida, fazer parte de uma família. — A minha mãe não sabia o que é amor, Millie — repeti.

— Não diga isso. É só que a Meryl nunca teve uma cabeça totalmente normal. Era assim desde pequena.

Naquele momento, decidi que ela precisava de um choque de realidade a respeito de sua querida irmã.

— Já ouvi o suficiente. Me faça um favor. Por que você não investiga Maxwell Cunningham mais uma vez?

— O seu último cliente? Eu já investiguei. Você sabe disso. — Seu tom era

entediado, irritado.

— Faça isso, Millie. Cheque os registros de nascimento dele.

A linha crepitava enquanto eu caminhava para a porta, de volta para dentro do hospital. Eu precisava de uma dose de cafeína.

— Mia, você não está falando coisa com coisa. Registros de nascimento?

— Sim.

— E o que você espera que eu encontre?

Eu ri. Ronquei como um porco, gargalhei feito uma hiena, balançando todo o meu corpo. Vários médicos que passavam pelo corredor olharam para mim como se eu tivesse adquirido asas e anunciado que era uma fada. Eu não me importava. O delírio não era algo incomum nos nossos tempos, e imaginei que aqueles caras lidavam com doenças mentais o suficiente para ignorar aquela cena.

— Você vai descobrir que o nome da mãe de Maxwell Cunningham é Meryl Colgrove. O nome do pai é Jackson Cunningham.

— O quê? Isso deve ser algum tipo de piada. Não pode ser. Alguém está mentindo para você. — O pavor e o choque em sua voz eram genuínos. Pelo menos ela não estava sabendo da depravação da irmã.

— A Meryl foi embora e abandonou o filho quando ele tinha um ano. Três anos mais tarde, ela se casou com o pops, e um ano depois disso eu nasci.

Eu não estava pensando em repassar a árvore genealógica da merda da família, mas ela me fez chegar ao limite ao defender uma mulher que não merecia isso.

— Não é possível. Eu saberia... — ela disse, em um suspiro.

Assim que entrei na cafeteria, me arrastei até a máquina de café, coloquei cinquenta e cinco centavos nela e um copo de papel na saída. O café era horrível, mas ajudava a me manter acordada. Bem, por cerca de uma hora, então eu precisava caminhar novamente até a máquina feito um zumbi. Era uma das rotinas que eu repetia várias vezes ao dia.

Respirei fundo e encostei a testa na cafeteira enquanto ela zumbia, começando a funcionar e derramando o café. O zumbido aliviava minha cabeça dolorida.

— Pode acreditar. E fica pior.

— Mia, não... — Ela chorou, fungou e soluçou na linha. Francamente, naquele momento, eu não me importava. Eu tinha passado por mais merdas nas últimas semanas do que qualquer pessoa normal deveria passar. Ela precisava saber a verdade.

— Maxwell Cunningham. Ele não é apenas nosso meio-irmão; ele é irmão biológico da Maddy por parte de mãe e de pai. Você sabe o que isso significa, Millie? Hum? — Minha voz se ergueu, a raiva e a derrota controlando cada palavra. — Significa que a sua irmã traiu o meu pai. Ela teve um caso com Jackson Cunningham dez anos depois que tiveram o primeiro filho e engravidou

da Maddy. Aquela cadela desgraçada fingiu que a Maddy era filha do pops e nunca se preocupou em contar a verdade. É esse tipo de mulher que a sua irmã é. Agora lide com isso. Eu com certeza precisei lidar.

Desliguei o telefone, peguei o copo e bebi tudo de uma vez. O café estava quente o suficiente para queimar a língua, apagando qualquer sabor em seu rastro. Não que eu me importasse. A dor me daria alguma coisa para focar além do apuro absoluto em que meu pai estava.

Tirando uma nota de um dólar do bolso, coloquei-a na máquina e acrescentei dez centavos, posicionando meu copo, agora vazio, e outro para Maddy. Novamente, pressionei a testa contra o zumbido, que durou mais tempo desta vez. Por um minuto, sucumbi à escuridão.

— Jesus Cristo. Meu anjo, venha aqui — ouvi o som mais doce, depois da voz do meu Wes, antes de me virar e ser transportada para os braços maciços do homem que eu agora sabia ser meu irmão.

— Max. — Eu me apoiei em seu peito, agarrei suas costas e deixei as lágrimas caírem. Elas vieram rápidas e furiosas, como uma chuva torrencial, encharcando sua camisa preta, mas ele só me abraçou com mais força. Pela primeira vez desde que recebi aquela ligação, me senti segura. Protegida. — Obrigada. Obrigada por ter vindo — eu disse, entre soluços.

Como se fosse possível, ele me abraçou ainda mais forte. Mais calor cercava meu interior gelado.

— Não tem nenhum lugar no mundo onde eu preferiria estar a não ser aqui, apoiando minhas irmãs em um momento difícil. Conte comigo, meu anjo.

E por um longo, longo tempo, foi o que fiz.

Quando um soluço passou pelo meu peito e chegou à boca, ele se manteve forte. Quando meus joelhos enfraqueceram e eu perdi a capacidade de ficar de pé, ele me levantou. Quando pedi e implorei que meu pai sobrevivesse e apelei para Deus, ele sussurrou as palavras comigo.

Eu nunca tivera alguém em quem me apoiar, uma pessoa que largasse tudo para estar comigo quando eu precisasse. E bem ali, presa em seus braços aconchegantes, ele deixou uma marca em minha alma. Eu tinha um irmão e, agora que havia descoberto isso, não queria mais saber como seria a vida sem ele.



— Mia, meu anjo, você parece uma morta-viva. Precisa descansar um pouco, ou o seu corpo vai parar de funcionar quando você menos esperar.

Eu me afastei do calor de seu abraço, enxuguei os olhos na manga da camiseta e inspirei várias vezes para me acalmar.

— Eu estou bem. Sério, Max, vou ficar bem.

— Não, ela não está bem. — Ouvi a voz de Maddy uns dez passos atrás de nós. Ela olhou e apontou para a máquina de café. — Um desses é para mim?

Assenti e segui seus movimentos enquanto ela incrementava os dois cafés. Ela fez um esforço para adicionar creme e açúcar. Eu só tomava puro, embora odiasse. De qualquer maneira, eu não conseguia sentir o gosto. Era a mesma coisa com a comida. Quase todas as coisas haviam perdido o sabor. E o mundo ao meu redor tinha perdido muito de sua cor.

Maddy caminhou até Max e se aconchegou em seu peito. Era a primeira vez que ela fazia isso. Max colocou os braços ao redor dela e, de forma hesitante, a abraçou e acariciou seu cabelo. Ele fechou os olhos, como se o momento fosse um pouco emocionante. Eu sabia que ele queria estar perto de nós duas, mas tudo no Texas tinha acontecido tão rápido que eles não tiveram muito tempo para se conectar. Logo depois que descobrimos que Maxwell era meu meio-irmão e que Maddy era irmã dele por parte de pai e mãe, recebemos a ligação sobre o estado de saúde do pops e tivemos que ir embora.

Ela levantou a cabeça, descansando o queixo no peito dele.

— Obrigada por ter vindo, Max.

— Como eu disse para a sua irmã, não há outro lugar onde eu preferiria estar agora.

— *Nossa* irmã. — Sua voz tremeu um pouco quando ela disse as duas palavras. Max franziu o cenho.

— O que foi, *docinho*? — *Docinho*. Desde que nos encontrou, ele a chamava de *docinho* e a mim de meu anjo. Eu gostava mais do meu apelido.

— *Nossa* irmã — repetiu Maddy. — Você disse *a sua* irmã. Eu estava só te corrigindo. Nós estamos todos ligados, e eu quero deixar bem claro que não importa quem tem mais sangue igual correndo nas veias. A Mia vai ser sempre cem por cento *nossa* irmã.

Os lábios de Max se franziram.

— Você está absolutamente certa. Eu não quis dizer isso dessa maneira. Desculpe.

*Ele pediu desculpas? O quê?*

— Max, não precisa se desculpar. É sério. A Maddy só está um pouco sensível. As emoções estão muito intensas no momento.

Os olhos de Maddy se estreitaram.

— Não, não estou. Estou dizendo a verdade. Da mesma maneira que você me ensinou quando eu era pequena. Nunca se esconda atrás de uma mentira. Nunca fique calada quando uma informação importante precisa ser discutida. Não quero ficar segurando isso por mais tempo. O Max precisa saber que você é mais importante pra mim do que qualquer coisa neste mundo. Se de alguma forma nós vamos ser uma família, independentemente de qualquer coisa, onde você estiver eu vou estar. É assim que as coisas são. Ponto-final. Não importa quem é o meu pai biológico. — Ela apontou para o corredor. — Aquele homem ali é o meu pai. Um exame de sangue nunca vai mudar isso.

Max respirou lentamente e eu passei o pé pelo piso de linóleo, deixando listras pretas enquanto tentava descobrir a melhor forma de lidar com aquela explosão. Obviamente ela estava se sentindo estranha com relação a seu lugar, na defensiva sobre o nosso relacionamento e em conflito a respeito do pops e de sua descendência.

— Maddy... O Max, a Cyndi, a pequena Isabel e o garotinho que está chegando vieram para *somar* à família Saunders, está certo? Não pense nisso como uma mudança. O fato de eles serem Cunningham não significa que você também seja.

Foi quando Max cometeu um erro fatal.

— Bem, tecnicamente ela é uma Cunningham. Só não sabia disso.

Deu para perceber o instante em que aquela declaração atingiu minha menina. Seu corpo ficou ereto, o peito inchou, e ela pareceu fuzilá-lo com os olhos quando ficou de frente para Max, apontou o dedo — coisa que eu realmente odiava — e cutucou o peito dele várias vezes. *Ai*. Eu sabia, por experiência própria, que aquele dedo ossudo machucava.

— Você está maluco? Eu sei que as coisas no Texas são diferentes, mas ouça bem o que eu vou dizer. Eu sou, sempre fui e sempre vou ser Madison Saunders. Entendeu? Eu estava muito bem sendo essa pessoa, e não vou mudar só porque um teste de DNA provou alguma coisa. Reconheço que estou chocada por ter um irmão e muito feliz com esse fato, mas você não vai me ganhar como um espécie de prêmio de consolação de Meryl Colgrove. Entendeu?

— Minha menina... — Minha própria voz estava irreconhecível com a quantidade de dor contida nela quando abracei Maddy. Ela se colou ao meu peito, e seu rosto foi direto para o meu pescoço.

— Eu sou Madison Saunders! Não sou uma Cunningham — ela soluçou, meu cabelo grosso cobrindo seu rosto como um véu.

— Ei, meu amor, ninguém está tentando mudar você, seu nome ou quem você

é. Você sempre vai ser a minha irmã e filha do pops. Agora nós temos outra parte da família para amar e conhecer. Nada mudou, Mads. Nada. Ainda somos você e eu contra o mundo, tá bom? — Ela assentiu, mas continuou a chorar. — Estou falando sério. O Max não está aqui para mudar nada, não é, Max?

Maxwell limpou a garganta e colocou a mão enorme na nuca da minha irmã.

— Docinho, eu já amo você e a Mia. Vocês são minhas irmãs mais novas, e, a partir do momento em que nos conhecemos, eu tive a consciência de que somos uma família. Eu desejei você e a sua irmã por toda a minha vida. Eu queria uma família grande. Agora eu tenho e estou feliz, querida. A Cyndi, a Isabel e o bebê Jack vão ter duas mulheres incríveis na vida deles, e eu me sinto abençoado por isso. E é por isso que eu estou aqui. Para dar apoio enquanto você e a Mia cuidam do seu pai.

Depois de alguns momentos, Maddy ergueu a cabeça. Segurei seu rosto e enxuguei suas lágrimas.

— Nada mudou, tá?

— Eu s-sinto c-como se t-tudo tivesse m-mudado. — Ela limpou o nariz na manga da blusa. Credo. Nós duas estávamos nojentas.

— Mesmo que pareça, você não deve se sentir assim. Você ainda está na faculdade, vai se tornar a sra. Matthew Rains e vai ter a mim pra sempre. Só que agora você também tem um irmão caubói grande, fortão e rico.

— Bem, todos nós somos ricos — Max falou querendo ser útil, coisa que realmente não era naquele momento.

Ah, caramba. Irmãos deveriam vir com um botão de desligar. Eu ainda não havia tido a oportunidade de contar sobre os negócios da Cunningham Óleo e Gás quando a notícia do pops apareceu.

As sobrancelhas de Maddy se ergueram, deixando uma ruguinha bonita acima do nariz. Quando ela era pequena, eu beijava aquela ruga e lhe pedia para não franzir a testa, pois ficaria daquele jeito e ela odiaria aquilo no futuro.

— Nós não somos ricas, Max — ela zombou. — Estamos muito, muito longe disso.

Ele me lançou um olhar duro.

— Você não contou para ela? — E cruzou aqueles braços enormes sobre o peito.

Eu queria virar uma poça gosmenta ali mesmo. Eu já estava lidando com muito drama para termos aquela conversa naquele momento. Primeiro Millie, agora Max e Maddy. Meu Deus do céu.

— Me contar o quê? — Maddy pressionou.

— Max, os últimos acontecimentos foram muito graves. Eu não precisava acrescentar mais uma complicação.

— Que complicação? — Maddy perguntou.

— Não é realmente uma complicação. É mais um benefício — Max

acrescentou.

— E o que seria? — ela quis saber.

Eu estava muito cansada para descobrir uma maneira de facilitar as coisas para ele, e Max parecia entusiasmado, então, por que não? Em vez de participar, saboreei o café cremoso, que reconhecidamente tinha um sabor melhor quando outra pessoa o preparava — ou poderia ser a adição do creme e do açúcar —, enquanto via Max explicar a Maddy que nós três teríamos uma porcentagem da Cunningham Óleo e Gás, embora eu tivesse conseguido que ele concordasse em dividir minha parte para que metade ficasse com Maddy. Assim, ele ainda ficaria com cinquenta por cento da empresa. Era seu direito de nascença e seu legado, não era algo pelo qual nós crescemos esperando. Cada uma de nós teria quase vinte e cinco por cento, o que nos daria uma quantidade insana de dinheiro, mas não nos forçaria a tomar decisões diárias nem a trabalhar no negócio, se não quiséssemos. Eu com certeza não queria. Maddy, por outro lado, com sua formação, talvez pudesse se interessar no futuro.

Depois que Max contou os detalhes, ela ficou lá, talvez em estado de choque ou perdida em pensamentos. Eu não podia ter certeza.

Finalmente a ficha pareceu cair, porque o rosto dela se iluminou. As bochechas ficaram rosadas, e a personalidade brilhante da minha irmãzinha veio à tona.

— Eu tenho quase vinte e cinco por cento de uma das maiores empresas de petróleo e gás do país.

— Sim, senhora. — Um pequeno sorriso surgiu nos lábios de Max.

— Fala sério! — Ela colocou as mãos juntas no peito. — Isso é surreal.

— Ter duas irmãs é surreal. É direito seu ter uma parte dos negócios da família — Max anunciou, orgulhoso.

— Então quando eu terminar a faculdade, se quiser, posso ir trabalhar na empresa? — Assim como eu suspeitava, minha irmã inteligente poderia se interessar por aquilo.

Max riu.

— Claro. Eu adoraria que vocês duas viessem trabalhar na sede, em Dallas.

Eu me encolhi e balancei a cabeça.

— Desculpe, essa garota de Vegas aqui agora é californiana.

— Vamos ver. — Max sorriu e colocou os braços ao nosso redor. — Por enquanto, porém, eu preciso comprar comida de verdade para as duas. — Ele cheirou meu cabelo. — E você precisa de um banho. E de pelo menos quatro horas de sono.

Tanto Maddy quanto eu íamos protestar, mas ele nos levou até o quarto do pops. Nada mudou nos cerca de quinze minutos em que ficamos na cafeteria.

— Nós não podemos deixar o pops sozinho — Maddy protestou.

— E não vão deixar. Eu falei com o seu noivo. Ele e a mãe estão vindo para

dar uma folga a vocês. Eles vão ficar aqui com o seu pai enquanto vocês descansam um pouco. Sem discussão. Vocês não vão ajudá-lo assim. Eu tenho certeza de que ele ficaria muito preocupado se soubesse que vocês não estão se cuidando. — O tom de Max era firme.

Emiti um som que estava entre uma risada e um arquejo, mas não respondi. O pops preocupado. Ele definitivamente nos amava, mas geralmente estava tão embriagado que nem notaria se Maddy e eu passássemos um dia sem comer.

Uma vez nós não comemos durante dois dias. Eu tinha doze anos, o que não era idade suficiente para trabalhar, e Maddy tinha sete. Nós consumimos tudo o que havia em casa, incluindo farinhas e enlatados. Depois que dois dias inteiros se passaram sem nada para comer, fiquei desesperada. Então caminhei até a rua principal, onde ficava o bufê de um cassino muito movimentado, e, quando ninguém estava olhando, enchi a bolsa com pãezinhos e pedaços de frango. Dei um jeito de ficar bem perto de uma família que tinha crianças, e ninguém percebeu. Maddy e eu comemos durante três dias o que roubei, até que o pops voltou de sua farra e abasteceu a casa de mantimentos novamente. Fiz isso várias vezes ao longo dos anos quando ele ficava mal. A resposta à afirmação de Max seria um grande “não”. O pops provavelmente não teria notado que nós estávamos sofrendo e cansadas, nem nada disso. Max me conhecia havia um mês e à Maddy havia uma semana apenas, e já sabia as nossas necessidades.

Lideradas por um irmão superprotetor, Maddy e eu o deixamos nos arrastar para o hotel, com duas camas macias, que ele havia reservado para nós fazia uma semana. Uma suíte na qual não tínhamos dormido nem uma vez. Só a usávamos para tomar banho. E, se o cheiro que dominava o ambiente fosse alguma indicação, não foram muitas vezes. Max estalou os dedos e se sentou na cama.

— Vocês duas, chuveiro, agora. — Ele apontou para Maddy e para mim, depois pegou o telefone. — Sim, eu gostaria... hum, espere um instante. Vocês gostam de hambúrguer?

Minha boca se encheu de água com o pensamento de um hambúrguer coberto de queijo. Fazia dias que eu estava sem apetite. Não havia comido nada que se parecesse com uma refeição. Tinha sido uma dieta rigorosa que consistia em café, barras de chocolate e mix de castanhas. Ah, a sogra incrível da Maddy trazia comida todos os dias, mas eu não conseguia me forçar a comer. O pops não estava comendo, por que eu deveria? Com alguns quilos a menos e um estômago que estava quase desenvolvendo uma gastrite, percebi que eu não serviria para nada se continuasse assim.

— Hambúrguer está ótimo, Max, obrigada — respondi, e Mads simplesmente assentiu. Pela forma como ela caminhava e os ombros caídos, eu podia dizer que estava perdendo as forças, e o peso de tudo aquilo estava começando a se mostrar.

Como era uma suíte com dois quartos, havia dois banheiros. Tomei banho em um, e Mads no outro. Quando saí, usando uma camiseta masculina e uma cueca boxer limpa, me sentei na penteadeira. Não pensei em vestir pijama; aliás, nem havia trazido um. Arrastei-me até a sala, onde Maddy se sentou segurando um hambúrguer gigante. Ela também estava usando camiseta e cueca boxer.

— Gêmeas — brinqueei, e Maddy quase engasgou com a comida quando riu.

— Eu tinha que dar alguma coisa pra vocês vestirem. Vocês não trouxeram pijama. O que estavam usando para dormir?

Olhei para a janela para evitar a questão.

Maddy preferiu a honestidade.

— Max, nós estamos ficando no hospital.

Ele virou rapidamente a cabeça e segurou os joelhos.

— Quer dizer que vocês não dormem em uma cama desde que saíram do rancho?

Maddy, que Deus a abençoe, não entendeu o tom de advertência na voz dele.

— É. Na maioria das noites, eu cochilei no sofazinho do quarto, e a Mia na cadeira.

Seu olhar se voltou para o meu.

— Você está dormindo em uma cadeira há uma semana? — ele apontou para mim. — E você — se dirigiu a Maddy — deve ter se contorcido feito um pretzel para encaixar esse tamanho todo em um sofá de dois lugares. Pelo amor de Deus, não é de admirar que vocês duas pareçam mortas. Onde estão seus homens que não veem isso? — Ele fez uma carranca profunda e apertou os joelhos com mais força.

— Boa pergunta — murmurei enquanto mastigava uma batata frita. Tinha a crocância perfeita, sal proporcional à quantidade de gordura e era simplesmente deliciosa. Depois de comer pelo menos dez delas, peguei o hambúrguer.

Maddy engoliu e então falou:

— A Mia não quis ir embora. E eu não quis deixar a Mia. Nós estamos juntas nisso, certo, mana? — ela perguntou, como se ver nosso pai morrer fosse algo que precisássemos marcar na nossa lista de solidariedade fraterna. Mas foi meigo. Eu sabia que ela queria tanto quanto eu que o pops sobrevivesse, mas também temia o que poderia acontecer quando ele descobrisse que não era o seu pai biológico.

Max se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Bem, eu vou ficar aqui por cerca de duas semanas, a não ser que ele melhore antes. Depois tenho que voltar para a Cyndi. Não posso ficar longe de casa no último mês de gravidez. Bem, talvez eu devesse trazer as meninas para cá. Assim nós ficaríamos todos juntos, não importa o que aconteça.

Será que tinha como ele ser um ser humano mais generoso? Acho que não. Jamais conheci um homem como ele, e provavelmente nunca conheceria. Sim,

eu conheci alguns homens muito especiais durante o último ano, aqueles que poderiam ser considerados meus melhores amigos, amantes excepcionais e *algo mais* em alguns casos. Max, porém, era único. Seu amor pela família rivalizava com o de Tai e seu clã samoano, no Havai. Eles eram um grupo unido, mas a ferocidade de Max, a maneira como ele se portava, o jeito como adorava Maddy e a mim, cuidava de nós como se realmente desejasse aquilo para sempre, significavam muito mais. Realmente não havia como descrevê-lo sem parecer um cartão Hallmark excessivamente sentimental.

Durante os dez minutos seguintes, comemos com Max apontando para o prato cada vez que uma de nós parava para respirar, se recostava ou se inclinava no sofá. Ele queria os pratos limpos e não aceitaria desculpas. Finalmente, Maddy e eu ficamos satisfeitas. Antes que eu percebesse, estávamos encostadas uma no ombro da outra, os olhos tão pesados que era impossível mantê-los abertos.

— Meninas, vamos lá. — Max me cutucou, mas eu simplesmente me inclinei mais para o lado de Maddy. Seu peso deixou minha lateral e eu estremei com a mudança de temperatura. Meus olhos estavam pesados demais para se abrirem. Eu precisava de alguns minutos para descansá-los, depois ficaria como nova.

Do nada, me senti leve, como se tivesse asas e fosse para um destino desconhecido. Depois de alguns solavancos, fui depositada em uma nuvem, com camadas macias de algodão, e um edredom de plumas fofinho foi colocado sobre mim. Esfreguei o rosto contra ele, desejando nunca mais abrir os olhos.

— Só alguns minutos, depois eu vou voltar — murmurei.

Algo quente e úmido pressionou minha testa.

— Certo, meu anjo, só alguns minutos. Claro. — Max disse mais alguma coisa, mas eu não entendi.



Quando acordei, não estava completamente escuro ainda. Sentei-me e olhei para a cama ao lado da minha. Maddy dormia profundamente. Eu me levantei. No segundo em que meus pés tocaram o tapete felpudo, fiquei completamente zozna. Eu estava mais que cansada — absolutamente exausta. Eram sete horas.

Putá merda, nós tínhamos apagado por mais de oito horas. O pops!

Lembrar que meu pai continuava lutando pela vida me fez entrar em ação. Coloquei uma calça jeans, uma camiseta com decote V, um par de meias limpas e meu Converse. Vestida e em movimento, fiquei pronta em cinco minutos, no máximo. Na mesa de cabeceira, encontrei um elástico de cabelo e fiz um rabo de cavalo enquanto saía do quarto. Max estava sentado no sofá assistindo à TV.

— Você acordou.

— Eu apaguei por oito horas, Max! — rosnei, seguindo até o balcão para pegar

a chave do quarto e minha carteira.

Maxwell não pareceu perturbado pela minha pequena explosão.

— Você precisava disso.

Há momentos na vida em que se deseja dar um soco na cara de uma boa pessoa. Aquele era um desses momentos, mas eu não fiz nada a respeito.

— Eu *preciso* ficar com o meu pai. E se ele acordar e estiver sozinho? Pior, e se ele... — Eu não podia nem pensar nas palavras, muito menos dizê-las.

Max se levantou e colocou as mãos na minha frente, me silenciando com o gesto.

— Relaxe. Acabei de falar por telefone com o Matt e a Tiffany, mãe dele. Não houve nenhuma mudança.

— Você devia ter me acordado em poucos minutos! — gritei e coloquei a mão na maçaneta. — Como posso confiar em você, se você não me escuta quando eu peço algo tão simples quanto isso? — Aquele foi meu tiro de misericórdia enquanto eu saía do quarto e tentava bater a porta. Mas, como estávamos em um hotel, a porcaria fechou devagar, devido ao sistema hidráulico eficiente. O nível de raiva dentro de mim aumentou exponencialmente.

— Mia! — ouvi Max gritar enquanto eu corria até o elevador e apertava o botão sem parar. Aquilo não fazia a coisa subir mais rápido, mas me fazia sentir muito melhor.

Max saiu do quarto e caminhou cautelosamente até o meu lado.

— Mia, desculpe. Você realmente precisava dormir. Liguei o tempo todo para eles para me certificar de que, se houvesse qualquer mudança, nós poderíamos chegar lá em dois minutos. Eu nunca tentaria controlar você.

Revirei os olhos e cruzei os braços.

— Tá. Bem, o que você quer que eu diga? Estou preocupada com o meu pai. Não sei onde o meu namorado está, não tenho notícias dele há duas semanas.

— Faz duas semanas que você não tem notícias do Weston?

— Será que eu não estou sendo clara? Cacete. — Levei a mão à testa, pois a dor, sempre presente, estava voltando.

Max franziu o cenho e colocou a mão em meu braço.

— Vou dar alguns telefonemas. Se alguém pode descobrir alguma coisa, é a Aspen. Ela tem vários contatos na indústria do cinema. Será que isso ajuda?

Uma oferta de paz? Eu aceitaria.

Assenti.

— Sim, obrigada. — A porta do elevador se abriu e eu entrei. Ele permaneceu no corredor.

— Vou esperar a Maddy acordar — disse.

— Não a acorde. Ela precisa descansar.

Seus olhos se arregalaram e ele sorriu.

— E você, não? Entendi... Você pode decidir as coisas pela Maddy, mas,

quando eu tento ajudar, sou um idiota? — Ele abriu aquele sorriso torto que eu sabia que fazia Cyndi desmaiar.

— Eu sou a irmã mais velha — reagi, como se isso respondesse a todas as perguntas do universo.

Ele apontou o polegar para o próprio peito.

— Irmão mais velho. — Riu e eu sorri pela primeira vez em uma semana.

— Sim, mas é um título novo. Você precisa conquistar esse tipo de poder, Maximus.

Seus olhos brilharam quando ele segurou as portas do elevador para que não se fechassem.

— E eu pretendo fazer isso pelo resto da vida, meu anjo.

Ele deixou a porta se fechar e acenou antes de voltar para o quarto. Max tinha deixado as coisas claras. Ele estava conosco e não aceitava que não fôssemos uma família unida e feliz. Havia ganhado duas irmãs. Uma relação de sangue vinda de seus pais. Algo que ele não tinha apenas algumas semanas antes. Ele era o tipo de cara que se doaria por completo a Maddy e a mim. Caramba, ele já estava fazendo isso, mas eu não estava com a cabeça no lugar, e meu coração estava repleto de preocupação, então eu não conseguia expressar quanto sua presença significava para mim. Quando o ano acabasse, eu me empenharia para participar intensamente da vida dele. Eu faria o que pudesse. Haveria tempo para isso. Assim eu esperava.



— Eu trouxe presentes! — Ginelle desfilou pelo quarto do hospital. Em um dos braços havia uma planta, não flores, e no outro um saco de papel marrom misterioso.

Ginelle colocou o vaso de suculentas perto de alguns buquês de flores, caminhou até o pops e beijou sua testa, ciente dos tubos ao redor dele.

— Acorda, coroa. As suas meninas estão envelhecendo enquanto olham você dormir — ela disse.

Era bem o jeito de Gin: doce e sarcástica ao mesmo tempo. Ela observou o rosto dele por um momento, como se estivesse esperando vê-lo fazer o que ela pediu e abrir os olhos. Ele não o fez. Com um aceno, ela se virou e olhou para mim, a cabeça inclinada para o lado. Me deu mais uma olhada e estalou a língua.

— Bom, você parece um pouco melhor. Ainda está uma merda, mas deve ter dormido um pouco e finalmente nos abençoou com uma ducha. — Ela se inclinou para a frente, cheirou meu cabelo e falou em voz alta: — Sim, cheirosa como uma margarida.

Empurrei seu peito e sorri.

— Cala a boca, vadia. O que tem nesse saco?

Piscando rapidamente, ela levantou um dedo.

— O que você quer dizer?

Dei um meio sorriso, me sentindo mais leve em sua presença. Gin balançava os quadris e os braços, fazendo uma verdadeira cena para se sentar no sofá e tirar os itens de seu pacote de presentes.

— Ok. Como já faz mais de uma semana que você não tira essa bunda flácida do quarto, eu trouxe umas coisas pra você passar o tempo. — Gin pegou cada item e me mostrou. — Baralho, palavras cruzadas, sudoku...

— Sudoku? Que raio é isso?

Ela deu de ombros.

— É um tipo de jogo de matemática.

— Você trouxe um jogo de matemática? Pra *mim*?

Gin sorriu e virou algumas páginas do livro.

— Sei lá. Tinha um cara lindo trabalhando no supermercado, e nós meio que começamos a conversar. Eu contei o que estava procurando e ele apontou para essa merda. Eu só peguei tudo e fiquei paquerando o cara. — Ela olhou para fora da janela, como se estivesse lembrando o momento. — Enfim, ele disse que era o seu favorito, que adorava preencher todos os quadradinhos, blá-blá-blá. Na

verdade eu estava mais interessada em olhar para a boca do cara e imaginar quando ele ia colocar aqueles lábios na minha... — E apontou para a virilha.

— Gin! — Olhei para o pops. — Amiga, ele pode te ouvir.

Suas sobrancelhas se franziram.

— Sério? Você acha?

— Acho. Então não fale sobre querer que um funcionário do supermercado faça *you know what*. — Fiz um gesto para o meu próprio sexo.

Ginelle revirou os olhos.

— Que seja. Enfim, a Mads pode fazer um desses. — Boa ideia. Maddy era o cérebro da família. — Eu também trouxe algumas revistas de moda e, claro, a sua favorita... — Ela levantou um exemplar da *Street Bike Magazine* e o balançou na frente do meu rosto.

Havia uma coelhinha da *Playboy* na capa, encostada de lado na supermoto Yamaha YZF-R1. A moto era tão impressionante quanto uma estrada deserta depois da chuva. Tinha a lataria azul-royal e muito metal cromado, para cegar os caras que olhassem para ela enquanto deveriam estar dirigindo. O motor de quatro cilindros e dezesseis válvulas era uma maravilha técnica, com seu virabrequim, bielas de titânio e câmaras de combustão compactas. Aquela máquina sexy pesava uns duzentos quilos. Eu daria meu seio esquerdo para ter algo tão lindo. Errr, acho que não. Bem, talvez.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Minha melhor amiga era a mais incrível de todas.

— Obrigada, Gin — falei, a voz nublada de emoção.

Ela cruzou as pernas pequenas e torneadas, se recostou e abriu bem os braços.

— Então me atualize. Cadê o surfista? Por que ele não está aqui?

Com aquela pergunta, o peso emocional do mundo voltou aos meus ombros. Eu havia entrado em contato com Judi, a governanta de Wes, e até conversei com a irmã dele, Jeananna, e a mãe, Claire. Ninguém tinha notícias, e todo mundo estava começando a se preocupar. Eles não achavam tão incomum que Weston não fizesse contato, mas o fato de eu não ter falado com ele fez com que se alarmassem. Especialmente porque tínhamos nos comprometido e eu havia me mudado para a casa dele. Estávamos loucos para passar algum tempo juntos. Ele deveria estar em casa quando eu terminasse meu trabalho no Texas, e eu esperava encontrá-lo antes de passar para o cliente número nove. Mas não tive nenhuma notícia.

Finalmente liguei para Jennifer, a esposa do diretor, Jay. Ela estava no último mês de gravidez, então o marido não tinha ido com Wes, motivo pelo qual meu namorado precisou ficar por mais tempo que o esperado. Acontece que ele estava assumindo o papel de diretor principal. A última coisa que Jay ouvira falar veio de um assistente, que havia dito que as coisas estavam indo bem, mas que eles não tinham como fazer ligações ou acessar a internet. Eles estavam nas ilhas

do Sudeste Asiático com uma pequena equipe de filmagem, cerca de quinze pessoas — uma das quais era Gina DeLuca. Fazia sentido, ainda que me machucasse e o coração ficasse apertado ao ouvir aquilo. Eu sabia que a personagem dela fazia parte de um triângulo amoroso e, como um dos atores faleceu, ela teve que refazer todas as cenas, mas isso não respondia quando eles voltariam ou por que ele não tinha como ligar.

— Eu só sei que ele está no interior da Ásia fazendo uma refilmagem, mas não tive nenhuma informação a mais.

— Ele devia estar aqui, Mia. Isso não está fazendo o Wes ganhar pontos com a sua melhor amiga. A cada dia que ele não aparece, a minha lista de reclamações vai aumentando.

Suspirei e passei a mão na nuca, tentando desfazer alguns nós de tensão.

— Acredite em mim. Ele estaria aqui se soubesse o que está acontecendo. A caixa postal do celular dele está lotada. Nem toca mais; a ligação vai direto para a mensagem que avisa que a caixa está lotada, pedindo para tentar novamente mais tarde.

— Você acha que tem alguma coisa errada? — Seus olhos se voltaram para os meus com suavidade, e os lábios bonitos se comprimiram em uma linha reta.

Olhei pela janela e, em seguida, para meu pai. Apesar de me doer muito falar, admiti para ela que achava que tinha algo muito errado.

— Sim, Gin. Eu tenho a sensação de que alguma coisa ruim aconteceu e ninguém sabe.

— Será que a gente devia chamar a polícia ou algo assim?

— É muito cedo pra saber. Perguntei pra família dele, e eles não querem que nada apareça na imprensa caso algum policial vaze a informação, mas, francamente, eu não dou a mínima pra isso. Na minha opinião, quanto mais pessoas souberem, melhor. Mas talvez eu esteja sendo egoísta. Não conheço muito o negócio pra saber se isso é incomum. Eu posso estar exagerando. Tenho certeza de que está tudo bem. Tudo bem — falei duas vezes, tentando me vencer, apesar de não conseguir afastar a sensação ruim.

Gin juntou as mãos, apoiou os cotovelos nos joelhos e o queixo nos dedos entrelaçados.

— O que você vai fazer? — Ela não disse isso para me machucar, mas saber que não havia nada que eu pudesse realmente fazer enviou uma flecha direto no meu coração. O homem que eu amava estava desaparecido, incomunicável havia quase três semanas, e ninguém tinha notícias dele. E o pior: eu parecia ser a única realmente preocupada. Talvez fosse só um indício de que eu estava fazendo tempestade em copo d'água.

Dei de ombros e me inclinei para trás na cadeira, apoiando a cabeça no plástico duro e olhando para o teto.

— Não sei. O Max ficou de ligar para a Aspen Reynolds, uma amiga dele...

— Espera, o quê? Para tudo. Volta a porcaria dessa fita. *A Aspen Reynolds?* Aspen Bright-Reynolds, da AIR Bright Enterprises? Aquela que tem a filhinha mais linda do mundo, chamada Hannah?

— Hum, sim. E é realmente estranho que você saiba tanto sobre uma mulher que eu acabei de conhecer.

Ela ficou de pé.

— Você conheceu? — Sua mão foi até os quadris e ela fez uma pose bem irritada. *Ah, não, cara, eu não preciso desta merda hoje.* A atitude de Gin só podia ser manejada em pequenas doses, e eu não tinha sanidade para lidar com aquilo naquele momento. — Não acredito em você. Eu juro, o tempo todo você está em situações nas quais poderia me ajudar, a sua melhor amiga, a sua vadia número um, mas é como se eu fosse uma completa desconhecida!

Pressionei as mãos nas têmporas.

— Gin, me conta por que o fato de eu conhecer a Aspen é tão importante.

Ela fez um som que variava entre um gemido e um engasgo.

— Ela é a número um na indústria do entretenimento. Modelos, revistas, atrizes, grandes shows em Vegas... — Deu ênfase à última parte.

— Então ela é responsável por alguns shows e você gostaria de estar em um deles? — perguntei com todas as letras, para que pudéssemos chegar mais rápido ao motivo da sua frustração. Quanto mais rápido eu lidasse com aquilo, melhor.

— Você faz soar como se eu estivesse sendo gananciosa ou algo assim. Sério, a Aspen trabalha com muitas coisas no nosso mercado. Todo mundo a conhece. Ela é uma das mulheres mais ricas do mundo e só tem trinta anos! — Sua voz se elevou conforme a animação aumentava.

Lembrei de quando conheci, no rancho, a loira de pernas longas. Ela era legal, usava roupas muito finas, mas as combinava com chinelos. Aquilo me mostrou que roupas eram apenas algo que ela precisava usar, como todo mundo, mas que ela gostava de conforto depois de um longo dia de trabalho. A loira também morava em um rancho modesto em um lugar afastado, fora de Dallas — perto de Max. Eles tinham um bom rancho, mas não era como o *estilo de vida dos ricos e famosos* ou algo assim. Era um lugar agradável, um pedaço de terra incrível, com cavalos, alguns novilhos, mas, principalmente, um lugar tranquilo para uma família de três pessoas viver.

— Ela pareceu bem normal pra mim.

Ginelle balançou a mão no ar.

— Ela não é normal. Perfeita, sim. Normal, não. Ela é literalmente o meu crush feminino.

Apertei os olhos.

— Achei que eu fosse o seu crush feminino. — Fiz beicinho.

Um pouco da tensão deixou o quarto quando Gin riu e se jogou para trás na cadeira.

— Ela é o meu crush feminino de fantasia. Você acha que pode me apresentar pra ela?

— Sim. Se nós formos à fazenda do Max e ela estiver em casa, é claro que eu posso.

Ela juntou as mãos e olhou para a parede atrás de mim com ar sonhador.

— Seria fantástico.

Que seja.

— Você é louca.

— Hum, louca — ela gemeu.



No dia seguinte, meu celular tocou enquanto eu tirava as flores mortas do arranjo que o pops tinha recebido. As margaridas que Judi Croft enviou em nome de Wes, apesar de ele ainda não saber o que estava acontecendo, estavam crescendo fortes. Suas pétalas brancas e miolos amarelos me faziam lembrar tempos realmente bons. Eu esperava que fosse uma metáfora para a resiliência do nosso relacionamento, do amor dele e, o mais importante, de sua vida.

Olhei para o telefone, mas o visor indicava número restrito. Atendi.

— Alô?

— É Mia Saunders? — a mulher perguntou.

— Sim, é ela. Quem é? — Os pelos da minha nuca se arrepiaram. Algo estava errado. Senti aquilo quando o hospital ligou a respeito do pops, e a sensação era a mesma.

— Aqui é Aspen Jensen. Lembra que nós nos conhecemos... — ela começou, mas eu a cortei.

— Sim, oi. Desculpe, Aspen. Eu não reconheci a sua voz. Está tudo bem?

Um tempo de pausa soou através da linha.

— Mia, eu não sei como te dizer isso, mas o Max me pediu para checar o paradeiro do Weston.

Pavor. Nada além de um muro negro e cruel de pavor apertou meu peito, de ambos os lados, como se me prendesse entre duas placas de metal. Lutei para recuperar o fôlego.

— Eu sei, ele me disse. Eu agradeço por você usar os seus contatos. Você descobriu alguma coisa? — perguntei, sabendo, apenas *sabendo* que o que ela estava prestes a contar iria me machucar.

— Mia, querida, a equipe inteira está desaparecida. Bem, não exatamente todos eles. Meu informante descobriu que, enquanto estavam filmando em uma ilha do Sudeste Asiático, três barcos cheios de homens armados chegaram. Eles fazem parte de um grupo terrorista radical, extremista religioso. Os homens

desceram dos barcos alegando que iam purificar as terras e usariam os americanos como exemplo.

Ela fez uma pausa por alguns momentos, limpou a garganta e continuou:

— Querida, eles atiraram em nove membros da equipe, e sete deles morreram. Roubaram os equipamentos e capturaram os seis restantes. Dois feridos foram levados para o hospital. Um deles morreu durante a cirurgia. O outro ainda está lutando pela vida. Mía, os seis restantes estão sendo mantidos reféns. Querida... eu estou tão triste. O nosso governo está cuidando disso. Até o presidente se envolveu.

*Ai. Meu. Deus.*

— Não estou entendendo. Você está querendo me dizer que ele pode ter sido morto, ou está lutando pela vida no hospital, mas também pode estar sendo mantido refém por terroristas? — Um carço do tamanho de uma bola de golfe se formou em minha garganta quando a gravidade da situação me atingiu.

Sua voz falhou, e eu podia dizer que ela estava chorando.

— Eu sinto muito, muito... — Em seguida, o telefone ficou em silêncio por um momento e uma voz masculina entrou na linha.

— Mía, é o Hank. Eu sei que você deve estar assustada pra caramba, mas nós não sabemos se ele foi um dos homens mortos ou capturados. Ele pode estar vivo. Estamos fazendo o possível para conseguir informações.

Desabei no chão conforme Max entrava no quarto.

— O que é isso?! — Ele me levantou, me sentou no pequeno sofá e, em seguida, pegou o celular. — Aqui é Maxwell Cunningham. Com quem estou falando? — Ele parou de falar e ouviu por um longo tempo. Seu corpo pareceu endurecer como uma pedra. Sua mandíbula se apertou e ele rosnou entredentes: — O que está sendo feito? Eu quero informações. Preciso do nome dos homens que morreram e do que está no hospital. Eu preciso dessa informação para ontem, Hank. Você ou a Aspen tem algum contato no governo?

Enquanto eu observava Max andar, suas botas de caubói pesadas batendo no piso de linóleo, me dei conta. Eu tinha conexões com o governo. Warren Shipley. E o homem me devia um favor enorme, já que eu não mandei seu filho para a cadeia depois que ele tentou me estuprar.

— Eu tenho — falei. Sabei mais como um sussurro, visto que eu tinha uma bola gigante de medo entupindo o caminho. Max continuou falando, mas colocou a mão sobre o receptor.

— Só um minuto. O quê, mana?

Afastando o peso esmagador e o desejo de me enrolar em uma bola e chorar sozinha, eu me sentei.

— Hum, o meu cliente de junho. Warren Shipley. O filho dele é um dos senadores da Califórnia, e o Warren faz negócios com o alto escalão do governo e com outros países. Ele conhece o presidente. Tem uma foto dos dois no

escritório dele. E ele me deve um favor.

Os olhos de Max se estreitaram e sua boca se torceu em uma careta. Eu não ia compartilhar o motivo pelo qual um ricoço da alta sociedade me devia um favor. Jamais faria isso. Superei. Deixei aquilo no passado e estava bem física e mentalmente. Até isso acontecer.

Ter um plano, qualquer plano, me ajudou a acreditar que eu poderia passar por isso até que tivéssemos mais informações. Wes, meu lindo Wes. Ele poderia estar nas garras de homens que não tinham consideração alguma pelos americanos, pela nossa política ou nossas crenças religiosas — homens que torturavam e matavam aqueles que não partilhavam de suas crenças. Pior que isso: ele poderia estar morto ou lutando pela vida em algum hospital nos confins da Ásia.

*Meu Deus, por favor, por favor, permita que ele esteja vivo. Por favor, deixe que ele volte para mim.*



Depois de tomar um banho no hotel, me sentei e, tremendo como uma folha na árvore, liguei para Warren. Ele se mostrou feliz ao falar comigo, até ouvir o motivo da minha ligação. Prometeu que usaria todos os seus recursos, incluindo sua relação com o presidente, e que retornaria para mim em um dia, se não antes. Disse que tinha alguns contatos nas Filipinas que eram bons em conseguir informações sobre grupos terroristas. Tão bons que tinham facilitado o transporte de seus materiais para a Ásia no mês anterior, mantendo tudo em segurança.

Senti as próximas seis horas passarem como se estivesse patinando em concreto. As pessoas iam e vinham, ficavam ao meu redor, mas eu não reconhecia a presença de ninguém. Não no sentido mental. Talvez eu tenha assentido, respondido sim e não, mas, na maior parte do tempo, andava pelo hospital e pelo hotel feito um zumbi. Porque eu era um zumbi. O pavor agia como eletricidade sobre minha pele. Se alguém me tocava, eu sentia que estava sendo eletrocutada por um ferro escaldante. Eu não tinha outra opção. Tudo que eu podia fazer era esperar, ter esperança e me preocupar. Meu Deus, a preocupação com a segurança de Wes era física, uma coisa tão assustadora que controlava todos os meus pensamentos e ações. Eu já não era mais eu. Era só preocupação.

Aquilo não me deixava comer. Não me permitia conversar o trivial com as pessoas que me amavam e cuidavam de mim. Não, a preocupação se insinuou até o meu subconsciente, até que a Mia não estivesse mais lá. *Aquilo* vivia dentro de mim, trazendo pensamentos repugnantes para minha mente. Eles se voltavam para imagens do meu lindo Wes encolhido em um canto, nu, imóvel, ferido, com uma dor excruciante, gritando para que o deixassem sair, para que o deixassem

ir embora. Ele sabia que poderia nunca ser solto, que provavelmente morreria ali.

Correndo para o banheiro, coloquei para fora todo o conteúdo do café da manhã. Eu arfava, tentando expulsar aquela besta do mal de dentro de mim, a que fazia o desespero predominar de tal forma que eu não reconhecia mais a beleza. Não conseguia mais ver nada bonito, nem mesmo quando olhava para o rosto da minha irmã. O único rosto no mundo em que eu tinha encontrado consolo até conhecer Wes.

— Wes! — gritei e depois vomitei no vaso. — Volta, droga! Não me deixe aqui. Você me prometeu o paraíso! — berrei, sem perceber que estava no banheiro do quarto onde meu pops lutava pela vida *dele*. Minhas lágrimas escorriam enquanto a bile e o ácido do estômago saíam de dentro de mim.

— Meu anjo! — Max se agachou. Suas coxas se apoiaram nas laterais das minhas costelas, e ele segurou meu cabelo para trás. — Você não está sozinha, Mía. Eu estou aqui, mana. Sempre vou estar aqui. Você não está sozinha — ele sussurrou contra meu cabelo enquanto meu estômago se acalmava. Ele me cobriu com seu corpo como um cobertor, afastando o frio que eu não havia sido capaz de afastar desde que chegara a Las Vegas, mais de uma semana antes. Ajudando-me a levantar, ele me apoiou contra a pia, molhou algumas toalhas de papel e limpou minha boca antes de pegar mais e limpar meu rosto.

— Eu não vou conseguir continuar se ele tiver ido embora — sussurrei.

Max fechou os olhos e pressionou a testa na minha.

— Eu vou cuidar para que você consiga. A Maddy precisa de você. Assim como o seu pai e... Mía, querida, *eu* preciso de você.

— Max, eu amo o Wes.

Ele soltou um suspiro torturado.

— Eu sei, querida. Eu sei... Se algo acontecesse com a Cyndi, eu ficaria louco, mas *você* não pode. Agora não. Nós ainda não sabemos o que está acontecendo. Dê tempo ao tempo. Deixe o seu amigo descobrir alguma coisa. Então, dependendo do que ele disser, nós vamos lidar com isso. Juntos. Tudo bem?

Umedeci os lábios e esfreguei a testa dolorida contra a dele. Passei os braços ao redor de seus ombros, encaixei meu rosto em seu pescoço quente e deixei as lágrimas caírem. Ele me abraçou e me deixou chorar enquanto eu sussurrava todos os meus medos — de que eu tivesse perdido Wes e o pops, de que eu perderia Maddy quando ela se casasse, e, agora que eu tinha Max, acabaria por perdê-lo também. O tempo todo ele me garantiu que nenhuma dessas coisas aconteceria. Disse que era necessário ter um pouco de fé em Deus, na força do pops e do Wes, e que sairíamos dessa mais fortes.

Mais que tudo, eu queria acreditar nas promessas dele. Pela primeira vez na vida, deixei tudo nas mãos de Deus, do universo e de quem mais quisesse ouvir o meu pedido para que as pessoas que eu amava sássem dessa situação sãs e

salvas.



— Querido Deus, hum... eu sei que não rezo muitas vezes e não vou à igreja tanto quanto você gostaria. — Gemi e soltei um suspiro profundo. — Isso é mentira. Você sabe que é. Eu nunca vou à igreja. Não lembro da última vez em que coloquei os pés em uma.

Mordiscando os lábios, eu os pressionei nos dedos unidos e fechei os olhos. Estava inclinada na lateral da cama no hotel. O sol tinha acabado de se pôr, e Maddy e Matt haviam saído para jantar antes de passarem o turno da noite com o pops. Eu deveria estar descansando, mas não conseguia dormir. Wes — a preocupação com ele, o medo constante do que poderia estar acontecendo — era tudo em que eu conseguia pensar. Eu só queria pegar um avião e voar para a ilha onde ele foi visto pela última vez. Mas eu não tinha sequer os detalhes exatos de onde eles estavam. Warren não tinha me ligado e doze horas haviam se passado. Doze horas completas de absolutamente nada.

Nenhuma palavra, nenhuma esperança, nada.

Foi isso que me trouxe para o momento em que me ajoelhei na frente da cama, juntei as mãos em oração e implorei a Deus, com quem eu nunca havia realmente me conectado antes.

— Vou começar de novo, Deus. Eu posso fazer isso, certo? — Balancei a cabeça. — Eu posso fazer isso. Você não se importa. Você sabe que eu não sou perfeita. Certo, aqui vai. — Meu corpo inteiro estremeceu quando comecei novamente. — O homem que eu amo está desaparecido. Eu me recuso a acreditar que ele esteja morto. Acho que eu saberia se ele estivesse. Não saberia? Quer dizer, você faz essas conexões de almas gêmeas, certo? Uma alma gêmea sente a outra de forma indescritível. Portanto, se a minha outra metade não estivesse mais na Terra, eu sentiria. — Esperar para ver se Deus me responderia me fez sentir um pouco oca por dentro. Se Ele pudesse simplesmente enviar uma luz, uma carga de energia, uma onda pulsante, qualquer coisa que me permitisse acreditar que eu estava no caminho certo, eu teria ficado emocionada.

Momentos se passaram enquanto eu esperava. Nada.

Gemendo, soltei um longo suspiro.

— Aqui está o acordo. O Wes significa mais para mim do que eu fui capaz de admitir. Se você o levar embora de mim, eu não vou ter a chance de contar isso pra ele.

Suspirei e busquei a coragem de dizer a Wes o que eu precisava, mesmo que

estivesse fazendo isso através de uma oração.

— Você faz parecer fácil amar alguém, quando, na verdade, é bem difícil. Estar com você é como estar sentada na superfície do sol sem me queimar. O amor que eu sinto por você me mudou. Me fez alguém diferente. Uma mulher digna daquilo que você me prometeu. O nosso paraíso.

Em seguida, as lágrimas caíram.

— Por favor, Deus, por favor, não me tire o paraíso antes que eu tenha a chance de respirar o ar, mergulhar no calor e nas profundezas da sua beleza.

Meu corpo começou a balançar para a frente e para trás, e minhas palavras ficavam cada vez mais sussurradas, como uma oração, um canto.

— *Por favor. Por favor, não tire o Wes de mim.*

— *Não tire o Wes de mim.*

— *Não tire o Wes de mim...*



Várias notificações me arrancaram de um sono profundo. Eu tinha adormecido enquanto me inclinava ao lado da cama, onde me ajoelhei para rezar. A última coisa que eu me lembrava era de estar implorando a Deus para não me tirar o homem que eu amava. Só o tempo iria dizer se Ele teria pena de mim.

A luz do celular piscou na mesinha lateral, onde eu o tinha colocado para carregar. Como uma mulher idosa com artrite em estágio avançado, remexi as articulações e coloquei meu corpo exausto em posição ereta. Erguendo os braços em direção ao teto, girei os dedos dos pés e estendi a mão para cima, alongando os músculos. Várias articulações estalaram e rangeram, protestando contra a última semana e meia sentada em cadeiras de plástico, ajoelhada no chão e sem descanso suficiente.

Sentei na cama, pegando o telefone.

*E se forem notícias de Wes?*

Medo e ansiedade apertaram meu peito enquanto eu olhava para a tela e franzia a testa.

Mas era uma mensagem de Blaine Babaca Pintero.

Bela, bela Mia. Eu não recebi o pagamento. Você me deve.

Eu devo a ele. Que ousadia daquele desgraçado.

Pressionar os dedos nas têmporas não aliviou a tensão que acompanhava a necessidade de lidar com Blaine. A verdade era que eu não tinha o dinheiro, e

não havia chance de consegui-lo em um passe de mágica. Eu não só ficaria sem as cem mil pratas por ter perdido o pagamento deste mês como o pagamento do mês passado tinha ido para o cliente em quem eu dei o cano. Então, tecnicamente, eu estava duzentos mil no buraco, porque ele também não receberia o pagamento no final deste mês. Até o momento eu tinha pagado o correspondente a seis meses. Isso resultava em um total de seiscentos mil do montante de um milhão que o pops devia. Para salvar sua pele e a empresa, Millie não teve escolha a não ser pagar ao cliente número nove os cem mil que eu tinha ganhado de Max em agosto. Normalmente eu só recebia o pagamento no fim do mês, e, como não estava trabalhando em setembro, seriam mais cem mil perdidos. Negócios eram negócios, e um homem que tinha cem mil dólares para gastar com uma acompanhante poderia muito bem processar a Millie. Ela perderia tudo. Mas, no momento, eu era a única que estava perdendo tudo... de novo. Merda!

E agora? Se Wes estivesse aqui, ia se oferecer para pagar a dívida. Claro, ele o faria. Nesse ponto eu não teria nenhuma escolha a não ser aceitar a oferta, pelo menos até ter o dinheiro extra da minha parte da Cunningham Óleo e Gás. Eu poderia pedir o dinheiro a Max. Ele me daria... mas, ahhh, eu não podia fazer isso com ele. Nada a ver uma irmã desconhecida chegar pedindo dinheiro. “Oi, eu sou a sua nova irmã. Obrigada pelos vinte e cinco por cento do seu legado familiar. Pode me emprestar duzentos mil até eu faturar com a sua empresa no próximo ano e poder te pagar?”

Caindo de costas na cama, olhei para a mensagem de texto novamente. Eu só precisava pedir mais tempo.

O pops piorou. Eu não vou trabalhar nesses dois meses. Preciso de mais tempo. Mais cinco meses e eu te pago integralmente.

Imaginei que adicionar a parte de pagá-lo integralmente chamaria sua atenção. Acima de tudo, Blaine era um homem de negócios, e dinheiro era sua kriptonita.

Vamos conversar no jantar. Nosso lugar. Você lembra.

Fui de chateada para irritada num instante. Como ele se atrevia a tentar me fazer sair com ele quando meu pai estava morrendo e meu namorado, desaparecido? Ok, ele não sabia a parte do namorado, mas ainda assim. O que

será que ele estava querendo? Da última vez que estive aqui, ele me convidou para sair. Agora de novo. É como se tivesse esquecido que me traiu, não com uma mulher, mas com duas — ao mesmo tempo —, no mesmo dia em que me pediu em casamento. Quando ele fez o pedido, eu disse que precisava pensar um pouco. Precisava decidir se queria ser uma mulher sustentada pelo marido. Blaine tinha me oferecido o mundo: joias, uma cobertura com vista para a Strip. Disse que eu não precisaria me preocupar com nada, só ficar bonita e cuidar do meu homem. Na época, parecia um negócio e tanto. O bônus foi ele ter se oferecido para pagar a faculdade da Maddy se eu concordasse em ser sua esposa.

Sendo tão jovem, eu precisava pensar a respeito. Por um lado, aquilo me proporcionaria uma maneira de sair do inferno, mas poderia me colocar em outro no mesmo instante. Eu sabia que ele não era só um homem de negócios. Tinha visto as reuniões clandestinas, a estranha necessidade de estar acompanhado de guarda-costas o tempo todo. As pessoas que encontrávamos nos cassinos ou na rua o conheciam ou sabiam a respeito dele, e o que elas sabiam colocava um olhar de medo em seu rosto — um olhar que não podia ser escondido. Nunca me senti bem com isso. Foi só um tempo depois, quando o encontrei com as bolas enterradas em sua recepcionista e a boca provando a boceta suja da irmã gêmea dela, que descobri o que ele fazia de verdade. Quando ele me falou que estava no ramo de empréstimos, não era em uma corretora ou um banco. Era um tipo bem diferente de empréstimo. Do tipo que, se você não pagar integralmente e com juros abusivos, pode cair em águas repletas de tubarões, usando sapatos de concreto.

Esse era o tipo de homem que Blaine Pintero realmente era, e eu tinha a sorte de ter que lidar com suas merdas, pois ele tinha fodido o meu pai e a mim no processo.

Não posso. Meu pai está morrendo. Diga o que você quer.

Eu não negocio por escrito. Jantar. Nosso lugar. Não me desafie. Você vai se arrepender.

O que ele faria que já não tivesse me feito desejar estar morta? Machucar mais o meu pai? Além disso, ele já tinha recebido seiscentos mil dólares. Eu tinha provado que a espera valeria a pena. Fiz um cálculo rápido de cabeça e coloquei os dedos para trabalhar, rezando para que ele mordesse a isca. A sensação de mal-estar no estômago não estava ajudando. Eu precisava comer algo além de um pacote de cream cracker que veio com o sanduíche de Max ontem, se tivesse

que lidar com um babaca feito o Blaine.

Não. Você vai receber o próximo pagamento no final de outubro, com 5% de juros. Isso é tudo que eu posso oferecer.

Li a mensagem várias vezes e, em seguida, cliquei em “enviar”. Sentei, segurando o telefone, esperando o pequeno sinal de que ele havia visualizado. Depois rezei. Intensamente. *Faça-o aceitar o acordo. Me dê essa chance de presente.*

São dois pagamentos atrasados. Sinto muito, bela Mia. Ou você me dá o que eu quero e me encontra para jantar na sexta à noite, ou o preço vai ser alto.

*Merda!* A porta batendo me tirou do devaneio. Maxwell, com seu corpo grande, entrou no quarto.

— Ei, o seu pai está melhor! — ele disse, com triunfo e alegria. Seu peito estava subindo e descendo, como se tivesse corrido cem metros rasos.

Eu me levantei rapidamente, e então uma onda de tontura me tomou. Pequenas estrelas brilhantes pontilharam minha visão quando pisquei algumas vezes.

— O que aconteceu? — Quando me firmei, fui até ele e, juntos, nós saímos do quarto de hotel, pegamos o elevador e fomos para o outro lado da rua.

— Não sei ao certo. O médico só disse que ia tirá-lo do respirador. Parece que está respirando por conta própria.

Parar no meio da faixa de pedestres em uma rua muito movimentada de Las Vegas não era uma boa ideia, mas isso não me impediu de fazê-lo quando ouvi sua declaração. A onda de alívio que me atingiu foi como um tsunami, controlando meu pensamento e travando minha capacidade de seguir em frente. Max riu e passou um braço em volta dos meus ombros.

— Vamos, mana. Vamos ver o seu pai e saber se o médico tem alguma coisa mais para dizer.

Quando entramos no quarto, Maddy estava lá, aconchegada nos braços de seu noivo, Matt. Os pais dele estavam ao lado, dando um apoio silencioso. O médico estava apertando os botões da máquina ligada ao pops. Seu olhar se desviou para mim quando cheguei mais perto.

— Ah, perfeito. Obrigado por trazê-la tão rapidamente, sr. Cunningham — o médico disse para Max, depois se concentrou em mim. — Agora que você e sua

irmã estão aqui, posso dar as informações para as duas juntas. O sr. Saunders parece que começou a respirar por conta própria. Os esforços dele estão fortes o suficiente para que possamos desligar o respirador, para ver se ele vai respirar sozinho ou se o nível de saturação de oxigênio vai ficar abaixo do esperado.

Umedeci os lábios e inspirei lentamente, reunindo meus pensamentos.

— Isso significa que ele está melhorando? A medicação está funcionando?

O médico respirou fundo.

— Não sabemos ao certo, mas definitivamente é um bom sinal. Pela minha experiência, os pacientes que começam a respirar por conta própria acabam se fortalecendo muito mais rápido. O problema, no caso do seu pai, é que ele já estava em coma. Isso nós não sabemos explicar. Todos os exames e sinais vitais estavam normais. Até que ele foi afetado pelo vírus, seguido pelas duas reações anafiláticas, que foram uma agressão sistêmica violenta. Houve também o risco muito real de ele se tornar dependente do respirador. Foi ótimo ele ter começado a tentar respirar sozinho, mas esse tipo de recuperação leva tempo, e nós vamos ter que esperar para ver. Devemos saber mais nos próximos dias, mas eu diria que a perspectiva é muito melhor — ele disse, antes de fechar o prontuário do pops, prendê-lo na cama e sair do quarto.

Maddy caminhou até mim.

— É uma boa notícia, né? — Seus lábios tremeram, da mesma forma que costumavam fazer quando ela era uma menina e tentava ser valente.

Puxei-a para meus braços, e ela envolveu os seus ao meu redor.

— Acho que sim. Eu acho mesmo. O pops é forte. Ele passou por muita coisa, mas tem a gente aqui, esperando por ele. Isso tem que contar para alguma coisa. Tem que ser o suficiente.

Max veio por trás de nós e nos puxou para o calor de seu peito largo.

— É o suficiente. Acreditem, meninas, vocês duas são mais do que suficientes.

— Concordo — Matt disse e sorriu para minha irmã.

Mais um ponto para Matt. Ele esteve ao lado da Maddy o tempo todo, indo embora apenas à noite, quando o horário da visita terminava, e voltava para ficar ao lado dela na primeira oportunidade. Seus pais vinham todo dia e ficavam algumas horas também. A família Rains era incrível. Maddy seria amada por toda a vida por essa família, e todas as crianças que eles tivessem seriam muito paparicadas.

*Bom trabalho, Mia.* Mentalmente, eu me dei um tapinha nas costas. A única coisa que fiz certo. Incentivei minha irmã a ser algo mais, a querer trabalhar para ter tudo o que a vida podia oferecer. Ela estava se esforçando para ter tudo, e eu não poderia estar mais feliz por ela. Agora, se um carma bom brilhasse sobre mim e trouxesse Wes vivo para casa, eu teria tudo também.

Então, peguei o celular do bolso e mandei uma mensagem para aquele homem que eu não queria ver, não importava o custo.

Você vai jantar sozinho na sexta à noite. Aceite isso.

Com um toque do polegar, cliquei em “enviar”. Que se fodam o Blaine e suas merdas.



Naquela noite, recebi o telefonema que estive esperando o dia todo.

— Alô, Warren? — atendi tão rápido que as palavras saíram um pouco confusas.

— Oi, Mía. — A voz dele não estava calorosa, mas não fria também. Estava firme e cheia de tristeza. *Deus, não.*

Sentei na beirada da mesa de centro e me preparei para o pior. Os olhos de Max focaram os meus, e ele se inclinou para a frente, colocando as mãos sobre os joelhos. Apertei sua mão com tanta força que meus dedos ficaram brancos.

— Só me diz a verdade. Ele está morto? — Os dois segundos antes de Warren responder poderiam ter durado uma vida inteira. Nunca vou esquecer o que senti naquela fração de tempo. Destruída. Ferida. Arrasada. Três coisas que eu nunca mais queria estar de novo vieram à tona naquela pequena faísca de pedra contra metal. Felizmente não pegou fogo.

— Não, querida. Ele não está. — Warren inspirou e limpou a garganta.

— Ele está no hospital?

Ele suspirou baixo e profundamente. Não havia mais nada a dizer. Eu sabia. Porra, eu sabia. Ele estava vivo, mas ainda desaparecido. O homem que eu amava, com quem eu queria passar o resto da vida, aquele que levou sete meses para derrubar minhas barreiras, estava sendo mantido refém por terroristas religiosos radicais a meio mundo de distância, e eu estava aqui. Sentada na mesinha de um hotel praticamente colado a um hospital onde meu pai lutava para viver. Meu mundo agora estava mais fodido do que nunca, e eu não fazia ideia de como consertá-lo.

— Me ouça: o presidente e o secretário de Estado estão cuidando disso. A América não negocia com terroristas, mas nós estamos conversando com outros funcionários do governo na Indonésia.

— Indonésia? É onde eles estavam filmando? — perguntei, confusa.

— Não, eles estavam filmando em uma área muito remota, no norte do Sri Lanka. Essa parte da ilha não sofria ataques terroristas desde 2009, e os militares têm uma presença sólida no país, mas não tão longe ao norte. É considerada uma área perigosa.

— Por que raios eles estavam filmando lá, se era perigoso?

Warren gemeu.

— Querida, a equipe de produção descobriu alguns pontos excepcionais para filmar uma cena, e o seu namorado queria rodar a cena perfeita.

*Merda, Wes.* Tentando assumir o novo papel de diretor e elevá-lo à enésima potência.

— Idiota — murmurei entredentes.

— Bem, seja como for, a equipe a ser encontrada inclui Weston e Gina DeLuca, a atriz principal do filme.

— Gina DeLuca — murmurei, seu nome tensionando meus nervos.

— Os terroristas estão com os dois e mais quatro homens. É bem ruim. Mia, querida, tem uma coisa que eu preciso lhe dizer.

Sua voz assumiu um tom mais duro. Do tipo que significava que eu precisava ouvir algo que iria balançar o chão que eu pisava.

Engoli o medo e esperei que ele continuasse. A mão de Max estava quente, enviando apoio e amor enquanto eu a apertava com força, mas ele não mexeu um músculo.

— Um vídeo foi enviado para os militares e encaminhado para nós.

— O que tem no vídeo, Warren? — Arrepios de medo ondularam ao longo da minha coluna e eu me endireitei. Havia um nó tão apertado em meu estômago que eu não podia fazer nada além de prender a respiração.

— É do Weston falando. De joelhos, cara a cara com outro membro da equipe. Eles o forçaram a dizer o que eles queriam. — Sua voz falhou, e algumas respirações irregulares podiam ser ouvidas.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto, como se meu corpo soubesse, antes da mente, que a situação passara de horrenda a desesperadora. Max tentou secar minhas lágrimas, mas eu balancei a cabeça.

Warren limpou a garganta e continuou, estoicamente:

— Hum, ele disse que queria mostrar aos ocidentais, em todos os lugares, o que acontece com quem suja o país deles com políticas liberais vis e crenças religiosas repugnantes. Querida, enquanto o Wes estava falando, um homem mascarado levantou um facão e degolou um dos membros da equipe.

Um soluço escapou dos meus lábios.

— Meu Deus, não. Não, Jesus, por favor, não! — gritei.

Max pegou o telefone, colocou-o no viva-voz e o apoiou sobre a mesa.

— O que ele disse? — rosnou, o urso protetor aparecendo.

— Eles degolaram um membro da equipe na frente do Wes! — chorei, as lágrimas escorrendo como as cataratas do Niágara.

O rosto de Max ficou rígido, os lábios pálidos, formando uma linha dura.

— Fique firme, Mia. Você precisa se manter firme, querida. O que mais, sr. Shipley? Aqui é Maxwell Cunningham, o irmão dela. Você pode falar à vontade.

Warren tossiu e contou que os terroristas tinham viajado de barco com os seis

reféns para a Indonésia, um país maior, onde era mais fácil se esconder. Nossos militares já tinham uma boa ideia de onde eles estavam e, depois que o vídeo foi enviado, iriam para todos os locais possíveis em questão. Havia cinco possibilidades. As equipes das forças especiais estavam se reunindo e, uma vez que fosse levantada a informação a respeito do local onde estavam os reféns, seguiriam com a missão de resgate. Ele disse que poderia demorar dias antes de sabermos o resultado final.

Quando a chamada terminou, fiquei ali sentada, em transe. Meu surfista descontraído que fazia filmes, o homem dos meus sonhos, tinha visto um colega de trabalho e — conhecendo Wes e sabendo como ele se integrava com as pessoas — amigo ser assassinado bem na sua frente. Como é que alguém supera algo assim? Não importava o que fosse preciso, eu estaria do seu lado a cada passo do caminho. Se ele sobrevivesse, se Deus quisesse, eu beijaria cada uma de suas feridas, físicas e mentais. Tentaria curá-lo completamente com minhas palavras e meu corpo, amando-o mais do que ele já tinha sido amado nesta vida.

— Eu te amo, Wes — falei em voz alta. Para ele, *por* ele. Mesmo estando longe, talvez, apenas talvez, aquelas palavras pudessem ser sussurradas no ar até um local remoto na Indonésia, onde ele iria pelo menos *senti-las...* contra a sua pele, dentro do seu coração, como parte da sua alma.



Duas semanas em Las Vegas e a atmosfera zumbi foi levada a um nível totalmente novo de fatores horripilantes. Maddy e eu ficávamos ao redor uma da outra como aqueles robozinhos que limpam o chão o tempo todo, mas não se chocam. Roomba 650, acho que é isso. Como se nós duas tivéssemos um sensor no pé que envolvesse o corpo inteiro, atravessávamos os dias no piloto automático, sem nos tocar. Talvez precisássemos do toque, mas nenhuma de nós conseguia fazer o esforço. O respirador do pops havia sido desligado alguns dias antes. Ele estava respirando por conta própria, e os medicamentos finalmente combatiam a infecção. Os médicos estavam satisfeitos com o novo prognóstico.

Maddy e eu estávamos bem, mas o fato de ele ainda ter tubos conectados a seu corpo não nos deixava contentes. Na semana seguinte, Maddy e Matt voltariam para a faculdade. Ela precisava estar com a vida pronta para aquela mudança. Era seu terceiro ano na faculdade, e ela estava com a grade de matérias cheia, como de costume. Minha irmã estudiosa. Em segredo, eu amava o fato de ela estudar tanto, pois isso significava que não ia se casar tão cedo.

Aquilo me fez lembrar que eu ainda precisava ter uma conversa com o apressadinho do Matt sobre pressionar minha irmã a se casar. Se ele a amava, deveria esperar. Tinha que terminar a faculdade e mostrar a ela o tipo de homem que era. Além disso, me perguntei como ficaria o fato de Maddy se interessar pela Cunningham Óleo e Gás e querer trabalhar no Texas. Seria motivo para uma separação? Matt tinha uma família grande na região de Las Vegas, do tipo que não quer ficar longe. Será que ele a apoiaria? Imaginei que só o tempo iria dizer.

Meu celular zumbiu no bolso e eu o peguei. Era uma mensagem em vídeo vinda de um número restrito.

Franzindo a testa, cliquei na mensagem, e o que vi quase me deixou de joelhos. Eu nem tinha aberto o vídeo ainda, mas a caixa quadrada emoldurava um rosto que eu conhecia quase tão bem quanto o meu. Ginelle. Uma faixa preta de tecido sobre os olhos, o nariz sangrando, sangue escorrendo dos lábios. Sem dizer uma palavra, corri, literalmente corri para fora, até o jardim, e cliquei na pequena seta que exibiria o vídeo.

Que raios eu tinha feito?

O vídeo começou, e a voz de Ginelle soava amedrontada, lágrimas escorrendo pelas bochechas, por baixo do tecido amarrado nos olhos. Ela umedeceu os lábios e soluçou. O lábio inferior estava cortado, inchado e roxo. O vídeo tremeu, e pareceu que ela estava vestida com um de seus figurinos de trabalho. Penas e

lantejoulas foram triturados pela mão de um homem. As pontas dos dedos acariciaram o espaço entre os seios, em uma exibição revoltante de poder. Eu queria gritar, berrar e jogar o telefone longe, mas não podia. Gin estava lá, em algum lugar, sendo maltratada por homens que eu só podia supor serem capangas do Blaine.

O filho da puta tinha pegado a minha melhor amiga.

Não me ocorreu que ele a sequestraria. Olhei com horror quando o homem colocou a mão ao redor da jugular dela, fingindo que iria quebrar seu pescoço.

— Mia! — Gin gritou, e eu agachei, o espaço ao meu redor ficando preto. O sol tinha ido embora. O jardim desapareceu. Era só eu, a escuridão e o momento em que vi minha melhor amiga gritar de medo por sua vida.

— Fala logo, vadia! — As mãos do idiota apertaram o pescoço dela.

Ginelle tossiu, engasgou e assentiu.

— Mia, hum, jantar às sete... hoje à noite. Você conhece o lugar. Se chamar a polícia, eles vão... — Sua voz falhou e o homem a sacudiu violentamente. Mais sangue escorreu de seu nariz para a boca. Ela lambeu e gritou quando ele puxou seu cabelo com força. — Eles vão m-me m-matar se você contar pra alguém.

Quando a tela começou a se apagar, Ginelle sussurrou:

— Não é culpa sua. Eu te amo, Mia.

A tela ficou preta, e o som de uma mensagem de texto me colocou em movimento. Cliquei para ler — Blaine Babaca Pintero.

Ela é uma bonequinha. O meu amigo gostou muito dela. Às 7 em ponto.  
Esteja lá.

Como se estivesse possuída, digitei a resposta em velocidade recorde e enviei sem ler.

Estarei lá. Por favor, eu imploro, não a machuque.

Antes que eu pudesse limpar a coriza e as lágrimas, ele respondeu e meu coração afundou.

Não me desafie de novo, ou eu vou deixar que ele faça o que quiser com ela. Venha vestida para impressionar. Nós temos planos.

Meu traseiro bateu no chão e meu cóccix doeu quando se chocou contra o concreto. Mas não era nada comparado à dor em meu coração e ao ácido que queimava meu estômago. Blaine e seus capangas pegaram Ginelle. Terroristas pegaram Wes. O pops estava em coma. Minha vida tinha se tornado um filme de suspense e ação distorcido. Eu era a personagem sem noção do perigo, com poucos recursos e emocionalmente abalada.

Não havia outra opção além de seguir as exigências do Blaine. Ele queria me encontrar no que chamava de “nosso lugar”, e eu o encontraria lá. Babaca filho da puta.

O lugar a que ele se referia era o Luna Rosa, um restaurante italiano ao qual havia me levado em nosso primeiro encontro. Sentamos do lado de fora, no pátio com vista para o lago Las Vegas. Luzes brancas ao redor das palmeiras davam a elas um brilho etéreo. Naquela época, eu estava completamente encantada com Blaine. Com um metro e noventa e três, alguns anos mais velho, cabelo escuro que parecia perfeito em contraste com o terno azul-marinho bem cortado, ele poderia ter sido modelo com sua estrutura óssea e seu corpo esbelto. Seus belos olhos verde-amarelados eram uma vantagem. Com um único olhar, ele poderia hipnotizar qualquer garota e fazê-la abaixar a calcinha sem pensar duas vezes.

Blaine havia me atraído desde a primeira vez que servi uma bebida a ele no cassino em que eu trabalhava, anos antes. Naquela noite, ele chegou, pediu três dedos de uísque e me observou por cerca de vinte minutos enquanto eu trabalhava e ele tomava sua bebida. Foi o começo do fim. Seus olhos grudaram na minha bunda, em meus peitos e em tudo o mais, me fazendo sentir excitada, incomodada e desejada de uma forma que eu sentia falta, desde que Benny havia sumido — na verdade, descobri depois, ele tinha me abandonado para salvar a própria pele.

Entreguei a conta do Blaine, ele me deu uma gorjeta de cem dólares e deixou o bar sem uma palavra ou olhar em minha direção. Encolhi os ombros, imaginando que ele não devia estar tão interessado como eu havia imaginado, já que não me convidara para sair. Achei que eu tinha sido apenas uma distração agradável dos esportes e notícias que apareciam nas TVs do bar. Dei pouca atenção ao caso, mas fiquei grata pelos cem dólares extras, que comprariam mantimentos para algumas semanas. Então, no fim do expediente, parei no meio-fio para pegar um táxi para casa quando um par de sapatos brilhantes saiu de dentro de um BMW com vidros escuros, e Blaine me ofereceu uma carona. O carro era branco e maravilhoso, mas nem chegava perto do homem que o possuía.

A Mía estúpida e impressionável de vinte e um anos entrou no carro com o estranho absurdamente sexy e deixou que ele a levasse para casa. Ele não me tocou na primeira vez. Foi um cavalheiro o tempo todo, me acompanhou até a porta, me beijou na bochecha e perguntou se poderia me ver na noite seguinte.

Concordei, e o Luna Rosa foi onde começamos a nossa noite. Pedimos pizza e um vinho caro, o que achei legal. Ele poderia ter me levado a uma churrascaria extravagante ou a um restaurante refinado, numa tentativa de me impressionar ou de me levar para a cama. Em vez disso, nós conversamos, bebemos duas garrafas de vinho e comemos pizza, seguida pelo tiramisu mais saboroso que eu já provei.

Uma vez por mês, pelos dois anos em que estivemos juntos, voltávamos ao “nosso lugar” e enchíamos a cara de pizza e vinho. Então, pegávamos o carro com motorista, que nos levava de volta para o cassino. Às vezes ficávamos tão excitados no elevador que, quando as portas se abriam para a cobertura, eu já estava com as pernas em volta de sua cintura e ele profundamente dentro de mim, e continuávamos transando contra a parede. Blaine não se preocupava com o fato de que as pessoas dos outros andares pudessem nos ver. Ele não dava a mínima, e eu amava isso nele. Merda, eu achava que o amava, e que ele me amava também.

Eu era tão jovem, ingênua e estava tão encantada por ele que acreditava em cada uma das mentiras que ele me dizia, jogando a cautela para o espaço e vivendo o momento. Nunca mais. Eu havia aprendido a lição da maneira mais difícil. Se Blaine achava que marcaria algum ponto comigo por me encontrar no Luna Rosa, estava enganado.



Eu não tinha trazido nada elegante do rancho de Maxwell, porque, bem, havíamos ficado em um rancho. Nós passamos praticamente o tempo todo na casa dele, curtindo os amigos e desfrutando do lugar.

Uma pontada acertou meu coração ao pensar em Max. Quando o pops melhorou, ele disse que precisava ir ver a esposa e a filha. Faltava um mês para Cyndi ter o bebê, e ele precisava verificar a transferência das ações da empresa e cuidar de todas as atividades do negócio enquanto estivesse lá. Ele prometeu ligar todos os dias.

Ao longo da minha vida, nunca desejei ser muito rica, mas não podia deixar de pensar que, se a transferência acontecesse rápido, eu poderia ter acesso à minha parte, talvez pagar toda a dívida ao Blaine e toda aquela confusão acabaria. Eu viveria em Malibu, surfaria, beijaria e faria amor com o homem com quem eu queria passar o resto da vida. Infelizmente, Max tinha avisado que o processo de finalização do testamento e a transferência das ações, tanto para Maddy quanto para mim, usando nossas amostras de DNA como prova do nosso parentesco, demorariam algum tempo, mas a espera valeria a pena no final.

Se eu sobrevivesse a tudo aquilo, talvez Max estivesse certo. Por enquanto eu

estava em um momento muito complicado para enxergar a luz no fim do túnel. Parecia que a vida era como dirigir um carro com o limpador quebrado e o freio defeituoso em uma estrada escorregadia e escura durante um furacão.



Cheguei ao Luna Rosa pontualmente às sete. Maddy me emprestou um vestido que eu havia dado a ela da época que passei fazendo compras em Chicago com Hector. Era um modelo simples, cor de berinjela, com um decote em V profundo nas costas. A saia batia no meio das coxas, e o tecido ficava esticado nos seios. Se eu não estivesse tão irritada com a pessoa para quem estava usando aquilo, teria me sentido maravilhosa. Em vez disso, me sentia como lixo revirado, embora ninguém pudesse perceber. A maquiagem pesada escondia as olheiras e bolsas sob os olhos, e o blush me deixou com as bochechas rosadas. Felizmente eu era uma daquelas garotas que não precisavam usar um monte de maquiagem para fazer as pessoas olharem, e eu sabia exatamente do que Blaine gostava. Meu cabelo estava solto sobre um dos ombros, algo que ele me disse uma vez que adorava.

Seguindo em meio aos clientes, eu o vi. Claro, ele tinha que escolher o local mais romântico possível, na mesma mesa onde nos sentamos em nosso primeiro encontro.

Ele ficou de pé enquanto eu me aproximava. Olhou-me de cima a baixo, como um predador avaliando a presa, furtivo e rápido, sem perder um movimento.

— Escolheu esta mesa para tentar marcar pontos? — perguntei e me sentei, com uma carranca.

A expressão dele, por outro lado, estava aliviada.

— Então você lembra. Isso é bom, bela Mia.

Eu me encolhi. Meu Deus, eu odiava ouvi-lo me chamar por aquele apelido carinhoso. Quando estávamos juntos, ele me dizia constantemente quanto eu era bonita e que nunca alguém conseguiria encantá-lo completamente como eu... até, é claro, ele ficar com as irmãs pegue-uma-leve-duas, sua recepcionista e a gêmea vadia. Quem transa com duas irmãs ao mesmo tempo? É nojento.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, o garçom veio com uma garrafa de vinho. Eu conhecia aquele rótulo. Poderia reconhecê-lo em qualquer lugar.

— *Signore*, o Cignale Colli della Toscana Centrale Cabernet Sauvignon. — E derramou o líquido vermelho-escuro na taça de Blaine.

Ele o pegou, girou a taça, inalou e tomou um gole. Tão pretensioso que eu poderia vomitar.

— Da safra de 2006? — perguntou ao garçom.

— Perfeitamente, *signore*.

Blaine assentiu e o garçom encheu as taças, apenas um quarto. Peguei a minha e bebi o líquido de uma só vez.

Blaine olhou ao redor e sorriu antes de colocar uma das mãos na balaustrada que dava vista para as águas calmas do lago Las Vegas e outra na haste de sua taça. Seus olhos eram como raios laser sobre mim.

— Eu gostaria de mais — pedi e ele sorriu, se inclinando e me servindo.

Bebi e esperei que ele falasse. Por um longo tempo, ele não o fez. Só me observou, aparentemente analisando minha aparência. Por fim, não consegui manter o silêncio.

— Onde está a Ginelle?

Um olhar penetrante e escuro apareceu naqueles olhos de serpente.

— Ela está sendo cuidada, posso garantir. — Seu tom era doce, desmentindo o assunto.

Bufei.

— Sério? É esse o nome que você dá ao ato de sequestrar e agredir uma mulher inocente que está indo para o trabalho? *Cuidada?* — Cerrei os dentes. Eu segurava a mesa de madeira com tanta força que minhas unhas poderiam ter deixado pequenas marcas ali.

Blaine acenou com a mão e se inclinou para mais perto.

— Mía, você e eu sabemos que, se eu quisesse a sua amiga morta, ela já estaria. Agora relaxe e aproveite o encontro.

*Encontro. Esse lunático acabou de chamar essa coerção de encontro?*

Pisquei rapidamente, tentando afastar a raiva. Eu queria pegar a faca ao alcance da minha mão de uma forma muito útil e enfiá-la diretamente naquele coração frio. Mas o filho da puta provavelmente não sentiria. Ele já estava morto por dentro.

— Não entendo por que você me quer aqui. Você sabe que eu vou conseguir o dinheiro — sussurrei e olhei em volta. — Não vou te deixar duro de jeito nenhum.

Ele sorriu.

— Ah, minha bela, bela Mía, você já me deixou duro. — Suas sobrancelhas balançaram e eu engoli o vômito que queria sair pela minha boca. Já fui realmente a fim do Blaine por um tempo. Ele era extremamente bonito, encantador e gentil. Agora eu mal podia tolerar olhar para ele e para o que representava.

— Blaine, você pegou algo que é muito importante pra mim e agora quer falar de sexo?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não quero falar, não. Preferiria estar fazendo, e com você, se é o que está

perguntando.

Apertei o maxilar com força.

— Isso nunca vai acontecer, então pode tirar a ideia da cabeça. Você fodeu com a sua chance... literalmente. Não tem como voltar atrás, nunca mais. — Minha voz era baixa e denotava um aviso.

Ele balançou a cabeça e franziu os lábios enquanto girava a taça de vinho.

— Aquelas duas não significavam nada pra mim. Eu só estava me divertindo um pouco e aliviando o estresse, já que você não tinha aceitado o meu pedido.

— Transando com duas mulheres?

— É claro, Mia. Um homem tem as suas necessidades e o seu orgulho. Você feriu o meu. — Como se o que ele tinha feito fosse um direito por ser um macho de sangue quente.

— Então você comeu duas prostitutas para se sentir homem?

Seus olhos ficaram duros. Sua voz parecia de aço.

— Você, entre todas as pessoas, não pode querer dar a entender que eu não sou homem.

— Por que mesmo nós estamos tendo essa conversa?

— Não é óbvio? — Ele piscou lentamente e me encarou.

— Pra mim, não. — Eu estava lá apenas por um motivo. Ginelle.

Blaine apoiou os cotovelos na mesa e o queixo na palma da mão. Ele era a personificação da calma, da indiferença, todo senhor de si, enquanto eu me desfazia por dentro de preocupação e medo.

— Eu quero que você volte. Para a minha cama. Para a minha vida. Como minha esposa.

Aquelas palavras caíram como uma bomba nuclear, danificando tudo no caminho. Olhei ao redor do restaurante para ver se alguém havia sobrevivido à explosão. Foi monumental, mas pelo menos foi só no pequeno ponto daquilo que eu chamava de minha vida.

Dizer que eu não esperava aquilo seria um eufemismo. Eu teria esperado a volta de Jesus Cristo em vez *daquele* anúncio.

— Blaine — sussurrei, mal conseguindo falar. — Você não pode estar falando sério.

— Seriíssimo. E estou disposto a negociar os termos. Aqui. Agora.

— Isso só pode ser um pesadelo. Blaine, você está se ouvindo? Você acabou de me dizer que quer recomeçar de onde nós paramos quando terminamos.

— Eu sei exatamente o que quero, e é você. Acho que deixei isso bem claro. Agora fique quieta e ouça o que eu estou oferecendo.

Ouvi o que ele queria dizer, não porque ele mandou, mas por estar tão chocada que os pensamentos adicionais necessários para formar palavras não estavam disponíveis. O homem estava oficialmente louco. Não tinha como negar. Realmente não havia outra explicação.

Antes que ele começasse a falar a respeito da oferta, o garçom trouxe duas pizzas individuais, uma marguerita e uma supreme. O cheiro me deixou salivando. Fazia dias que eu não comia uma refeição completa. Os Rains e Maxwell tentavam me levar para comer, mas nada me despertava o apetite, uma vez que Weston provavelmente estava morrendo de fome e o pops estava recebendo suas refeições através de um tubo. Hoje, porém, eu comeria somente para acabar com aquilo o mais rápido possível.

— Desde que você foi embora, tive tempo para refletir sobre o nosso relacionamento e a nossa vida juntos — disse ele.

*Desde que eu fui embora?* Nós terminamos. Eu me mudei para outro estado, trabalhei como acompanhante durante os últimos oito meses e vivi em Los Angeles por outros seis antes disso. Ao todo, havia se passado mais de um ano, e ele fez aquilo soar como se eu o tivesse deixado na semana anterior. Estive com outros homens, me apaixonei. Nada disso fazia sentido.

— Blaine, eu fui embora há mais de um ano... — comecei, mas ele me cortou com um movimento do pulso.

— Não importa o tempo ou a distância. Você está aqui agora, e eu descobri que é a mulher certa pra mim.

— Você chegou a essa conclusão brilhante antes ou depois de comer as gêmeas?

— Estou tentando me conectar com você aqui, Mia — ele rosnou. — Você devia tentar manter as boas maneiras. Só vou fazer esta oferta uma vez.

— Não tem negociação. Eu não quero o que você está oferecendo.

Ele se ajeitou na cadeira e cruzou os braços sobre o peito.

— Se você me escutar, acho que vai considerar a minha oferta irrecusável. Todos os seus problemas seriam resolvidos e tudo voltaria a ser como deve. Nós dois juntos, cuidando de tudo isso. — Ele abriu os braços, como se estivesse segurando toda Las Vegas na palma da mão. Um mala sem alça presunçoso.

— Não, Blaine. Eu tive o que você me ofereceu e recusei. — Fiquei de pé, minha cadeira caindo no chão com um estrondo. — E estou recusando mais uma vez agora. Isso foi um erro. Eu vou chamar a polícia.

— A sua amiga vai ser morta amanhã de manhã — ele falou, alto o suficiente para que apenas eu ouvisse.

Eu me virei, todo o meu corpo aceso de raiva. Os pelos dos meus braços e pescoço se arrepiaram. Eu já havia escutado aquele tom antes, quando ele estava gritando ordens ao telefone, organizando planos para fazer as pessoas pagarem e machucando das formas mais vis e violentas possíveis qualquer um que ousasse contrariá-lo. Esse era o tipo de homem com quem eu estava lidando. Não era o ex que costumava abraçar, beijar e me amar até eu me esquecer de tudo. Aquele era o homem por quem eu havia me apaixonado. *Esse era o seu alter ego.* Todos olhavam para esse lado com muito medo. O mundo era apenas ele. O

resto de nós só vivia nele.

— O que eu tenho que fazer para você soltá-la? — Minha voz tremeu, a emoção me controlando. Levantei a cadeira, me sentei e olhei ao redor do restaurante. A maioria dos clientes estava nos olhando abertamente, observando os fogos de artifício estourarem. Provavelmente pensavam que estávamos tendo uma briga de casal. De certa forma, nós meio que estávamos.

— No início eu estava me sentindo nostálgico. Estar aqui, olhando pra você na minha frente e sabendo que é o que eu gostaria de ver pelo resto da vida. — Seus olhos endureceram e ele os apertou. — Agora que você já se constrangeu, e a mim, com as suas palhaçadas, não estou me sentindo tão generoso.

— Dê o seu preço — eu disse claramente.

— Os quatrocentos mil que me deve, ou você, por uma única noite, na minha cama.



Os olhos de Blaine estavam cristalinos, naquele tom esverdeado. Eram os olhos que eu mirei todas as vezes que ele me beijou, me tocou e fez amor comigo. A conversa que acabáramos de ter, que me fez querer me enrolar em posição fetal e morrer, o excitava. Meu Deus, o homem gostava de ter poder sobre as pessoas e as coisas. E era muito bom nisso.

— Então, o que você me diz?

Umedeci os lábios, tomei um gole enorme de vinho e o deixei queimar como ácido na garganta. Olhando para a água, pensei na minha situação. Eu poderia acabar facilmente com aquilo: era só transar com ele. Já tinha feito isso antes. Ele era ótimo na cama, sempre foi. Se entregava, era amoroso e preocupado com meu prazer. Se eu bebesse algumas garrafas de vinho e o deixasse fazer o que queria comigo, tudo isso estaria terminado. Encerrado. Finito.

— Se eu aceitar passar uma noite com você, vai considerar a nossa dívida paga, soltar a Ginelle e deixar a minha família em paz? Inclusive o meu pai?

Os lábios de Blaine formaram um sorriso maroto. Se eu achasse que faria diferença, socaria aquela expressão em seu rosto ordinário, para que todo mundo pudesse ver quanto eu o desprezava. Ele tomou lentamente um gole do vinho e fez um “hummm”. Um arrepio percorreu minha coluna, e meu estômago se apertou. Eu costumava adorar aquele som, esperava ouvi-lo quando estava de joelhos, venerando seu pau. Agora, o zumbido suave era como um aviso antes de uma explosão. A pequena luz vermelha de laser que mirava o criminoso antes que a equipe da SWAT explodisse seus miolos, como nos filmes.

Finalmente, Blaine respondeu:

— Sim. A dívida do seu pai vai estar quitada, a sua amiga vai ser liberada ilesa, e você e a sua família vão ficar livres de nós. — Blaine olhou para meus seios e umedeceu os lábios. — Mal posso esperar para provar a sua boceta, ouvir você gritar enquanto eu uso os dentes e a língua no seu clitóris doce. Vai ser música para os meus ouvidos. — Ele respirou através dos dentes cerrados. Seus olhos estavam em chamas. Eu teria apostado todo o dinheiro do mundo que seu pau estava duro como uma rocha enquanto imaginava todas as coisas que faria comigo. O único problema era que eu não tinha a mesma reação. Suas palavras eróticas costumavam me dar tesão. Antes. Agora não mais. Sempre fui o tipo de mulher que se excita quando seu homem fala safadezas para ela, e Blaine sabia fazer isso melhor que a maioria. Era um gatilho para mim. Só que ele era o homem errado, a voz errada.

Balancei a cabeça enquanto lembranças de Wes e de mim rolando em sua cama, curtindo um ao outro de uma maneira que eu nunca havia experimentado com ninguém, surgiam em meu subconsciente. Sexo intenso, rápido e contra a parede até que nós dois ficássemos loucos. Horas usando nossa boca, beijando cada centímetro da pele um do outro. Chupando-o cada vez mais, até que meu maxilar doesse e Wes não conseguisse mais ficar duro. Por sua vez, ele vinha com tudo para cima de mim. Me proporcionava tantos orgasmos com a língua que meu corpo doía, o espaço entre minhas coxas ficava estranho sem sua boca ali, e eu praticamente desmaiava. As noites em Miami, onde tínhamos feito amor, sussurrando nosso compromisso um para o outro, prometendo o *para sempre...* Todas essas coisas estavam em primeiro lugar nos meus pensamentos. Tudo voltava para ele, para o homem que eu amava. E não havia nada que me fizesse quebrar aquela confiança.

Mesmo com a vida de Ginelle em risco, eu não poderia trair Wes assim. Tinha que haver outra maneira. Blaine esperava pacientemente, girando o copo de vinho entre dois dedos compridos, como se tivesse todo o tempo do mundo. Cretino presunçoso e convencido. Por que eu não notei essas características antes de me aprofundar em um relacionamento com ele?

— Blaine, eu vou precisar de um pouco de tempo para pensar. — Pisquei os cílios, paquerando um pouco, tentando desesperadamente influenciá-lo.

Suas sobrancelhas se estreitaram.

— Não. Você vai decidir agora, hoje. — Seu tom não admitia discussão. Até seu corpo se retesou visivelmente. Sua mão segurou a haste da taça de vinho com tanta força que eu esperava que o vidro quebrasse na palma da mão dele, forçando-o a precisar de pontos.

Sonhar com sua destruição não me ajudaria a descobrir como me livrar de dar o que ele queria e ainda assim salvar minha melhor amiga.

— E se eu acrescentasse uma coisinha ao meu pedido? — Brinquei com o cabelo, enrolando uma mecha no dedo. — Um incentivo para que você possa me dar um pouco mais de tempo para pensar?

Ele inclinou a cabeça e seu olhar focou o meu.

— E que incentivo seria esse, bela Mia?

— Um beijo — decidi de repente.

Uma coisa que Blaine amava, que me disse mais de um milhão de vezes quando estávamos juntos, era me beijar. Uma vez, ele chegou a ponto de dizer que poderia sobreviver apenas com meus beijos; pão e água que se danassem. Aquela era a única carta que eu tinha na manga. As outras eram um grande blefe. Se eu o beijasse e fizesse aquilo ser crível o suficiente, ele poderia gostar do desafio. Blaine apreciava uma boa caçada e gostava de curtir a expectativa de conseguir o que queria.

— Hummm, você negocia pesado, minha bela Mia. Quais são os seus termos?

— Duas semanas e você solta a Ginelle esta noite, agora, imediatamente.

Ele fez uma careta, e sua mão se transformou em um punho.

— E como eu vou saber que você não vai me deixar esperando e desaparecer?

Eu ri.

— Você me encontraria.

Seus olhos brilharam como a bola que cai na Times Square, em Nova York, sinalizando um novo ano.

— Além do mais, não daria para eu acompanhar a saúde do pops longe do hospital, nem esconder a Maddy e todos aqueles que eu amo. Eu sei exatamente como você age, e não há lugar longe o suficiente para escapar do seu alcance. Estou errada?

Ele se reclinou na cadeira e esfregou o queixo, antes de acariciar o lábio inferior com o polegar — um gesto que costumava deixar minha calcinha molhada instantaneamente. Agora eu estava seca como o deserto do Saara. Seu charme, boa aparência e gestos sensuais não causavam nenhum efeito sobre mim. Um surfista descontraído que fazia filmes e que tomou decisões bem ruins ao pisar em terras desconhecidas de um país de terceiro mundo é que fazia aquilo comigo. Agora e todos os dias. A lembrança de Wes rasgou meu coração, mas eu respirei lentamente, esfriando a tensão para não desmoronar. Uma reunião com o diabo não permitia que eu mostrasse rachaduras na armadura. Eu poderia chorar quando voltasse para o hotel, mas sabia melhor do que ninguém que nunca deveria permitir que o inimigo me visse enfraquecida. O inimigo ataca quando seus pontos fracos estão expostos. E eu nunca mais lhe daria essa oportunidade.

— Não, você não está. Uma semana.

O alívio correu pelas minhas veias. Ele cedeu. Tudo por um único beijo. Eu queria pular e fazer uma dancinha feliz, mas resolvi balançar os braços mentalmente.

— Tudo bem.

Blaine tirou o celular do bolso e eu preendi a respiração. Ele apertou alguns botões e o levou ao ouvido.

— A garota. Pode soltá-la e levá-la para casa. — Após alguns instantes, ele continuou: — Não, você não vai fazer nada com ela. Não a toque de jeito nenhum. Se eu descobrir que ela sofreu algum dano, vai ser o fim da linha pra você. Leve-a para casa dentro de uma hora. — Ele apertou um botão do telefone e o colocou no bolso da camisa. — Pronto. Sua amiga vai estar em casa em breve.

Anuí e tomei o restante do vinho. Graças a Deus. Ginelle estaria segura. Por enquanto.

— Vou aproveitar o meu beijo esta noite, quando for deixá-la. Então você vai ter uma semana para me procurar. Enquanto isso, a sua amiga vai ficar livre e

nós vamos aproveitar o resto do jantar. Coma. Você vai precisar de força para tomar a sua decisão esta semana.



Quando chegamos ao hotel, Blaine me acompanhou até o quarto.

— Me dê a chave. — Ele estendeu a mão, com a palma aberta.

Balancei a cabeça.

— A Maddy está lá dentro com o noivo.

— Você não tem um quarto só pra você? — Ele se aproximou de mim, e eu dei dois passos para trás, até ficar colada contra a parede. Não era uma posição favorável. Eu queria estar no controle. Caso contrário, ele poderia ir mais longe do que eu teria estômago para aguentar.

— Você não vai entrar. Não esqueça o nosso acordo. Um único beijo.

Ele se aproximou, as mãos indo para a parede ao meu lado, me prendendo. Seus olhos escureceram e adquiriram um tom de mel esverdeado. Antigamente eu adorava ver a mudança de cor dos olhos dele, especialmente quando estava excitado. Agora, me sentia morta por dentro.

— Ah, bela, bela Mia. Eu sempre lembro dos detalhes de cada negociação. — Sua cabeça se aproximou, e eu podia sentir a respiração contra o meu rosto.

Fechei os olhos e pensei em Wes, que eu estava fazendo aquilo por Ginelle, meu pai, minha irmã e para ganhar tempo — a única coisa que não estava a meu favor desde que eu começara esta jornada, nove meses antes.

Os lábios de Blaine estavam quentes e úmidos quando tocaram brevemente os meus.

*Wes. Me perdoa.*

Com movimentos lentos, levei as mãos para a cintura dele e o acariciei até o peito duro. Ele gemeu e mordiscou meu lábio inferior. Retribuí o gesto, mordiscando o lábio superior e puxando-o para o calor úmido da minha boca. Sempre costumávamos brincar antes de chegarmos à parte boa. Blaine pressionou o corpo contra o meu, sua ereção longa e grossa em meu quadril, se encaixando. Uma das mãos se moveu para meu seio e ele o apertou. Abri a boca para protestar e então ele mergulhou nela. Sua língua não era hesitante. Não, aquele era o beijo de um amante que sabia quando dar e quando tomar. Um parceiro de dança familiar. Ele moveu a mão até minha cintura, circulou ao redor da minha bunda e puxou minha pélvis contra a sua, roçando o corpo em mim. Não pude evitar. Gemi. Não tinha qualquer tipo de alívio sexual havia mais de um mês e, mesmo odiando cada segundo, seus movimentos e a maneira como ele me tocou estavam alimentando o caminho do meu cérebro até o centro do prazer, onde Wes habitava.

De repente, eu não estava beijando Blaine. Estava devorando Wes. Levantei as mãos para segurar seu rosto liso e lambi a boca do meu homem. Degustando, provocando, apreciando a exuberância e me sentindo entorpecida com o toque furtivo da sua língua contra a minha. A imaginação trouxe o cheiro de Weston, de mar e homem, se misturando em um caos de necessidade e desejo. Pressionei os quadris e mergulhei a língua, deslizando ao longo da superfície de seu corpo, como se eu fosse uma cobra enrolada em sua presa. *Wes.*

— Nossa, como senti sua falta, baby — eu disse em sua boca.

Ele gemeu, e ondas de calor encheram meu corpo, me incendiando. Suas mãos estavam por toda parte, deslizando sob meu vestido, agarrando minha bunda. Ele moveu os quadris, e sua ereção pressionou perfeitamente meu clitóris. Engoli em seco e ergui uma perna, cravando meu salto alto atrás de sua coxa, obrigando-o a se aproximar.

Meus olhos se fecharam enquanto eu me esfregava no meu homem. Sentindo falta do seu toque, do seu corpo.

— Mia, você vai me fazer gozar. Me deixe entrar para que eu possa te comer direito, ou eu vou arrancar a sua calcinha aqui mesmo.

Aquela voz. Não era...

— Wes? — chamei, abrindo os olhos e piscando, afastando a nuvem de luxúria.

Blaine interrompeu a trilha de beijos que estava deixando no meu pescoço. O suor escorreu do meu corpo, o pânico se formando e umedecendo o cabelo quando ofeguei.

— Quem diabos é Wes?

*Ah. Meu. Deus.* Eu tinha acabado de esfregar todas as minhas partes no Blaine, contra a parede, enquanto imaginava estar com meu namorado. Meu estômago se agitou e o interior retumbou, pronto para explodir.

A porta ao lado de onde estávamos se abriu. Max nos pegou naquela posição delicada, e suas narinas se inflaram. O choque em meu rosto ao vê-lo ali, naquele momento, naturalmente revelou que eu estava em pânico.

— Fique longe dela! — Max gritou e pressionou a palma da mão contra o peito de Blaine, empurrando-o para a parede à minha frente.

*Merda. Merda. Merda.* Engoli a resposta perversa que meu corpo deu quando percebi que estava prestes a transar com Blaine enquanto sonhava que era Wes. Meu Deus, eu teria arruinado tudo. Wes nunca me perdoaria. Mais uma vez, aquele poço sem alma que eu chamava de estômago começou a girar como um ciclone no oceano.

— *Você é o Wes?* — Blaine zombou.

A cabeça de Max se voltou para mim.

— Quem é esse palhaço? — Seu olhar atingiu o meu de forma dura.

— Hum... meu ex, Blaine Pintero.

Blaine arrumou o paletó, fechando o botão no centro.

— A Mia e eu temos uma história.

— Eu vou te falar. Você está prestes a *ser* história. — Max foi atrás dele, colocando a mão ao redor do seu pescoço em um segundo. Para um homem grande daquele jeito, ele se movia rapidamente. — Você é o filho da puta que está ameaçando a Mia?

— Ameaçando? Era isso que nós estávamos fazendo, Mia? Eu lembro que você estava desfrutando do nosso pequeno corpo a corpo há poucos minutos. Ela estava prestes a explodir como fogos de artifício no Quatro de Julho. Bastava esperar mais um minuto.

*Ah, senhor.*

— Blaine, não! — tentei dizer, mas perdi a chance por um segundo.

Antes que eu pudesse deter Max ou dizer qualquer coisa para interromper aquilo, o braço do meu irmão — do tamanho de um tronco de árvore — pegou impulso e seu punho atingiu o queixo do Blaine.

— Escuta aqui, seu merda. É da minha irmã que você está falando.

Max sacudiu Blaine contra a parede. Ele pendeu por um momento, mas, por fim, piscou algumas vezes antes de voltar a si. Isso seria péssimo para mim. *Porra!*

— Você tem um irmão? — Seus olhos se arregalaram e ele olhou para mim.

— Hum, sim. Max, solte o Blaine.

Max me ignorou completamente.

— Se eu vir você encostando na minha irmã de novo, vou te caçar e arrancar a sua pele com uma faca! — Empurrou-o contra a parede. A nuca de Blaine bateu na superfície algumas vezes, emitindo um baque surdo.

— Porra, cara! Me solta, seu anormal! — Blaine rugiu, os dentes vermelhos de sangue. Eu já podia ver seu rosto inchado. Honestamente, eu não me sentia tão mal por isso, principalmente por saber o que ele tinha feito com Ginelle e com o pops.

— Max, sério, Eu estou bem. O Blaine e eu nos entendemos esta noite. Estou bem.

— Ele vai te deixar em paz?

Blaine bufou e se endireitou mais uma vez enquanto eu levava Max para longe do meu ex e o posicionava em frente à porta do nosso quarto.

— Hum, digamos que sim.

— Eu digo que sim, meu anjo. O que eu quero ouvir é este idiota falar — ele rosnou e apertou a mandíbula. Segurei seu braço e o empurrei, tentando levá-lo de volta para o quarto, mas não consegui movê-lo. Se ele não quisesse se mexer, provavelmente eu precisaria de um guindaste para que isso acontecesse.

Blaine pegou um lenço e limpou o sangue ao redor da boca. — Não se preocupe, grandão. A Mia e eu chegamos a um acordo, por assim dizer. Mia, eu vou deixar você com o seu, hum, irmão. — Olhou Max de cima a baixo com

desgosto. — Lembre-se: uma semana. — Então se virou e apertou o botão do elevador. As portas se abriram imediatamente, e em dois segundos ele se foi.

Suspirei e me encostei no batente da porta.

Max passou a mão pelo cabelo.

— O que foi aquilo? Você estava toda derretida em cima daquele palhaço. E o Weston?

Gemi e o empurrei para que entrasse no quarto. Ele me deixou passar, mas me seguiu. Joguei a bolsa, fui para o minibar, peguei uma garrafinha de uísque, abri e tomei tudo de uma vez só.

Max se apoiou na ponta do sofá.

— Você já bebeu, agora fale. — Como se para demonstrar que não iria a lugar algum tão cedo, ele cruzou os braços.

— Nada. O que você viu não era pra acontecer. — Soprei minha testa, quente demais, e estendi a mão para outra minigarrafa de uísque. — O que você está fazendo aqui?

— Essa é uma excelente pergunta, querida. Sabe, eu estava cuidando de alguns negócios em casa, garantindo que tudo estivesse pronto para a chegada do meu filho, quando recebi um telefonema desesperado da nossa irmã. Ela falou sem parar que você estava assustada de uma forma que a preocupou. Disse que nunca tinha te visto tão chateada. Como irmão mais velho e o único que está aqui para te defender, agora que o seu homem está desaparecido, eu voltei para cá. Deixo o avião sempre pronto para quando preciso.

— Você não devia estar aqui — falei. — Tem que ficar com a Cyndi e a Isabel esperando o bebê nascer. Eles precisam de você. — Sentindo como se estivesse com o peso de esquis de neve nos pés, segui para o sofá e me sentei.

— Eu vou estar com eles. Assim que descobrir o que está acontecendo com você. A Maddy me disse que alguma coisa aconteceu e ela sabe que não é bom. Por que você não me chamou, Mia? — Sua voz estava cansada, cheia daquele tom rouco que eu tinha começado a apreciar. O volume e o timbre diziam: *Eu sou um homem que se preocupa com você, que te ama e vai fazer qualquer coisa para te proteger*. Eu precisava daquilo na minha vida. Especialmente agora.

— A Ginelle foi sequestrada pelos capangas do Blaine. Eles a agrediram para chegar até mim.

— Por quê? Achei que estivesse tudo certo. Mês passado você me disse que estava. Que você tinha tudo sob controle. — Sua voz era acusatória, e eu senti como se uma faca perfurasse meu coração.

A raiva ondulava ao longo de cada nervo do meu corpo. Eu me levantei e comecei a andar, precisando colocar tudo aquilo para fora.

— E estava! — gritei. — Mas aí o pops piorou. Eu não atendi o cliente deste mês.

— E...?

— No meu contrato diz que, se um homem me reservar no mês e eu faltar, tenho que pagar uma multa de cem mil dólares!

— Meu Deus, Mia! — Sua voz estava tão chateada quanto a minha, mesmo que não fosse ele que estivesse em perigo.

Eu havia lidado com toda aquela merda sozinha e estava indo bem.

— Então, como a Millie teve que pagar a multa ao cliente com o dinheiro que eu recebo, atrasei o pagamento do Blaine. Só no fim do mês que vem, depois que eu cumprir o contrato com o próximo cliente, vou poder pagar. O que significa que eu estou atrasada. E ele está provando que pode me pegar do jeito que quiser. — Lágrimas encheram meus olhos e escorreram pelo meu rosto. — Isso tudo é uma merda! — Larguei o corpo no sofá.

Max se aproximou e se sentou na mesinha de centro. A madeira ranguu sob seu peso.

— Quanto você deve?

Pisquei, deixando mais lágrimas caírem.

— Neste momento, duzentos mil.

Suas sobrancelhas se estreitaram.

— Só isso?

Balancei a cabeça.

— Não, eu devo duzentos mil agora, já. Por causa de agosto e setembro.

— Querida, quanto você deve no total? — Sua voz agora era suave, cheia de preocupação.

Meus ombros caíram, como se eu estivesse levando o valor em barras de ouro sobre eles.

— Quatrocentos mil — respondi.

— E que tipo de acordo vocês fizeram?

Umedecendo os lábios, funguei, respirei fundo e olhei em seus olhos, da mesma cor dos meus.

— Você não vai gostar.

— Meu anjo, eu já não gostei. Só me diga.

Segurando suas mãos, as lágrimas correram de novo, deslizando pelo meu rosto.

— Ou eu pago os quatrocentos, ou... — Engoli várias vezes, tentando empurrar a bola enorme da minha garganta para que eu pudesse falar, admitir a verdade do que eu tinha pensado em fazer, mas sabia que não podia.

— Ou...? — Os olhos de Max eram amáveis, e sua boca se contorceu em uma pequena careta.

— Eu. Uma noite na cama dele.

Max se inclinou para a frente e pressionou a testa na minha.

— Querida, isso só vai acontecer por cima do meu cadáver. — Ele estava firme e inflexível, cem por cento sério.

Bufei com o pensamento doentio e distorcido que passou pela minha cabeça. O que Max não sabia era que Blaine era exatamente o tipo de homem que faz isso acontecer sem um pinga de remorso.

O celular tocou na minha coxa. Eu o levava comigo o tempo todo, sem permitir que ficasse mais do que poucos centímetros longe de mim, caso houvesse notícias de Wes.

Olhei para a tela. Meu Deus. Ginelle.

— Alô, Gin? — falei, desesperada para ouvir a voz dela e me certificar de que tudo estava bem. Blaine havia prometido que ela seria libertada e deixada em casa dentro de uma hora.

— Estou em casa — foi a única coisa que ela disse antes de a linha cair.



Os taxistas de Las Vegas eram demais. Bastava dar uma nota de cem dólares e eles descumpriam facilmente todas as leis de trânsito. Saber que a minha melhor amiga estava em casa, que havia sido sequestrada, agredida e libertada em um dia, me deixou louca de preocupação. Cada terminação nervosa se acendeu como um fio exposto, pronto para dar choque em qualquer um que o tocasse.

Quando o motorista parou no meio-fio em frente ao prédio dela, joguei um punhado de notas de vinte que peguei da minha reserva para emergências, incluindo os cem que havia prometido a ele, e subi correndo os degraus até a porta.

Em vez de bater como se minha vida dependesse daquilo — como eu queria fazer —, peguei meu chaveiro de prancha, que continha cinco chaves: da casa de Wes, da casa do pops, do apartamento de Maddy, da Suzi — a minha moto — e do apartamento da Ginelle. Cinco lembretes metálicos das pessoas que mais importavam para mim no mundo inteiro, embora eu tivesse vários novos amigos que se aproximavam rapidamente.

Deslizando a chave na fechadura, abri a porta e entrei devagar, na ponta dos pés. A luminária na mesa lateral do sofá estava acesa, mas nenhum som podia ser ouvido no local. Passei pelo móvel cor de vinho, que era grande demais para o espaço, mas também a peça mais confortável do universo. Quando me sentava em seu estofado macio, ele moldava o formato das minhas coxas e costas e envolvia meu corpo em um abraço de boas-vindas. Sim, o melhor de todos.

A cozinha e o corredor estavam escuros, desprovidos de vida. Caminhei lentamente pelo corredor que levava aos dois quartos. Gin sempre manteve um cômodo como quarto de hóspedes. Ela dizia que queria ter certeza de que eu sempre teria um lugar para ficar onde quer que ela morasse. Aquele era o tipo de melhor amiga que ela era. A luz do quarto dela estava acesa. Bati na porta.

— Gin, é a Mia.

— Vá embora — eu a ouvi murmurar em um gemido.

Abri a porta. Ela estava encolhida no canto do quarto, ainda usando a roupa de trabalho esfarrapada. O sangue seco formava uma crosta ao redor do nariz, da boca e ao longo do pescoço, por onde havia escorrido. As lantejoulas rosa cintilavam com a luz. As lâmpadas do teto, das duas mesas de cabeceira e do banheiro estavam acesas. O lugar parecia um desfile da Disney de tão iluminado. Cegaria qualquer um que mantivesse os olhos abertos por muito tempo. Protegendo os meus, caminhei lentamente em sua direção e me agachei.

Seu corpo tremia como uma folha ao vento. Coloquei a mão em seu joelho e ela se sobressaltou, os dentes batendo. As lágrimas corriam por suas bochechas como um rio, deixando manchas pretas de rímel misturadas com areia no rosto. Sua face estava inchada, e uma mancha roxa começava a se formar ao redor do olho. O lábio parecia precisar de pontos.

Uma raiva que eu nunca senti tomou todo meu ser. Aquele sentimento me deixava tão quente que tive medo de queimar minha melhor amiga com um único toque. Sabendo que ela precisava de mim, cerrei os dentes com tanta força que podia ouvir o rangido. Olhar para seu pequeno corpo machucado, espancado e em péssimas condições fez meu sangue ferver. Respirei fundo e segurei suas mãos.

— Vamos, amiga. Eu vou cuidar de você.

Ginelle balançou a cabeça de forma brusca.

— Não, você d-precisa i-ir embora. Se eles v-voltarem, vão t-te levar, c-com c-certeza. Ele d-disse que você vai ser dele. Eles querem v-você. — Suas mãos seguraram meus braços com tanta força que hematomas em forma de dedos apareceriam ali no dia seguinte. — Desta vez e-ele não vai p-parar até t-ter v-você — ela continuou através dos dentes que batiam. Seus olhos estavam num tom azul-safira selvagem. A garota estava completamente assustada, e eu odiava o fato de ser a culpada daquilo. Eles machucaram minha melhor amiga por minha causa. Graças a Deus ela estava bem. E eu precisava me certificar de que se manteria assim.

Puxei seu corpo para meus braços. Depois de um segundo, as lágrimas se transformaram em soluços, que se transformaram em um intenso arfar enquanto ela chorava. Durante vinte minutos eu a deixei colocar tudo para fora e exorcizar os demônios. Aquilo nunca seria esquecido. Provavelmente ela ficaria muito tempo olhando por cima do ombro, bem como checaria duas ou três vezes as fechaduras e as portas. Era muito possível que acabasse precisando de terapia para superar o trauma. Qualquer coisa que Gin precisasse, eu faria. Não importava o que fosse.

— Vamos, amiga, vou limpar você. — Acaricieei seu cabelo e suas costas com movimentos longos e suaves.

Ela concordou e me permitiu ajudá-la a ficar de pé. Quando observei sua roupa, quase enlouqueci outra vez. A frente estava toda rasgada, até o umbigo, os seios quase não estavam cobertos pelo frágil tecido. Havia novas fendas perto das coxas, como se o filho da puta estivesse tentando olhar suas partes íntimas. Eu a virei e a levei para o banheiro. Mordi a língua com tanta força tentando não gritar que senti gosto de sangue. Eu queria destruir tudo o que estivesse no caminho até encontrar os cretinos e colocá-los em um buraco a sete palmos com minhas próprias mãos.

Liguei o chuveiro e a ajudei a tirar a roupa. Ela cobriu os seios imediatamente,

embora eu já os tivesse visto um milhão de vezes. Gin não era tímida, nem eu. Nós nos conhecíamos a vida toda, mas, se o pudor a ajudava, eu não diria nada. Certificando-me de que a água estava boa, fiquei de calcinha e sutiã. E então entrei com ela no chuveiro.

Com extremo esforço, lavei todas as contusões e os arranhões que encontrei, desejando que pudéssemos prestar queixa, mas, conhecendo Blaine e sabendo que ele tinha muitos policiais na palma da mão, o esforço seria inútil. O cretino iria rir da nossa cara. Coloquei uma grande quantidade de sabonete líquido na esponja de banho e a orientei como uma criança, pedindo que levantasse um braço e depois o outro, que erguesse um pé e depois o outro. Coloquei mais sabonete na esponja e entreguei a ela.

— Limpe a parte da frente e a pepeca, Gin.

Ela assentiu e fez o que pedi de maneira metódica, como se fosse um drone que só seguia ordens. Peguei um pouco de xampu e lavei seu cabelo loiro comprido, esfregando o couro cabeludo lentamente e desejando massageá-la para tirar um pouco da tensão. Quando cheguei à nuca, ela suspirou e, finalmente, os ombros rígidos afrouxaram e caíram. Um ponto para Mia! Repeti o processo com o condicionador, me certificando de me movimentar com cuidado, sem tocar o resto de seu corpo. Quando éramos crianças e adolescentes, tomamos banho juntas uma centena de vezes, mas, depois de hoje, eu queria que ela tivesse certeza de que era amada e que ninguém se aproveitaria dela. Eu respeitava seu espaço e estaria a seu lado para qualquer coisa que ela precisasse.

Essa mulher era, para todos os efeitos, minha irmã, e eu a amava mais que minha própria vida. Se pudesse trocar de lugar com ela, teria me oferecido para salvá-la com todo o prazer e sem nenhum remorso.

— Amiga, lave o rosto com isso bem devagar, tá? — Entreguei a ela o sabonete facial. Ela o esfregou nas mãos, como se estivesse aquecendo-as. Peguei-o de volta e ela fez o que pedi. Cada vez que se aproximava dos lábios, bochechas e olhos, Gin estremecia e suspirava de dor. Os sons simbolizavam mais pregos no caixão de Blaine. Eu queria que ele pagasse pelo que havia feito com ela. Porra, eu queria que ele sangrasse pelo que tinha feito ao meu pai e à minha melhor amiga. Pegar Ginelle para provar um ponto era ir longe demais. Eu precisava pensar em alguma coisa. Não podíamos viver com medo, eu não podia viver preocupada com a possibilidade de alguém que eu amava ser pego cada vez que saísse de casa ou do trabalho, torturado por um dos capangas do Blaine só para me provocar.

Enquanto ela se enxaguava, vi o último resquício de espuma e sangue descer pelo ralo. Saí do chuveiro e deixei que ela ficasse um tempo sozinha.

Eu me enxuguei, fui até o quarto dela e peguei duas calcinhas. Troquei a minha por uma seca e vesti um de seus tops esportivos. Ela tinha poucas curvas; meus seios eram muito maiores e nunca se encaixariam nas taças pequenas dos

sutiãs. Na gaveta da cômoda, peguei duas camisetas e duas calças xadrez macias. Elas ficariam curtas para mim, mas não importava. Sem querer deixá-la no chuveiro por muito tempo, peguei a roupa e levei tudo para o banheiro.

Quando entrei, ela ainda não havia se mexido. Nem um centímetro. Ficou ali, com a água batendo nas costas, sem esboçar nenhuma expressão, olhando para o lado oposto do chuveiro. Ergui a mão e o desliguei, peguei uma toalha gigante que estava ali perto e a coloquei em volta dela. Gin não protestou enquanto eu a secava. Só ficou olhando para baixo, perdida em pensamentos.

— Quer falar sobre isso? — perguntei.

Ela balançou a cabeça. Foi o primeiro movimento que fez por conta própria, sem eu precisar pedir.

— Tudo bem, não precisa.

Ginelle fechou os olhos e respirou fundo. Lágrimas deslizaram pelo seu rosto, mas eu não disse nada. Se ela quisesse conversar sobre aquilo, conversaria. Por enquanto eu só cuidaria dela e ficaria ali. Era o melhor que eu podia fazer por ela. Depois de vesti-la, eu a guiei até o vaso sanitário e a coloquei sentada. Usando o polegar e o indicador, levantei seu queixo para inspecionar o rosto. O lábio estava bastante machucado, mas nada que não se curasse sozinho.

— Já volto — falei e me mexi para virar, mas, antes que pudesse dar um passo, suas mãos seguraram minha camiseta, me prendendo ali.

— Não me deixe sozinha. — Sua voz tremeu. Coloquei as mãos sobre a dela e a fiz soltar a camiseta.

Olhei bem dentro de seus olhos, os meus verde-claros para os seus, azul-safira.

— Gin, eu não vou te deixar. Só vou pegar o kit de primeiros socorros no corredor para fazer um curativo no seu rosto, tá?

Suas pupilas estavam enormes. Pareciam dois buracos negros. Ela tremia inteira, mas assentiu. Apertei suas mãos e, em seguida, me levantei e caminhei lentamente para fora do banheiro. Assim que passei pela porta, corri até o armário e o vasculhei até encontrar a caixa vermelha com uma cruz branca. Empurrei de volta para dentro tudo que caiu ao redor e voltei para Ginelle. Mais uma vez ela não havia se mexido, só olhava para o nada. Sua pele se arrepiou quando me aproximei.

— Só mais uma coisa. — Corri até o armário e peguei seu casaco favorito de capuz e zíper. Era pink e tinha bolinhas brilhantes de metal que formavam as asas de um anjo em toda a parte de trás. Ajudei-a a vesti-lo, coloquei o capuz sobre o cabelo molhado e o fechei. Mais uma vez, ela suspirou, enfiou as mãos nos bolsos e as manteve perto do corpo.

Tentando ser cuidadosa, passei uma pomada em todos os cortes e, onde consegui, os cobri com band-aid. Dei a ela quatro comprimidos de ibuprofeno.

— Isso vai ajudar a aliviar a dor. Você está com fome?

Ela balançou a cabeça, e eu a ajudei a ficar de pé. Afastei os cobertores da

cama e a deitei. Então, fechei o restante da casa, mandei uma mensagem rápida para Maddy e para Max, avisando onde estava, e me deitei na cama ao lado de Gin. Virei-me, coloquei o braço ao redor de sua cintura e fiquei de conchinha com ela. Me aconcheguei em seu pescoço.

— Você está bem agora. Eu estou aqui, Gin, e sinto muito. Sinto muito por isso ter acontecido com você, mas eu juro, juro por Deus que nunca mais vai acontecer. Eu prometo.

Ela apertou minhas mãos contra o peito e me manteve bem perto. E então as lágrimas vieram com força mais uma vez. Eu a abracei, a consolei e falei suavemente, até que ela finalmente adormeceu. Exausta, também embarquei para a terra dos sonhos.



Uma carícia leve como uma pluma tocou meu braço e recuou. Abri os olhos, sonolenta, e fiquei cara a cara com a única pessoa que eu queria ver mais do que queria respirar.

— Você está aqui — sussurrei, com medo de que, se piscasse, ele desapareceria. Wes passou a ponta dos dedos para cima e para baixo nos meus braços, tornando sua presença real.

— Claro que estou, linda. Onde você acha que eu estaria? — Sua cabeça se inclinou para o lado e um sorriso maroto cobriu seus lábios. Lindo.

Engoli em seco e afastei a emoção que me tomava.

— Desaparecido. Longe de mim.

Wes se inclinou e arrastou os lábios pelo meu pescoço, por cima da camiseta, mordiscando e beijando enquanto se mexia.

— Linda, o único lugar para onde eu vou é entre as suas coxas. Abra as pernas.

— Ele as segurou com firmeza.

Sem pensar, ter cuidado ou me preocupar, fiz exatamente o que ele pediu. Abri as pernas para ele.

Wes se agachou, posicionou o polegar e pressionou meu clitóris, como se tivesse visão de raio-X e pudesse ver a pele rosada através da calcinha. O dedo girou ao redor do ponto necessitado. Seus olhos estavam focados na tarefa a sua frente, colados no espaço entre minhas coxas.

— Olhe só para isso. O algodão está ficando encharcado bem diante dos meus olhos.

Gemi e movimentei os quadris, querendo mais, precisando de mais.

— Baby... — eu disse, sem fôlego, me mexendo com os pequenos círculos deliciosos.

— Será que eu consigo te fazer gozar assim? Te fazer gritar de prazer só com o

dedo? — Seus olhos brilharam, e a luxúria ficava evidente a cada vez que ele piscava. Ele umedeceu os lábios e eu observei o gesto, sem querer nada além de beijá-lo. Wes moveu o dedo de um jeito que me fez arquear. — Você consegue gozar pra mim, Mia? Eu acho que sim.

Ele sabia o que estava fazendo quando falava sacanagem e brincava comigo. O ato de me tocar com uma barreira levou minha excitação a níveis mais altos.

Wes se inclinou para a frente, prendendo minhas pernas com os braços fortes e apoiando os cotovelos ao lado das minhas coxas, impedindo qualquer movimento. Ele passou o nariz no meu clitóris e inalou ruidosamente.

— Caramba, baby, o seu cheiro é tão bom. Eu senti falta disso. De ter o rosto enterrado nesse calor. É o melhor lugar do mundo.

Ele acariciou meu núcleo coberto com o pano e esfregou o nariz no feixe ereto, a boca bem em cima de onde eu mais queria. Senti o calor úmido da sua respiração através da calcinha, em cima da minha fenda. Então ele retesou a língua, lambeu e sugou o tecido úmido, gemendo seu contentamento ao me provar através da trama. Aquilo me proporcionou uma sensação nova. Uma sensação que eu nunca tivera antes, mas que me fez desejar rasgar a calcinha para que ele me provasse plenamente, sem nenhuma barreira.

— Wes. — Mexi os quadris o máximo que pude, até que ele prendeu minhas coxas mais uma vez.

— Não se mova, linda. Quero que o seu corpo seja forçado a aceitar cada gota do prazer que eu te der. — E então ele começou a trabalhar. Lambeu e sugou meus lábios inferiores e o clitóris através do algodão que me cobria. Logo eu estava tão molhada que não importava mais que ele estivesse me chupando através da calcinha, de tão bom que era. Quando ele esfregou o polegar no clitóris e pressionou a ponta da língua em meu núcleo, o algodão raspou na pele sensível e meu corpo se retesou. A pressão começou em meu centro, deslizou até o peito, envolveu o coração e foi para todos os membros, até que eu estremeci. O prazer me eletrificou, mas Wes não parou. Ele me segurou e me forçou a sentir prazer várias vezes, até que arrancou a calcinha e mergulhou a língua profundamente na minha fenda. Tanto que seus movimentos me pressionavam contra a cama. Ele parecia não conseguir se aproximar o suficiente, e os sons que emitia eram carnisais, animais. Puta merda, eu poderia gozar só com aqueles barulhos.

Wes grunhiu, lambeu, chupou e me mordiscou até quase me deixar inconsciente, balançando meu corpo contra o rosto dele. Segurei seu cabelo loiro-escuro com muita força enquanto ele mantinha meu sexo aberto e me chupava tanto e com tanta força que era impossível não gozar.

Por fim, ele se afastou, limpou a boca com o antebraço, ergueu meus quadris e me penetrou com aquela ereção dura feito pedra.

Gritei enquanto todo o meu corpo tremia com o prazer de ser preenchida de

forma tão perfeita.

— Acorda, sua maluca! — Ginelle balançava meu corpo da mesma forma que Wes fazia no sonho, só que ele se concentrava em meu sexo molhado. Aquela sensação era estranha. Eu sentia dedos pequenos e ossudos balançando a parte superior do meu tórax de forma dolorosa, irritante e brusca. Abri os olhos, pisquei rapidamente, olhei ao redor do quarto e percebi onde estava. No apartamento de Ginelle. Examinei o ambiente. Wes tinha ido embora. Estava longe de ser encontrado.

Merda, tinha sido apenas um sonho. Um sonho que havia me deixado encharcada entre as pernas, o que era a última coisa que eu queria enquanto estava na cama com a minha melhor amiga.

— Que porra é essa? — Sua voz soou como se ela tivesse engolido uma caixa de pedras.

— Gin, desculpa. Acordei você? — Eu me apoiei nos cotovelos e afastei os fios de cabelo dos olhos. Ela se sentou sobre as pernas, com os cabelos loiros bagunçados. Seu olho bom se estreitou; o outro estava inchado e fechado. Vê-la sã e salva perto de mim me fez pensar que ela nunca esteve melhor.

— Sim, me acordou, porque estava tentando transar comigo! — Ela franziu a testa e riu com a mão na boca. — Vadia safada!

Certamente meus olhos se arregalaram tanto que poderiam ter saído das órbitas, como um daqueles bonecos antiestresse — é só apertar o corpo e os olhos saltam. Era assim que eu me sentia naquele momento.

— De jeito nenhum.

— Com certeza! Você estava se mexendo e falando feito uma sonâmbula. — Ela passou as mãos ao lado dos seios e ao longo da cintura. — Ah, Wes, baby, isso. — Ela estremeceu e, em seguida, sua mão voou até o lábio machucado. — Ai! — Esticou a perna e me chutou na coxa. Não forte o suficiente para machucar, apenas para provar o seu ponto de vista. — Não faça eu me mexer e rir. Você não vê que eu estou toda fodida?

Cobri o rosto com as duas mãos.

— *Argh*, desculpa, Gin. Faz semanas que o Wes e eu não nos vemos, e aí eu beije o Blaine ontem à noite, e graças a Deus o Max nos interrompeu antes que a gente pudesse ir longe demais.

— Você ficou com o Blaine, o filho da puta que me sequestrou? — Seus olhos escureceram, imediatamente indicando raiva.

— Não! Quer dizer, sim, mas eu preciso explicar. Me ouça.

Ginelle franziu os lábios, se encolheu, pelo que supus ser a dor do corte, e depois cruzou os braços.

— É melhor que seja bom. Ser acordada por uma louca tentando transar com as suas costas precisa de uma explicação muito consistente.

Contei tudo, desde o momento em que recebi a mensagem com o vídeo,

passando pelo encontro com Blaine e o que aconteceu no restaurante, até o acordo de um beijo por uma semana extra de tempo, com a ressalva de que ele a soltaria. Ela pareceu muito mais calma quando percebeu que eu tinha feito aquilo por ela. Mas ficou preocupada que aquele beijo tivesse mexido comigo. Eu também, mas por razões diferentes.

Definitivamente eu não queria me ligar a Blaine e não tinha vontade de trair Wes, transando para quitar a dívida. Levando tudo isso em consideração, eu não sabia o que fazer.

— Então você estava beijando o Blaine e de repente imaginou o Wes?

Assenti.

— Foi tão real. O Blaine me beijou e foi como se ele tivesse se transformado no Wes. Gin, se o Max não tivesse aparecido, eu não sei o que teria feito.

— Você estava assim tão perdida na imaginação?

— Sim. Eu juro, é como se eu pudesse sentir o cheiro dele, o cheiro de mar que se agarra à sua pele mesmo depois que ele toma banho quando acaba de surfar.

Gin balançou a cabeça e sorriu o máximo que conseguiu por conta do lábio machucado.

— Você gosta mesmo desse cara, hein?

Pensei no meu namorado. Em quanto ele provavelmente estava sofrendo. Senti uma dor física no estômago.

— Gin, eu estou completamente apaixonada por ele. O Wes é tudo pra mim.

O olho que não estava inchado se arregalou.

— Você pensa em casar com ele?

Casamento. Não era algo em que eu pensasse, uma vez que meus pais haviam falhado tanto naquilo, assim como a maioria dos amigos que tive enquanto crescia. Mas naquele momento, bem ali, sentada na cama com a minha melhor amiga, abrindo meu coração para ela, assenti.

— Acho que talvez sim — admiti em um sussurro.

— Uau. Você está muito fodida.

O triste era que Ginelle estava certa, porque, se Wes não aparecesse vivo, eu perderia muito mais do que o homem que amava. Perderia meu coração e a sanidade junto com ele.



Gin tirou uma semana de folga, explicando o que havia acontecido. Seu chefe foi compreensivo e pediu para ela ficar afastada pelo tempo que precisasse. Todos na cidade sabiam quem era Blaine e que ele controlava o submundo de Vegas. Como não queríamos ficar longe uma da outra depois do que aconteceu, Ginelle foi comigo para o hotel. Ela ainda estava triste, mas aos poucos voltava a ser a mal-humorada hilária que eu conhecia e amava. Passamos a manhã toda falando sobre Wes e para onde eu achava que nossa relação iria quando ele voltasse. Ela admitiu que havia ficado preocupada com o fato de nós estarmos morando juntos, mas, agora que tinha visto como eu estava mexida por ele ter desaparecido, por causa dos meus sonhos e por ter imaginado ser ele no lugar de Blaine, entendeu que eu estava mais que louca por ele e só por isso me apoiava. Simples assim.

Quando entramos no hotel, Max estava sentado no restaurante com Maddy e Matt. Ele havia ficado com ela durante a noite, quando saí. Havia uma grande quantidade de comida sobre a mesa, o suficiente para alimentar um exército inteiro.

Max se levantou quando nos viu, veio até mim e me ergueu num enorme abraço de urso. Segurei firme, tentando me manter viva enquanto ele me apertava até me deixar sem ar.

— Eu estava preocupado, meu anjo. Fico feliz em ver você de volta com a sua amiga. — Ele me colocou no chão lentamente e pressionou a testa na minha. — Você está bem? — perguntou.

Segurei suas bochechas, me inclinei para trás e beijei sua testa.

— Estou bem, Maximus. — Sorri e ele retribuiu.

Max se virou para Gin, que estava sem jeito, balançando de um lado para outro.

— Ei, querida, você está bem? — Ele ergueu a mão até o rosto dela e Gin recuou um passo. A mão de Max caiu na lateral do corpo, seus olhos claros ficaram duros, e suas narinas, dilatadas. — Um homem colocar as mãos em uma mulher de maneira agressiva é muito errado.

Eu bufei.

— Você acha que *isso* é errado? Ele quase matou o pops. O homem e seus capangas são maldade pura. Agora eu só preciso descobrir o que vou fazer para resolver a situação.

Max estava prestes a responder quando meu celular tocou. Olhei ao redor, e

todos os olhos estavam em mim. O ataque dos nossos militares na Indonésia deveria ter acontecido na noite anterior. Peguei o aparelho, olhei para a tela e vi o nome de Warren Shipley.

— Alô, Warren?

— Sim, sou eu, Mia. Tenho notícias. — Sua voz estava calma, porém firme. — Você está sentada?

Encostei na cadeira mais próxima e me sentei, pressionando o telefone no ouvido.

— Sim. Estou pronta. Encontraram o Wes? — Meu coração começou a bater tão violentamente que eu jurava que podia senti-lo na ponta dos dedos e por todo o caminho até os dedos dos pés. Era como se o meu corpo todo fosse só coração.

— Eles o resgataram, mas a missão foi terrível. Muitas pessoas morreram.

Fechei os olhos, fazendo uma oração silenciosa por aqueles que não se salvaram.

— Me conte o que aconteceu e onde está o Wes.

— Ele está a salvo, sendo tratado em um local secreto.

Um peso de duas toneladas saiu do meu peito, substituindo o pior dos meus medos por um peso muito menor. Agora eu só precisava vê-lo. Beijar sua boca. Abraçá-lo bem apertado e recuperar o que era meu... para sempre. Então eu registrei as palavras de Warren. *Local secreto?*

— O quê? Eu preciso vê-lo!

Ele limpou a garganta.

— Querida, não dá. Ainda não. Os médicos vão cuidar das vítimas e depois elas vão ser interrogadas para tentar descobrir o que for possível sobre a célula terrorista. Qualquer informação que elas tenham pode ser incrivelmente importante para ajudar a combater o terrorismo. Esse grupo foi particularmente hediondo, Mia. Você não imagina as coisas que eles fizeram contra mulheres e crianças que não partilhavam da sua fé. E eu nem estou falando dos dezoito turistas que foram sequestrados e resgatados dos ataques.

— Dezoito turistas? Achei que fossem só o Wes e os cinco membros da equipe que restaram.

Max se sentou ao meu lado e colocou uma mão no meu joelho, que estava pulando como uma criança de cinco anos em um trampolim. Maddy se sentou do outro lado e segurou minha mão, beijando-a. Segurei a dela e a levei para perto do rosto, me consolando com seu calor e presença enquanto ouvia Warren.

— Não importa. Você sabe como ele está? — Esperei, prendendo a respiração, por qualquer migalha de informação sobre o estado dele.

— Tudo o que sei é que, quando a equipe entrou, eles começaram a matar os reféns. Parece que decidiram que, se iriam morrer, levariam os americanos desprezíveis e sua propaganda religiosa com eles. Um homem foi usado como escudo humano. Ele estava vestido com as roupas dos terroristas, foi forçado a

segurar uma arma descarregada e a caminhar para fora da cabana, onde o pegaram. Os atiradores não faziam ideia de que ele não era um dos inimigos. Ele e o homem que o estava conduzindo com uma arma nas costas foram mortos assim que a equipe os viu.

— Jesus... — Meu coração se apertou.

A voz de Warren ficou baixa.

— Querida, as coisas que fizemos com a mulher, aquela atriz, eu não desejo nem ao meu pior inimigo.

Gina DeLuca.

Putá merda. Eu a odiava — não porque tivesse o direito de odiá-la, mas porque ela tinha tido um relacionamento casual com Wes durante um tempo. Ela havia conseguido o que eu queria, mas não tive coragem suficiente para ir atrás na época. Mesmo assim, eu não lhe desejava mal. Talvez uma foto feia dela comendo cachorro-quente na revista de fofocas local, mas não que ela fosse torturada por homens doentes e loucos com motivações egoístas.

— Ela está... hum... bem?

Warren soltou um longo suspiro.

— Física e mentalmente, não. Se ela vai sobreviver? Sim.

Pisquei para afastar as lágrimas, contendo-as o máximo que pude.

— Mais alguém sobreviveu?

— Só um instante. — Pude ouvir Warren fungar e assoar o nariz ao longe. — Estou bem, Kathy. Estou falando com a Mia. Preciso terminar. Sim, um pouco de chá seria bom. Obrigado, querida — ele disse a Kathleen.

Kathleen era a mulher por quem ele finalmente admitiu que estava apaixonado depois de tantos anos. Eles estavam juntos, e eu estava feliz por saber que até mesmo uma segunda chance no amor acontecia neste mundo.

— Desculpe, Mia. Mesmo na minha idade, esse tipo de coisa nunca é fácil de dizer.

— Posso imaginar que não seja mesmo. — Respirei fundo, apertei a mão de Maddy e engoli. — Quando ele volta para casa e quando eu vou poder falar com ele?

— As minhas fontes disseram que ele vai estar em casa dentro de duas semanas. Estão cuidando dele clínica e psicologicamente, levando em consideração que os refêns estão severamente desnutridos, dormiram pouco ou nada, foram torturados, espancados e viram coisas muito ruins acontecerem.

A cada palavra que Warren dizia, eu sentia que alguém enfiava alfinetes em meus poros. Minha pele coçava com a necessidade de ver Wes, tocá-lo e amá-lo.

— Warren, eu preciso vê-lo. Tenho que falar com ele.

— Assim que eu souber mais sobre onde ele está e quando você pode vê-lo, aviso. Me dê alguns dias, tudo bem?

Eu me levantei imediatamente e caminhei pelo ambiente.

— Alguns dias? Você quer que eu espere alguns dias para falar com o homem que eu amo, o homem que ficou desaparecido por mais de três semanas? Você está louco? Warren, isso é ridículo. Ele passa de refém de extremistas radicais para detido pelo governo? A porcaria dos Estados Unidos! A terra da liberdade! — gritei tão alto que Max colocou as mãos sobre meus ombros, tirou o telefone das minhas mãos mais uma vez e o colocou no viva-voz.

— Shipley, aqui é o Max. O que é preciso para que a minha irmã consiga receber um telefonema do namorado?

Warren resmungou e xingou em voz alta.

— Que alguém mexa os pauzinhos.

— Então eu diria que  *você*  precisa mexer seus pauzinhos. Pelo que a minha irmã disse, você deve um favor a ela.

— Mia, você contou para ele? — A voz de Warren ficou gélida.

— Não! — respondi, irritada por ele sequer pensar que eu arriscaria contar aquilo a mais alguém, ainda que meu irmão não fosse qualquer um.

Os olhos de Max passaram de verde-claros para verde-escuros, as pupilas grandes e assustadoras. Ele percebeu que o que eu sabia sobre Warren era grande o suficiente para acabar com um homem muito rico e poderoso. Normalmente, aquelas coisas davam cadeia. Se Aaron perdesse uma única sessão na clínica de reabilitação ou na terapia, eu tinha o poder de fazer uma queixa formal e ele perderia o status de senador da Califórnia. Não que isso fosse uma perda grande para o estado. Com um telefonema, eu poderia arruinar a carreira de Aaron Shipley. Não só isso: eu sabia que aquilo prejudicaria Warren também, e não tinha absolutamente nenhuma intenção de destruir o bem que ele estava fazendo com seu novo empreendimento para ajudar as pessoas em países de terceiro mundo. Agora que eu sabia que tipo de merda acontecia nesses países, isso era ainda mais importante.

— Mia, eu vou ver o que posso conseguir, mas não prometo nada.

— Qualquer coisa vai ser útil. Qualquer coisa, por favor. — Minha voz estava baixa, cheia de emoção e súplica enquanto eu dizia as palavras em meio às lágrimas que haviam começado a cair.

Maddy passou o braço ao meu redor e me puxou para perto. Eu me agarrei a ela, uma das coisas mais sólidas que tive na vida. Minha irmã.

— Se precisar de dinheiro ou recursos, me ligue — Max afirmou em sua pose “sou um homem de negócios”. — Não importa quanto custe, faça acontecer. Ouviu?

— Alto e claro — respondeu Warren.

Naquele momento, eu estava muito abalada para pensar, quanto mais para responder. Meu namorado estava salvo, enquanto mais vidas foram perdidas, apesar de alguns turistas também terem sido resgatados, mas eu não podia ver ou falar com ele. Agora o governo o manteria preso em algum local secreto por

mais algumas semanas. Jesus. Como eu sobreviveria aos próximos dias sem falar com ele? A resposta simples é que eu não conseguiria.

— Muito bem. Consiga que ele ligue para o celular dela e tente fazer isso rápido — Max falou e eu sorri através das lágrimas.

Deixei que meu novo irmão movesse algumas montanhas. Ele era grande o suficiente para fazê-lo de uma vez só. Agora eu sabia como ele conseguia conduzir um império. Ele não só era forte e justo, mas, quando falava, as pessoas ouviam. Um líder nato. Era o que acontecia com um pai como Jackson Cunningham. Eu não conheci o homem, mas o filho que ele criou era fascinante.



Após a ligação, fui para a cama. Ginelle dormia na outra, e Maddy se aconchegou ao meu lado. Aparentemente, ela tinha ficado preocupada a noite toda, embora eu tivesse mandado uma mensagem dizendo onde estava. Ela queria ter ido me ver. Matt a havia forçado a ficar com ele. *Matt*.

Pisquei, afastando as horas de sono, me levantei sem perturbar Maddy ou Ginelle e, na ponta dos pés, fui para o outro cômodo, carregando um jeans limpo e uma camisa de mangas compridas. Assim que tomei um banho quente, quase escaldante, e sabendo que Wes estava seguro — inatingível, mas seguro —, me senti muito melhor. O pops estava respirando por conta própria, os medicamentos estavam curando a reação alérgica e os médicos acreditavam que o prognóstico era bom.

A única coisa que eu tinha que fazer agora era lidar com Blaine, mas, primeiro, resolvi bater um papo com o noivo da minha irmã. Entrei na área principal e encontrei Max cochilando no sofá. As portas da sacada estavam abertas e a brisa soprava através do cômodo, iluminado com o brilho laranja e rosa do nascer do sol. Eu podia ver os pés de Matt apoiados sobre a grade.

Pegando uma garrafa de água do minibar, caminhei até o lado de fora e fiz questão de fechar a porta. Matt se virou para mim, com um par de óculos escuros. Ele usava camisa xadrez e uma calça jeans bonita de lavagem escura. Nos pés, um par de Converse. O retrato perfeito de um universitário. Bem, um universitário elegante.

— Como está a Maddy? — ele perguntou quando me sentei, seu corpo se tensionando, ficando alerta.

Coloquei os pés em cima da grade também, empurrei o cabelo para trás e olhei para Las Vegas. As montanhas do deserto que cercavam a cidade eram algo para admirar e parte do que atraía os turistas em massa. Isso e os cassinos, é claro.

— Relaxe. Ela está bem. Ainda está dormindo.

Os ombros de Matt caíram e ele se endireitou na cadeira.

— Ela estava muito preocupada com você na noite passada.

Eu ri.

— Eu sei cuidar de mim.

— Não dói se apoiar em alguém que ama você.

Inclinando a cabeça para o lado, olhei para ele.

— Do mesmo jeito que você a estava apoiando para vocês se casarem imediatamente?

Seus olhos se arregalaram.

— Ela, hum, te contou. — Ele moveu as pernas para a cadeira e se inclinou para a frente, abaixando a cabeça.

Pobre menino. Não tinha ideia de com quem estava lidando.

— Matt, vamos esclarecer algumas coisas. Eu venho cuidando sozinha da Maddy desde que ela tinha cinco anos. Eu sou irmã dela, mas por uma boa parte do tempo tive que ser o pai também. Nós somos muito unidas. — Levantei dois dedos juntos.

— Sim, eu sei, mas achei que o que tinha acontecido era particular. Cometi um erro. — Sua voz era baixa, arrependida.

— Um erro que espero que você não cometa de novo tão cedo.

Suas sobrancelhas se franziram.

— Eu ainda quero me casar com ela. Assim que ela aceitar — Matt disse, apressado.

Estendi as mãos.

— Eu sei. Eu não disse a ela para não se casar com você. Sinceramente, acho que vocês são ótimos juntos. Você é bom para ela e provou isso durante essa situação. — Acenei com a mão. — Só que a Maddy precisa de um tempo para se acostumar. Vocês estão juntos só há alguns meses. Curtam a companhia um do outro, se divirtam, saiam com os amigos e estudem bastante. Não deixe que a pressão da necessidade de crescer rápido demais faça vocês perderem a melhor parte. A jornada.

Olhei para o meu pé, e o que estava escrito tinha um significado muito maior do que jamais imaginei possível. As letras entrelaçadas com as pétalas voando na brisa me lembraram de que eu precisava manter contato com meus amigos, além de adicionar pétalas novas. Mesmo que minha vida parecesse fora de controle, eu deveria dedicar um tempo às pessoas que tinham passado a significar tanto para mim. Alec, Mason, Rachel, Tony, Hector, Angelina, Tai, Heather e Anton. Só pensar em cada rosto trouxe memórias de tempos melhores e colocou um sorriso em meus lábios.

— Por que você estava com tanta pressa para casar? — perguntei e foquei em sua linguagem corporal. Ele parecia... derrotado, e eu não imaginava por quê. Ele não era do tipo que trairia, e, se o fizesse, eu o mataria, então não podia ser

isso. A família Rains era amorosa, e eles não pareciam insistentes demais a respeito do casamento. Os pais de Matt pareciam felizes com o fato de o seu garoto ter encontrado uma boa menina e apoiavam a decisão de morarem juntos.

Matt balançou a cabeça.

— Você vai achar idiota.

Eu ri.

— Provavelmente, mas me conte assim mesmo.

Ele sorriu e, tão rapidamente quanto o sorriso se espalhou em seu rosto, desapareceu. Matt soltou um longo e lento suspiro.

— Tem um grupo de caras. Atletas. Grandões, bonitões. Eles estão sempre conversando com a Maddy depois da aula, tentando fazê-la estudar com eles, ajudá-los com os trabalhos. Dizem até que podem pagar para ela dar aula para eles.

— E ela aceita?

Sua expressão se transformou em desgostosa.

— De jeito nenhum. Ela nunca faria isso.

Eu sabia antes mesmo de perguntar, mas queria ouvir a resposta dele. Ponto para o Matt.

— Continue.

— A questão é que eles não vão desistir. São todos bem-sucedidos, de famílias ricas. Eles poderiam dar qualquer coisa que ela quisesse, e eles praticam esportes. A Maddy ama esportes. Eu só assisto por ela.

— Você assiste esportes pela minha irmã? — Não pude deixar de rir muito. Cara, isso era bom demais. Claro que a Maddy tinha que se apaixonar por um homem que não gostava de esportes. Isso só mostrava quanto os opostos se atraem.

Matt riu.

— Bem, sim. Ela adora. Diz que é o que vocês e o pops faziam juntos, como família. E, como eu quero ser parte da sua família, assisto também.

Fofo. Fofo demais. A minha irmã tinha realmente tirado a sorte grande com aquele cara.

— Eu não estou entendendo qual é o problema. Você está com ciúme desses caras?

Seus ombros caíram novamente.

— Não sei, talvez. Sou um cara que gosta de plantas. Vou trabalhar para empresas que lidam com agricultura, botânica e coisas desse tipo. Eles vão ser atletas profissionais, vão comandar as empresas da família e vão ser capazes de dar a ela uma vida que eu não posso dar. Sou apenas um geek com o dedo verde. E a Maddy... Meu Deus, ela é tão linda. Boa. Amorosa. Incrivelmente inteligente. Ela poderia ter qualquer um com um estalar de dedos.

*Ah, entendi agora.* Ele estava inseguro.

— Poderia mesmo. A minha menina é mais que linda. Mas sabe de uma coisa, Matt?

Seus olhos estavam tristes quando ele olhou para mim.

— O quê?

— A Maddy ama *você*. Ela quer se casar com *você*. Ela te deu algo muito especial, e você é o único homem que ela quer. Entende o que eu quero dizer?

Ele sorriu e suas bochechas coraram. Tão fofo. Falar sobre sexo o fazia corar. Sim, ele era quase perfeito para a minha menina.

— Acho que sim. Eu só pensei que, se pudesse fazer dela a minha esposa, eu não iria, você sabe...

— Perdê-la?

Ele concordou e eu bati em seu ombro.

— Matt, eu só posso te dizer pra ter confiança. Tenha confiança no seu amor e na Maddy. Ela nunca agiria errado com você. Ela não é assim.

Ele acariciou minha mão.

— Você está certa. Nós conversamos sobre isso. Eu admiti boa parte disso pra ela. A Maddy falou que eu estava louco, disse que eu era o cara mais gostoso que ela já tinha conhecido, pulou em cima de mim e me provou quanto me amava.

E então ele perdeu um ponto.

— Que nojo. Você acabou de contar pra *mim*, a *irmã* da sua noiva, que vocês fizeram sexo de reconciliação? *Blergh*. Eu vou vomitar!

Ele riu.

— Cedo demais?

— Com certeza. *Argh*, garoto, agora vou precisar limpar os ouvidos com um profissional. Você é louco. Primeiro fala de plantas e depois de sexo? Meu Deus. Não sei como a Maddy aguenta isso. — Sorri e olhei para ele, dando uma piscadinha.

Passamos a hora seguinte juntos, rindo e falando das coisas engraçadas que ele e minha irmã faziam para passar os dias, exceto as coisas sexuais. Perguntei o que ele achava de se mudar para o Texas, caso a Maddy quisesse trabalhar na Cunningham Óleo e Gás. Ele disse que não se incomodaria, que iria para qualquer lugar que ela escolhesse. Matt havia entendido que, até Max chegar, Maddy não teve família além de mim, e ele queria que ela fosse feliz. Além disso, ele gostava de Max e da região onde ele morava. Aparentemente, ele e Maddy conversaram sobre procurar um terreno no Texas onde ele poderia fazer uma plantação. Talvez abrir sua própria microempresa com a produção local ou algo parecido. Muitas ideias boas e sólidas para o futuro. Ele concordou que o casamento certamente aconteceria depois que ambos se formassem.

Saber que Matt e eu conversamos e resolvemos a leve irritação que senti ao ouvir que ele estava pressionando Maddy tirou mais um peso dos meus ombros.

O último problema restante, além de ver e falar com meu homem, era um pé no saco. Blaine Babaca Pintero.



A sexta-feira chegou e eu continuava sem saber como acalmaria Blaine sem dinheiro ou vontade de ficar entre os lençóis com ele. O pops estava melhorando. Maddy e Matt estavam unidos e tinham voltado a fazer planos para o futuro. Max ainda estava na cidade, e Ginelle, segura. Por enquanto.

Eu, por outro lado... A história era completamente diferente. Eu estava uma bagunça do caramba. Já haviam se passado alguns dias sem nenhum telefonema do Wes e nenhuma informação nova vinda do Warren, mesmo que eu ligasse para ele três vezes ao dia desde o momento em que ele me disse que Wes estava vivo. Ele começou a ignorar minhas chamadas. Uma vez Kathleen atendeu, disse que ele estava trabalhando naquilo e não pararia até conseguir notícias sobre o paradeiro de Wes. Por enquanto, porém, ele não podia ouvir minha voz desesperada e tentar fazer alguma coisa. Eu entendi. Se fosse comigo, não seria capaz de fazer nada com um desastre emocional ligando a cada cinco minutos atrás de novidades.

*É assim que o inferno deve ser.* Saber que o homem que amo, a pessoa por quem eu daria a vida, se feriu mental e fisicamente e eu não estava lá para tocá-lo, dar a mão ou apoiar seu processo de cura. Era uma droga... total.

Meu pescoço tinha uma câibra permanente por olhar para o telefone sem parar, esperando a ligação de um número desconhecido. Toda vez que a maldita coisa tocava, todo o meu sistema entrava em ação, as sinapses disparavam, o coração batia descontroladamente, apenas para descobrir que era Max, Maddy ou Gin. *Argh.*

Na noite anterior eu não consegui segurar o colapso emocional e liguei para meus amigos. Hector gritou enquanto eu contava o que tinha acontecido com Wes. Tony ficou irritado e perguntou se eu precisava de dinheiro, passagens de avião ou qualquer coisa que pudesse ajudar. Sempre tão prestativo. Garanti a eles que estava resolvendo tudo e que tinha fé de que ele estaria em casa em breve. Praticamente uma mentira. Tive instruções escritas para ligar para eles na semana seguinte ou eles me caçariam. Eu não tinha dúvida de que eles cumpririam a ameaça. Mason não foi tão gentil. Ele ficou puto da vida. Pronto para pular fora dos últimos jogos da temporada, embora o Red Sox estivesse arrebetando e ele fosse a estrela do arremesso.

— *Que merda, Mia. Você espera as coisas ficarem muito fodidas pra ligar? — A voz de Mason ficou mais distante, como se ele tivesse afastado o celular da boca.*

— Não, Rach, eu não vou ter calma. Isso não é legal. Nós somos uma família.

Ouvi-lo dizer que eu era da família me atingiu. Eu não tinha o direito de guardar todo esse drama para mim. Havia pessoas que se importavam e me amavam da mesma forma que eu os amava. Era hora de começar a contar mais com eles, se não física, pelo menos emocionalmente.

*Ele voltou à linha.*

— *Eu não acredito que você descobriu que tem um irmão. Isso é loucura.*

— *Sim, mas ele é demais e cuidou de tudo. Agora eu sou dona de quase vinte e cinco por cento da Cunningham Óleo e Gás.*

— *Que porra é essa? Está de sacanagem comigo?*

— *Não. Aparentemente, Jackson Cunningham sabia sobre mim o tempo todo e queria deixar uma parte da sua herança para a irmã do Max. O que ele não sabia era que a Maddy existia e que, como nós sabemos agora, é um membro consanguíneo da família Cunningham. Minha mãe fingia que a Maddy era filha do meu pai.*

— *Jesus. A sua mãe era louca.*

Pensei em Mason e em sua mãe, que havia morrido de câncer de mama quando ele era criança. Ela teria dado qualquer coisa para ter mais um dia com os filhos, e minha mãe se afastou não de uma nem de duas, mas de três crianças que precisavam dela. Esse é o tipo de coisa que muda sua vida e é impossível perdoar. Imaginei se Max tivera a chance de mandar seu investigador descobrir onde a nossa querida mãe estava. Se ele encontrasse Meryl Colgrove, o que é que eu diria a ela? *Você é uma merda?* Jogaria na cara dela que nós estávamos ótimos? Bem, Max e Maddy estavam indo muito bem. Eu? Era acompanhante para pagar a dívida do homem que ela abandonou.

Quando Mace e eu desligamos, prometi ser mais presente na vida deles, visitá-los no próximo ano e apresentá-los ao Wes. Em seguida foi a vez de Anton e Heather. Claro, Anton seguiu a abordagem filosófica de sempre, perguntando como aquilo me afetou e como eu me sentia a respeito. Juro, Anton, o Latin Lovah, era um hippie debaixo de todas aquelas correntes de ouro. Heather, por outro lado, falou um monte de “eu não acredito” e “puta merda”. Ela ficou muito preocupada comigo e queria saber como eu estava lidando com o desaparecimento de Wes. Eu não tinha muito a dizer, porque, se falasse, derreteria em uma poça de lágrimas. Além do mais, tinha que me manter forte para Wes e continuar lutando, e era isso que eu planejava fazer.

Alec, é claro, foi Alec. Sua voz e seu amor verdadeiro me fizeram sentir melhor. Ele tinha jeito com as palavras e me disse que confiava na minha

capacidade de sobreviver mais um dia. Por outro lado, se eu quisesse, ele ficaria feliz em me levar para a França, onde tomaria meu corpo e encheria minha alma de luz. Suas palavras, não minhas. Embora elas tivessem sido ditas em um francês tão eloquente que meu corpo inteiro se arrepiou. Tive que deter aquele trem sexy com um aviso gentil, que o meu francês compreendeu. Para ele, amor era amor, mas ele aceitava o tipo “para sempre” e respeitaria meus desejos. Então, aquilo significava que não haveria encontros sexuais com um artista francês safado. Tive que dizer essa parte em inglês e repetir em francês para deixar bem claro.

Deixei Tai por último. Como esperado, ele não recebeu bem a notícia. Tanto que eu nem contei tudo, porque, se falasse a ele sobre Blaine, suas ameaças e o sequestro, ele pegaria o primeiro avião com meia dúzia de samoanos gigantes em busca de sangue. O sangue de Blaine. Claro, tornaria tudo mais fácil para mim, mas aqueles homens se machucariam. Tipos como Blaine eram pomposos demais para lutar com as próprias mãos, como ficou provado pela experiência que Max teve no corredor. Blaine nem sequer tentou acertá-lo. Não. O babaca usaria capangas, facas e, certamente, armas. Ele não pararia até que todo o clã Niko estivesse morto e enterrado em uma área há muito esquecida do deserto de Nevada, para que nunca mais alguém ouvisse falar deles. Aquilo não aconteceria com o meu samoano sexy. De jeito nenhum.

Contei ao Tai sobre o pops e Max. Foi o suficiente para que seu medidor de preocupação se elevasse. Conversamos por muito tempo. Perguntei o que Amy pensava sobre a nossa longa conversa, mas, no meio do bate-papo, ela lhe deu um beijo de boa-noite e disse que o esperaria na cama. Não havia preocupação, malícia ou ansiedade em seu tom. Quando perguntei a Tai sobre aquilo, ele disse simplesmente:

— A Amy não se importa. Ela entende que você é da família.

E lá estava novamente. Aquela palavra. *Família*. Quando comecei esta jornada, há nove meses, essa palavra era composta de quatro pessoas. Maddy, Ginelle, o pops e tia Millie. Agora as pessoas que eu considerava parte da minha família não podiam ser contadas em duas mãos inteiras, para não mencionar a nova relação de sangue com Max, Cyndi, Isabel e o bebê Jack, que estava a caminho. Quatro novos parentes. Era difícil compreender quanto a vida tinha mudado ao longo dos últimos meses. Mais do que eu jamais teria imaginado possível em meus vinte e cinco anos.

E ainda havia Wes. Olhei para o celular mais uma vez. Nada. Carrancuda, me vesti, fazendo um esforço extra. Se eu iria mendigar, negociar e pleitear com Blaine por mais tempo, queria pelo menos parecer bem.

O telefone zumbiu e eu corri para verificar o que era, rezando para que fosse Weston. O que vi forçou uma enorme careta, sentida da cabeça aos pés. A força vital em meu ser tinha sido drenada e agrupada ao redor deles.

Espero que você esteja bem e com o meu dinheiro, ou esteja preparada para cumprir os termos. Nos encontramos no nosso lugar em uma hora. Estarei esperando.

Claro que ele estaria, o filho da puta anormal. Quando peguei a bolsa e passei a alça sobre o ombro, Max pegou um molho de chaves e olhou para mim.

— O quê? — perguntei.

Seus lábios, grossos e naturalmente rosados, formavam uma linha fina. Estavam desprovidos de cor. Sua linguagem corporal era rígida e desconcertante.

— Vou levar você.

Eu me encolhi.

— Hum, não. Eu vou ficar bem. Ele não vai me machucar, Max. Ele quer transar comigo, não me matar.

O queixo de Max travou e um músculo ali se moveu.

— Ele sequestrou a sua melhor amiga, Mia. Essa não é uma situação a ser subestimada.

Suspirando, coloquei a mão em seu braço. Ele enrijeceu por reflexo.

— Max, ele não vai gostar da sua presença lá. Eu sei com o que, ou, mais especificamente, com *quem* estou lidando. Eu tenho muito valor, monetária e fisicamente, para que ele faça algo precipitado. Eu vou ficar bem. — Olhei diretamente em seus olhos e menti.

Blaine era uma incógnita. Eu nunca sabia o que o balançava, o que o fazia rir ou quando ele se transformaria no mal encarnado. Eu esperava seguir pelo lado engraçado e planejava trabalhar por esse ângulo, juntamente com seu desejo de ir para a cama comigo, para ganhar mais tempo. Talvez usar o seu amor ao dinheiro e lhe prometer mais. Muito mais. Eu poderia facilmente continuar a trabalhar para Millie, repassando a ele o dinheiro que ganharia, bem como tudo o que ia receber da Cunningham Óleo e Gás. Eu sabia que Max não queria que o seu dinheiro financiasse um criminoso, mas eu não tinha escolha se quisesse ter qualquer coisa parecida com uma vida normal.

— Confie em mim. Eu vou resolver — eu disse, empurrando os ombros para trás e endireitando a coluna.

Max balançou a cabeça e abriu a porta.

— Confie em *mim*. — Ele apontou para o peito. — *Eu* vou resolver. Já te disse antes e vou dizer de novo, querida. Eu cuido da minha família. Fim da discussão.

Meus ombros caíram enquanto eu o seguia até o elevador e o carro alugado. Nada foi dito no caminho até o Luna Rosa. Eu não tinha ideia do que falar para ele, e acho que ele escolheria palavras que eu preferiria não ouvir.

Entramos no restaurante, e, como de costume, Blaine estava do lado de fora, no pátio, em nossa mesa. Guarda-sóis tinham sido colocados para fazer sombra.

A água do lago mantinha a temperatura no pátio com a sensação térmica de pelo menos dez graus a menos que o calor normal de Las Vegas. Enquanto caminhávamos, Blaine se levantou. Ele usava um terno bege que o vestia com perfeição. A camisa coral desabotoada em cima destacava o bronzeado e fazia seus olhos brilharem. Eles me faziam lembrar dos olhos de um gato no escuro, quando pareciam cintilar com um brilho verde-amarelado.

Blaine estendeu a mão para Max e acenou para a mesa ao nosso lado.

— Vejo que você trouxe um segurança, assim como eu. — Ele sorriu.

Seus capangas afastaram os blazers. O tambor negro das pistolas podia ser facilmente visto.

Max puxou minha cadeira e eu me sentei. Então afastou a cadeira dele, se certificando de que era capaz de ver Blaine e seus dois guarda-costas com facilidade. Jogada inteligente. Eu gostaria de ter pensado naquilo. Por um minuto, me senti grata por ele ter forçado a barra para vir comigo, ainda que eu realmente o quisesse fora daquela confusão.

— Gostaria de uma bebida? — Blaine levantou um pinot grigio que parecia gelado. Minha boca ficou seca, e eu assenti. Ele encheu uma taça e a manteve no alto até que Max olhou para ele e balançou a cabeça. Ele estava muito ocupado sendo um personagem imponente para ser incomodado com vinho.

Tomei um gole da bebida e gemi baixinho. Blaine sempre teve um gosto excepcional para vinhos. Era algo que ele passava muito tempo fazendo — participando de degustações, viajando para vinícolas a fim de verificar as novas seleções e as reservas recém-lançadas. Naquela época, eu invejava seu paladar.

— Vamos direto aos negócios, sim? — Blaine falou, e eu praticamente engasguei. Eu ainda não tinha descoberto como sairia daquela situação, mas morreria tentando. Sério, eu morreria, porque ele provavelmente atiraria em mim ali mesmo, mas não havia escolha. Tive que seguir adiante.

— Olha, Blaine, eu sei que você disse que eu não poderia pedir mais tempo, mas existem tantas coisas que você não sabe que estão acontecendo, e... bem, eu...

Seus olhos escureceram e ele me cortou.

— É melhor que você esteja me dizendo que vai aceitar a opção número dois, a que leva até o meu quarto, porque desculpas são que nem cu, minha bela. Todo mundo tem, mas quase ninguém quer chegar perto de um.

Respirei fundo, as lágrimas se formando em meus olhos.

— Então você vai ter que me matar.

Blaine suspirou, ao mesmo tempo em que o punho de Max bateu como um martelo sobre a mesa, balançando os copos e derrubando meu vinho. Lutei com a taça em uma tentativa de segurar o que podia antes que derramasse no chão.

— Nunca ouvi tanta merda — Max rosnou e se levantou. Meu irmão normalmente era um gigante, mas, quando as outras pessoas estavam sentadas,

ele se tornava uma montanha de homem. Ele enfiou a mão no bolso de trás e o clima no lugar ficou tenso. Blaine se abaixou e seus capangas se moveram como ninjas. Em um segundo, havia uma arma em sua têmpora e outra na nuca.

Ele endureceu.

— É melhor ter uma razão muito boa para colocar a mão no bolso de trás da calça, caubói, ou os meus homens vão te levar daqui e cuidar de você do mesmo jeito que faziam no Velho Oeste. Eu sou o dono desta cidade de merda — ele rosnou entredentes. — E os policiais da região estão na minha folha de pagamento. Pense muito bem antes de fazer a sua jogada.

Max piscou e manteve o olhar focado em Blaine.

— Eu ia pegar um envelope. O cara atrás de mim já viu que eu não estou armado.

— Ele está dizendo a verdade, patrão — o gordinho que parecia um mafioso de filme B disse por cima do ombro de Max. Blaine inclinou o queixo, e Max tirou o envelope.

Ele se inclinou para a frente, colocou-o sobre a mesa e bateu nele com o dedo indicador.

— Aqui está o seu dinheiro. Os quatrocentos mil.

Tenho certeza de que, naquele momento, surpresa não era a palavra que eu teria usado para explicar como me sentia. Tantas emoções guerreavam dentro de mim. Alívio. Medo. Orgulho. Amor. A última, no entanto, me deixou arrasada.

Desgosto.

Fiquei desgostosa comigo mesma pelo fato de que meu irmão, muito possivelmente um dos homens mais doces que eu conhecia e que não merecia nada daquilo, estava pagando a minha dívida. A dívida do meu pai. Uma dívida *enorme*. Não era como se eu tivesse dito: “Ei, mano, pode me emprestar cinquenta dólares?” Não, eram quatrocentos mil. Quase meio milhão.

— Você não pode fazer isso — sussurrei. Minha voz saiu distorcida, como se eu estivesse falando através de uma bola de algodão.

Os olhos de Max focaram os meus.

— Posso, sim. Ninguém ameaça a minha irmã nem machuca a minha família quando eu posso cuidar do assunto.

— Esse dinheiro pode ser rastreado? — Blaine perguntou, olhando para o envelope com o que devia ser um cheque, uma vez que era muito fino. Quatrocentos mil, mesmo em notas de cem, formariam uma pilha.

Max assentiu.

— Pode ser rastreado até mim. É da minha conta pessoal. Se você quiser a quantia em dinheiro, ela vai estar disponível até o fim do dia, aguardando você na recepção do seu cassino. Eu quis trazer o cheque como sinal de boa-fé.

A sobranceira de Blaine se ergueu.

— Você se importa se eu fizer uma ligação para checar se há fundos?

Max bufou.

— De modo algum.

Com um sinal de cabeça, um dos capangas de Blaine pegou o cheque e caminhou até os fundos do pátio. Pela primeira vez, olhei ao redor e percebi que não havia outros clientes, e era a hora do almoço de uma sexta-feira no distrito de compras. Acho que Blaine havia se certificado de que a nossa conversa fosse reservada. Tomei um grande gole de vinho da nova taça que Blaine me serviu, impaciente. Eu não sabia o que fazer ou dizer para Max. O que eu poderia dizer para consertar as coisas?

Com movimentos bruscos, coloquei as mãos sobre as de Max. Ele segurou uma e colocou a palma grande sobre o dorso da outra. Olhei em seus olhos, o mesmo tom de verde me encarando de volta, e tentei desesperadamente transmitir todos os sentimentos e emoções que eu tinha por ele, pelo que ele estava sacrificando para salvar minha vida, a de Maddy, a de Ginelle e a do pops.

— Obrigada — ofeguei.

Ele encostou a testa na minha. No instante em que me tocou, senti aquela vibração de familiaridade. Aquele sentimento que uma pessoa tem quando está com a família. Aconteceu no dia em que o conheci no aeroporto e apertei sua mão.

— Eu faria isso novamente. Quantas vezes fossem necessárias para manter você segura e na minha vida. Eu te amo, mana. — A voz de Max era baixa e cheia de afeto. Aquelas palavras seguiram o caminho até meu peito e meu coração, onde se alojaram.

— Também te amo, Maximus. — Eu o puxei para perto de mim e o abracei com força. — E vou encontrar uma maneira de te pagar.

Ele riu.

— Querida, você vai ser uma mulher rica muito em breve. Eu sei que vai dar um jeito. — Ele se inclinou para trás, segurou minhas bochechas e enxugou minhas lágrimas com os polegares.

— Está tudo certo, chefe — disse o mafioso de filme B.

Blaine juntou as mãos, com os indicadores levantados.

— Que pena, bela Mia. Eu estava tão ansioso para tê-la debaixo de mim mais uma vez.

Suas palavras me fizeram gelar e eu estremeci.

Foi quando Max decidiu que era o suficiente.

— Hora de ir, querida. — Ele puxou meu braço, me levantando. — Vou estar com o seu dinheiro por volta das sete da noite. O banco foi notificado de que eu poderia precisar dele em um prazo curto e está fazendo a reserva agora.

— Esplêndido. — Blaine se levantou, abotoou um único botão no paletó e esticou a mão.

Max olhou para o lado, mas, por fim, apertou-a. Deus, o cara era muito bom.

Precisava existir mais um milhão de homens como ele no mundo. Seria um lugar muito mais feliz e mais calmo.

Ele colocou a mão nas minhas costas e me guiou para a frente.

— Espere! — Blaine falou e eu me virei. Ele caminhou lentamente até mim, como um leão se esgueirando, se preparando para atacar. Inspirei e esperei que ele colocasse as mãos frias nos meus braços. — Acredito que isso seja o fim, não é?

— Minha dívida está paga — respondi.

Ele acariciou meus braços para cima e para baixo.

— Você está livre, bela, bela Mia. — Blaine se inclinou para a frente, e eu praticamente pude sentir a tensão que emanava de Max quando meu ex beijou uma bochecha minha e depois a outra. Por fim, ele levantou a mão, segurou meu rosto e acariciou meu lábio inferior com o polegar. — Eu sempre quis o melhor para você. Do meu jeito. Fique bem.

Com aquela frase de despedida, ele se virou e caminhou deliberadamente para fora do restaurante. Max me conduziu para o carro, mas, antes que pudesse abrir a porta, segurei sua mão, o puxei e esmaguei meu rosto contra seu peito. Passei as mãos ao redor de sua cintura e o abracei muito forte. Coloquei tudo o que tinha dentro de mim naquele abraço.

Medo.

Pesar.

Alívio.

E terminou com uma grande dose de gratidão.

Eu nunca seria capaz de pagá-lo, e não estava me referindo ao dinheiro. Esse eu pagaria sem problemas, com o trabalho e o dinheiro que receberia da empresa. Eu jamais seria capaz de pagar o presente que *ele* era. Sua presença quando eu precisava. Cuidar de mim como ele cuidava. Eu só sabia que passaria todos os dias agradecendo e apreciando o que Maxwell Cunningham era, até o dia em que eu morresse. Ele havia conquistado seu lugar na minha vida, bem ali, ao lado da minha irmã, em uma posição que jamais imaginei que outro alguém além de Wes poderia ocupar.



Dizem que a liberdade é um privilégio, não um direito. Eu não me sentia muito privilegiada ou verdadeiramente livre. A dívida com Blaine tinha sido paga, mas meu coração ainda estava trancado em uma masmorra, implorando para ser libertado. Meu pai estava indo bem, seu prognóstico era favorável. Apesar de sua mente ainda estar trancada.

Meu salvador, meu irmão, Max, foi embora para ficar com a esposa, Cyndi, na esperança de que o bebê Jackson chegasse logo. Maddy e Matt voltaram às aulas e ao conforto de seu apartamento perto da universidade. Ginelle decidiu voltar a trabalhar, usando maquiagem pesada para cobrir os hematomas que ainda não haviam se curado. Seus planos mudaram desde o ataque. Conseguimos um terapeuta para ajudá-la a superar o que aconteceu, mas ela me disse que, quando eu voltasse para casa e estivesse morando com Wes, ela também gostaria de ir embora. Queria uma mudança de cenário, um emprego novo. Basicamente, ela queria dar o fora de Las Vegas, e eu não a culpava. Havia muitas lembranças de momentos difíceis com as quais conviver. Eu faria qualquer coisa para ajudá-la a se curar, e isso incluía acomodá-la na casa de hóspedes de Wes, que era o que nós faríamos.

Pensei a respeito da palavra *lar* por um tempo. Embora a Cidade do Pecado tivesse sido minha casa a maior parte da minha vida, eu não me sentia como a verdadeira Mia ali. Malibu estava me chamando, mas quem me receberia quando eu chegasse? Parecia que a vida de todo mundo tinha continuado de onde parou. De todo mundo, menos a minha. Em uma semana, eu deveria começar no programa de TV com o médico das estrelas, o dr. Hoffman, mas não me sentia pronta para esse passo. Só que eu não podia pagar os cem mil dólares de multa, então, não importava o que estivesse acontecendo, eu teria que ir. Ele me contratou para fazer um novo quadro em seu programa com base na minha própria fama. O quadro era adequadamente chamado de “Vida bela”.

O único problema é que a vida, para mim, já não tinha cor. Tudo o que eu via eram tons de cinza, preto e branco. A beleza ao meu redor havia desaparecido, escoado ralo abaixo, até que todas as cores haviam se tornado nada. Eu me sentia um nada.

Deitada na cama, eu olhava para o céu — escuro e coberto de nuvens. O deserto se preparava para uma tempestade de verão. Aquilo se encaixava perfeitamente no meu humor. Tempestades eram incomuns nessa época do ano, mas não eram algo inédito. Sentei com as pernas cruzadas, segurando o celular.

Um trovão retumbou ao longe e eu comecei a contar.

*Um Mississippi...*

*Dois Mississippi...*

*Três Mississippi...*

*Quatro Mississippi...*

*Bum!* O relâmpago surgiu e o raio caiu. Uma vez ouvi alguém dizer que cada cinco segundos entre o trovão e o raio significam que a tempestade está a pouco mais de um quilômetro e meio de distância. Um clarão ofuscante passou pelo céu cor de ardósia como o flash de uma câmera, me cegando por um momento. Tão rápido quanto veio, ele se foi. Assim como Wes.

Weston Channing Terceiro entrou na minha vida em uma onda. Literalmente. A partir do momento em que ele parou de surfar e foi para a areia, eu o observei caminhar em minha direção. Um deus solar. A pele bronzeada, o cabelo molhado, gotas de água salgada escorrendo naquele peito que poderia ter sido esculpido em mármore, de tão duro que era. Seus olhos, da cor da grama recém-cortada em um dia de primavera californiana, encontraram os meus, mas não foi isso que me atraiu. Foi sua confiança, o sorriso peculiar, o modo simples como ele andava, falava e fazia amor. Como se seu corpo tivesse sido feito para estar perto do meu. Para ser tocado por mim. Para ficar na segurança dos meus braços.

Ou talvez fosse o inverso disso, e fosse eu quem necessitava estar perto dele. Ser tocada pela mão *dele*, o coração *dele* e a alma *dele*.

— Por favor, volta pra mim — pedi em voz alta.

Meu celular tocou, me tirando do humor melancólico em que eu estava. Olhei para a tela.

*Número desconhecido.*

O calor atingiu o centro do meu ser, me aquecendo de dentro para fora enquanto uma sensação instantânea de formigamento fazia os pelos dos meus braços se arrepiarem. O aparelho tocou novamente e o peguei, apertei o botão de atender e respirei.

— Alô? — resmunguei, com muito medo de dizer algo mais.

— Mía — veio a resposta sem fôlego, quase como se ele tivesse feito um esforço extremo para dizer a palavra de três letras.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto.

— Wes — falei, sem saber o que dizer, mas necessitando falar tudo de uma vez só. Meu coração estava na garganta, meu corpo se agitando com a tensão. Segurei o telefone com tanta força e tão perto do ouvido que a dor atingiu minha mão, mas eu não me importei.

— Linda, sua voz. Meu Deus, baby... É tão bom te ouvir... — Ele pigarreou e suspirou profundamente. Tanto que pude sentir a pressão ao meu redor.

— Wes, me diz que você está bem. — Finalmente consegui formar uma frase. Ele tossiu bruscamente.

— Estou bem. Só um pouco baqueado.

Era bem a cara do meu namorado ser irreverente em um momento como aquele.

— Eu preciso te ver, te tocar para acreditar que você é de verdade.

Sua respiração se tornou forçada quando respondeu:

— Eu sei. Eu quero tanto te ver que chega a doer. Mas eu não posso. Tenho que, hum... ficar aqui um pouco, *arrrrggghh*.

— O que é isso? O que foi? Você está machucado? — Minha voz tremeu tanto que eu nem tinha certeza se falei aquilo mesmo. Teria sido mais fácil lidar com uma faca no peito do que saber que Wes estava com dor, que tinha sido ferido de alguma forma e eu não podia estar com ele.

— Sim, baby, eu estou ferido. Levei um tiro no pescoço. Mas estou bem. De verdade, vou ficar bem. — Ele gemeu e eu ouvi um som sussurrado, mas tudo começou a ficar um pouco confuso depois do que ele disse.

*Levou um tiro no pescoço.*

*No pescoço! Quem leva um tiro no pescoço e vive para contar a história?*

— Wes, baby, eu preciso te ver. Agora mesmo. Onde você está? Me fale onde você está. Vou pegar o próximo avião. Eu tenho amigos que são donos de jatinhos particulares. O meu irmão pode me emprestar o dele. — Atropelei as palavras, já planejando para quem ligar.

— Seu irmão? — O tom dele era confuso, e eu não o culpava.

Pressionei os dedos na têmpora.

— Sim, eu tenho um irmão. Um irmão de verdade. O DNA provou isso. E ele, hum... ele pagou a dívida do pops.

— O quê? Quem? — ele perguntou de forma concisa, mas eu não tinha certeza se era porque estava com dor ou porque estava ouvindo aquela informação surpreendente pela primeira vez.

— Maxwell Cunningham.

Ele tossiu e soluçou.

— Porra! — falou, sem fôlego novamente. — Pare de medir a minha pressão. Estou tentando falar com a minha noiva. Me dê licença por um minuto — ele grunhiu.

*Noiva?* Eu ia deixar passar por enquanto. Ele provavelmente só queria ter certeza de que a pessoa que o estava interrompendo soubesse que era uma ligação importante. Provavelmente. Talvez.

— Com quem você está falando? — perguntei.

— Com a enfermeira Ratched! — ele disse, mas eu tinha certeza de que ele não estava dizendo isso para mim, e sim para quem o estava examinando.

— Wes, baby, onde você está? — Todo o meu ser ansiava por qualquer resquício de informação.

— Na Austrália, eu acho.

Que raios ele estava fazendo na Austrália?

— Você estava na Indonésia na última vez que tive notícias.

— Sim. Quando os militares atacaram, fizeram uma operação de resgate, remoção e cuidados médicos em várias pessoas que estavam lá. Como nós tínhamos sido levados para a Indonésia e mantidos em cativeiro, quiseram nos levar para um local mais seguro, onde o nosso governo tivesse laços pacíficos.

Reclinando-me na cabeceira da cama, olhei para o céu escuro.

— Quando eu vou poder te ver?

Ele suspirou.

— Honestamente, linda, eu não sei. Eles estão entrevistando os reféns o mais rápido que podem, mas também querem ter certeza de que estamos seguros. O seu amigo, sr. Shipley, pegou no pé de todo mundo. Ele já está famoso por aqui. — Ele riu e, em seguida, emitiu um som como se estivesse com dor.

Meu Deus, se eu estivesse lá, poderia beijá-lo. Eu teria que entrar em contato com Warren e dizer quanto significava para mim que ele tivesse usado seus contatos.

Minha voz falhou quando eu lhe disse como me sentia.

— Baby, eu quero segurar a sua mão. Ver você dormir. Sentir o seu peito subir e descer. Ouvir o seu coração batendo. Eu *preciso* de você em casa.

— Eu não quero nada além de voltar pra casa e pra você, linda. Em breve. Eu prometo. Vou fazer tudo o que puder pra sair daqui.

— Você pode me ligar todos os dias até voltar?

Mais uma vez ele riu, só que desta vez em voz baixa.

— Eles deram um celular para cada um de nós. Podemos falar quanto quisermos.

O peso em meu coração diminuiu. Eu ainda podia senti-lo, mas ao longo do tempo sumiria.

— Então... sua *noiva*, é? — Não pude evitar. Tive que mexer com ele. Brincar com meu namorado do jeito que sempre fizemos.

Ele concordou com um murmúrio e o som foi direto para o meu lugar feliz. Wes estava de volta. *Obrigada, meu Deus.*

— Temos muito que conversar, mas, sim, você e eu... é desse jeito que vai ser. Não vou esperar o paraíso. Vou jogar você por cima do ombro, chutando, gritando, e vou te levar. Não vou viver mais um dia da minha vida me preocupando com você. Com o que aconteceria com você se eu tivesse morrido.

— Não. Nem fale isso, Wes. — As lágrimas voltaram em um rompante.

— Mia, nós não podemos nos esconder da vida. Nunca sabemos quanto tempo temos ou o que pode acontecer enquanto estamos vivendo. Eu só sei que quero viver com você do meu lado. Para o nosso bem. Somos você e eu. Você *vai* ser minha mulher.

Eu ri em meio às lágrimas, contente com o sentimento que invadia meu peito,

meu coração crescendo tanto que poderia explodir de alegria.

— E se eu disser não? — provoqueei, sabendo que ele perceberia pelo meu tom.

— Não é uma opção — sua voz baixou, e o tom sensual me deixou instantaneamente molhada.

— Eu aceito, Wes. Ah, meu Deus, Wes, sim. Com força, Wes. Sim, eu me caso com você — brinqueei.

Ele murmurou novamente, e o som passou por mim como se eu tivesse sido atingida por um dos raios que cintilavam no céu.

— Eu sou um cara legal. Vou te dar opções.

Gritei silenciosamente. Meu namorado era incrível. Mesmo preso em algum hospital militar na Austrália depois de ter sido mantido em cativeiro por quase um mês, estava falando sobre casamento e brincando com a namorada, isso depois de tomar um tiro no pescoço.

— Eu fiquei com muito medo — admiti, em um tom abafado.

— Eu também. E estou lidando com algumas coisas agora, ajudando a salvar outras pessoas que ainda podem estar lá. Tenho que ajudar. Se eu puder ficar aqui uma semana a mais e salvar mais uma pessoa, linda, vai valer a pena. Nós temos toda a vida pra viver juntos.

— Com certeza — falei, tentando aliviar a situação o suficiente para passar por aquela semana. Se ele pôde viver um mês no inferno, eu poderia lidar com uma semana.

— Eu te amo, Mia. — Wes dizer aquelas palavras, ser capaz de ouvi-las de seus próprios lábios, era como uma bebida fresca em um dia quente.

— Eu te amo mais, Wes. Muito mais. — Engoli em seco várias vezes e limpei o nariz na manga da blusa.

— A enfermeira Ratched tem que trocar o meu curativo — ele declarou, com um longo bocejo e um “ai”.

— Certo. Me liga quando acordar amanhã? — Eu quis dizer aquilo como uma pergunta, mas pareceu mais um apelo.

Ele bocejou de novo e murmurou alguma coisa.

— Wes! — O medo se espalhou em cada nervo quando ele não respondeu.

— Sim, desculpe, baby. Acho que ela me dopou. Meus olhos estão fechando mais rápido do que eu quero.

— Eu te amo — falei novamente, por nenhuma outra razão além do fato de que me sentia bem em falar.

— Humm, eu também. Minha Mia. — Ele parecia bêbado e meio adormecido. Em seguida, a linha ficou muda.

Com os membros pesados, me aconcheguei no cobertor, segurando o telefone. Virei-me e observei o show de luzes do lado de fora. Todos os meus pensamentos estavam em Wes. Eu me sentia aliviada por saber que ele estava seguro e sendo cuidado, mas frustrada por não estar lá para ajudar. Também pensei na

perspectiva de me casar com ele, viver uma vida longa juntos. Tudo começaria quando ele voltasse para casa.

Eu tinha tanto a dizer a ele e queria saber todos os detalhes do seu cativeiro. Beijar e afastar qualquer dor que não pudesse ser vista. Eu sabia, pela experiência do ataque de Aaron, que essas coisas poderiam demorar. O meu trauma era pequeno em comparação ao que Wes havia passado. Não seria fácil superar algo tão horrível. Eu sabia que ele tinha visto amigos, pessoas com quem se preocupava, morrerem bem diante de seus olhos. Agora, eu só podia ser grata por ele estar vivo. Meu namorado tinha sobrevivido, e juntos nós poderíamos nos curar. A nós dois.



Observar alguém que eu amo dormir é um dos meus passatempos favoritos. Enquanto crescia, era Maddy. Ela adormecia enquanto eu lia para ela, acariciava seu cabelo e lhe contava histórias. Por muito tempo depois que ela dormia, eu a observava. Memorizava o tom exato de loiro do seu cabelo, o arquear das sobrancelhas, o franzir dos lábios rosados. Mesmo durante o sono, minha menina era angelical. Eu era muito feliz por ser capaz de proporcionar à minha irmã uma noite de sono tranquila. Todos os dias havia um novo objetivo.

Quando eu estava com Alec, brincava com seu cabelo até que ele acordasse sorrindo, rolasse na cama e transasse comigo, permitindo que aquelas belas mechas avermelhadas caíssem como um cobertor sobre meu rosto enquanto ele me amava. Fiz o mesmo com Wes. Ele era mais tranquilo durante o sono, e, quando estava de barriga para cima, sempre tinha uma ligeira curva em seus lábios. Como se tudo que ele estivesse sonhando valesse um sorriso, mesmo em repouso. Eu amava aquilo nele. Não havia outro homem mais lindo dormindo do que o homem que eu amava com todo meu coração e minha alma.

Agora, eu observava o pops. O respirador tinha ido embora, assim como os tubos no nariz e ao redor de sua face. Ele ainda tinha o tubo de alimentação, cateter, manguito de pressão arterial e soro. Não fosse por isso, pareceria que ele estava tirando uma soneca. Acho que era a parte mais difícil de estar em coma por tanto tempo. Enquanto esperava a seu lado, fiquei aguardando que ele abrisse os olhos. Cada visita me deprimia mais e mais, porque ele não acordava.

Os médicos disseram que, depois das convulsões e de quase morrer das duas reações alérgicas, além da infecção viral, eles tinham esperança de que ele acordasse, mas não havia certeza. A única bênção que recebemos foi que, de acordo com o neurologista, havia atividade cerebral, mas não podíamos ter certeza de que isso significava que ele acordaria, ou quando. Fiz a mesma pergunta várias vezes. Quando eles achavam que ele acordaria. E sempre me

diziam a mesma coisa. Quando ele quisesse. A verdade é que eles não tinham como saber. Não havia um botão mágico ou um alarme que poderia ser programado para que aquilo acontecesse. E, acredite em mim, a coisa do barulho? Sim, tentei isso. Bati nos trilhos da sua cama. Coloquei fones de ouvido nele com heavy metal, que eu sabia que ele odiava, só para que ele acordasse e me mandasse desligar a porcaria da música. Mas nada. Silêncio. Nem um movimento sequer.

Aquilo era difícil de engolir também. Suas mãos estavam sempre quentes, apesar de sem vida. O sangue estava correndo pelas veias, mas o magnetismo, a energia, a força vital ou o que quer que fosse que nos faz ser quem somos não estava lá.

Fiquei ali, olhando para seu cabelo cheio, barba e bigode. Ginelle tinha cuidado bem da aparência dele durante minha ausência, mas ele precisava de um corte — para não mencionar que uma dose de sol faria maravilhas por sua pele pálida. Ele tinha aquele tom acinzentado que uma pessoa adquire quando não sai na rua por um longo tempo. Meu pai estava em coma fazia nove meses. O mesmo tempo que uma mulher leva para gerar um bebê.

— Quando é que você vai acordar, pops? Tem muita, muita coisa pra gente conversar. — Respirei fundo várias vezes antes de continuar. — Vou voltar pra Malibu amanhã. Por mais que eu gostaria de estar aqui com você, nossa vida não pode ficar em compasso de espera por mais tempo. A sua dívida foi paga, pai, mas não sem um sacrifício. Às vezes eu olho pra trás e penso que deveria agradecer. Sem a sua dívida, eu não teria conhecido todas as pessoas maravilhosas que conheci ao longo deste ano. Pessoas que eu sei que vão continuar a fazer parte da minha vida por muito tempo. E, claro, ainda tem o fato de eu ter encontrado o Max. Meu irmão.

Eu me levantei e comecei a andar pelo quarto.

— A minha mãe teve um filho antes de mim, pops. Um menino. Cinco anos mais velho que eu. Ele tem trinta agora. O nome dele é Maxwell, e ele é o melhor irmão que uma garota poderia ter. Tenho certeza de que você percebeu a coisa do nome. Maxwell, Mia e Madison. Assim como ela e a tia Millie. A mamãe era muito previsível. — Pensei no fato de ela ter deixado cada um de nós, e meu coração se apertou ao lembrar da mulher que me colocou no mundo. Sim, muito previsível. Parando, olhei pela janela. As nuvens escuras da noite passada tinham sumido, deixando um céu azul imaculado no lugar. Movendo-me para perto do pops, passei os dedos por seu cabelo escuro e macio. Sempre foi suave como seda, e em repouso não era diferente. — Esta jornada me levou a um homem, pops. Um homem por quem eu sou profundamente apaixonada, e sei, com todo o meu ser, que ele também é. O homem mais importante do mundo pra mim. — Olhei fixamente para seu rosto, esperando que houvesse uma centelha de vida, um sorriso escasso, qualquer coisa... mas não. — Estou

indo agora. Não sei quando eu vou voltar. A Maddy e o Matt vão vir te visitar. Você vai gostar dele. Do Matt. Ele é bom pra ela. Trata a Maddy como a princesa que ela é. Os médicos daqui vão fazer tudo o que puderem pra te ajudar a acordar, mas cabe a você, pops. Você precisa lutar, e lutar muito. Lutar por nós. — Fechei os olhos e respirei fundo. — Se alguma coisa com você mudar, vou estar de volta no primeiro voo.

Eu me inclinei para a frente e beijei sua testa.

— Estou feliz por você ter melhorado depois desse susto. E estou feliz que todo mundo tenha superado esse mau momento. — Fui até a beira da cama e olhei para o homem que me criou. Ele nunca foi perfeito, nem dizia ser, mas nos amou, mesmo quando odiava a si mesmo. — Você sabe, pops, que não foi certo ter pegado todo aquele dinheiro emprestado e, definitivamente, não foi certo ter esse peso sobre os meus ombros. Mas eu não me arrependo das decisões que tomei este ano nem da jornada que percorri até agora. Eu não mudaria o que vivi por nada. Através dela, eu sinto que estou me encontrando cada vez mais, a cada mês. Talvez, até dezembro, eu tenha descoberto ainda mais. Se você me perguntasse, se alguém me perguntasse... eu faria tudo de novo. E o percurso ainda não acabou.



NÃO PERCA O PRÓXIMO PASSO DA JORNADA DE MIA.

A  
*garota* DO  
**CALENDÁRIO**



**OUTUBRO**

CONHEÇA A SEGUIR O PRIMEIRO CAPÍTULO.



Silêncio. Foi isso que me recebeu quando entrei na casa de Wes, em Malibu. *Minha* casa. Não sei o que eu esperava. Talvez tivesse passado pela minha cabeça que o universo de repente se abriria e entregaria o paraíso na terra na forma do meu homem, em segurança e em solo americano, no conforto da nossa casa. Porque era basicamente isto: *nosso* lar. Wes foi inflexível para que eu mudasse minha maneira de pensar sobre o lugar a que Gin se referia como “a mansão de Malibu”. Ele disse que a alternativa seria encontrarmos uma casa nova juntos. Eu não queria isso. Sinceramente, preferia mergulhar em tudo o que ele era. Inteiro. Único. Glorioso.

Wes trabalhou duro para conquistar tantas coisas ainda na juventude. Ele não era arrogante nem ganancioso. As linhas harmoniosas e a decoração descontraída imploravam que as pessoas ficassem à vontade e refletiam essa mentalidade. Enquanto eu caminhava pelos cômodos escuros e vazios, me reconectei com as coisas dele, mas havia mudanças. Algo estava diferente. Olhei ao redor, analisando e procurando as diferenças sutis que haviam surgido desde a última vez em que eu estivera ali, dois meses antes.

Na prateleira sobre a lareira de pedra, havia a estatueta de uma bailarina, com um palmo de altura. A perna longilínea estava estendida para cima, as mãos a seguravam pelo tornozelo enquanto a bailarina se equilibrava na ponta do outro pé. A peça era da minha mãe. Ela me mostrava exatamente como uma bailarina fazia aquele movimento, se equilibrando na ponta dos pés e inclinando o corpo para trás. Minha mãe foi corista em Las Vegas, mas, antes disso, dançou balé clássico e contemporâneo. Eu amava ver seus movimentos. Enquanto limpava a casa, ela rodopiava ao som de uma música que só ela mesma podia ouvir. Seu cabelo negro chegava quase à cintura e balançava ao redor do corpo como uma capa escura. Aos cinco anos, eu achava que ela era a mulher mais linda do mundo e a amava como a mais ninguém. Aquele amor era inapropriado, mas a estátua, não. Ela ganhou um lugar de destaque na prateleira de pedra, e, por mais que eu quisesse derrubá-la no chão, decidi deixá-la ali. Se eu não tivesse ficado com ela, era mais um item que teria sido doado. Às vezes as lembranças machucam, mesmo as muito bonitas.

Eu me virei e observei a sala de estar. Em uma mesinha de canto havia uma fotografia emoldurada que eu reconheci. Maddy. Foi tirada um dia antes de ela começar a faculdade. Eu a segui por todo o campus, como um cachorrinho perdido. Mads, por sua vez, saltitava, segurando minha mão e balançando nossos

braços. Fomos de sala em sala para que ela me mostrasse cada uma das turmas e o que aprenderia ali. Sua felicidade era exuberante, e eu a apreciei, sabendo que, naquele momento, minha menina, minha irmã caçula, faria algo surpreendente por si mesma. Já tinha feito. Eu estava mais que orgulhosa. O céu era o limite, e nada ficaria em seu caminho.

Continuando minha expedição, fui até a cozinha e encontrei um mosaico de fotos presas por ímãs na geladeira. Fotos aleatórias que eu havia tirado da geladeira do meu minúsculo apartamento tinham sido colocadas aqui. Maddy, Ginelle, pops. Havia também algumas novas. Fotos que eu nem tinha imprimido. Wes e eu. A foto de um jantar e uma selfie que tiramos na cama, mostrando apenas nosso rosto. Ele tinha incluído as duas. Aquilo foi o começo de tudo. Passei os dedos sobre seu sorriso. Muito confiante e sexy, me abraçando apertado em sua cama. Meu peito se comprimiu e eu esfreguei onde doeu. Em breve. Ele estaria em casa em breve. Eu precisava ter fé. Confiar na jornada. Agora, mais do que nunca, eu precisava acreditar nas palavras que havia tatuado no pé.

Entrando no cômodo que havia se tornado o nosso quarto, parei de repente, boquiaberta e de olhos arregalados.

— Puta merda. — Olhei com admiração para a foto à minha frente. Uma foto minha.

Foi o último retrato que Alec tirou de mim, em fevereiro, na plataforma de observação do Space Needle, admirando a vista de Seattle. Meu cabelo estava balançando nas costas, como um leque de mechas negras. Naquele dia, eu me senti liberta. Livre do fardo que meu pai havia, sem querer, colocado sobre meus ombros, da exigência de ser o que o cliente precisava — tudo isso sumiu naquele instante de paz. Naquele momento, eu era apenas Mia, uma garota admirando uma beleza real, vendo a paisagem à sua frente pela primeira vez.

Eu não podia acreditar. Weston havia comprado a peça mais cara que Alec criara de mim. Quer dizer, em nossas conversas ao longo do ano, eu acabei lhe contando sobre Alec. Bem, não os detalhes centrais da história; apenas o básico. Fiz questão de falar a ele sobre a arte, sobre a maneira como cada peça tinha me mudado e me permitido ver a vida, o amor e a mim mesma de maneira mais clara. Nós estávamos na cama, nus, enrolados um no outro, quando revelei quanto eu devia a Alec por aquela lição. Quanto pareceu errado aceitar o dinheiro dele pelo que havia me dado, mas não tive escolha.

Segurando o telefone, procurei nos contatos e apertei o botão de ligar.

— *Ma jolie*. A que devo o prazer extremo de ouvir sua voz? — Alec atendeu naquele tom suave e sensual, que me lembrou de tempos melhores e mais felizes que passei embaixo do francês pecaminoso.

Virando, me acomodei na cama, sentando de pernas cruzadas, e olhei para o quadro.

— Eu, hum, não posso acreditar... — Em vez de terminar, virei o celular, tirei

uma foto da peça e envie para ele, colocando novamente o aparelho no ouvido. Pude ouvir o som de notificação da mensagem que mandei.

— Mia, *parle avec moi*, você está bem? — Seu tom era ansioso.

Minha voz tremeu quando observei todos os ângulos da beleza pendurada sobre a cama de Wes. *Nossa* cama.

— Veja a mensagem que eu mandei.

— Eu não gosto muito desse tipo de comunicação, *chérie*.

— Só olhe — gemi, esperando que ele me atendesse.

Pude ouvir alguns cliques.

— Ah, *mais oui*, você está se vendo, *non*?

Há momentos na vida em que tudo o que se deseja é entrar pelo telefone e estrangular a pessoa com quem se está falando. Eu estava vivendo um desses momentos.

— Você não está entendendo, Alec. Por que eu estou *me* vendo no quarto do meu namorado?

Alec ofegou.

— *Ma jolie*, você tem um *copain*? Um namorado? — A palavra rolou em seu sotaque francês e quase me fez esquecer que eu estava irritada por ele não estar se concentrando. — Você fez um compromisso para a vida. *Félicitations!* — ele me parabenizou, ainda sem me falar sobre o motivo de a tela estar ali.

Gemi.

— Alec, querido, preste atenção.

Ele murmurou:

— Ah, *chérie*, você sempre tem a minha atenção. Especialmente quando está nua para mim. Eu me lembro exatamente da sensação de ter você nos braços naquele mês. Você se lembra, *oui*?

— Alec, nós não vamos passear pela estrada das lembranças agora. Eu preciso de respostas. Suas. Como é que essa peça veio parar aqui no meu quarto?

Ele riu e suspirou.

— Sempre ansiosa. Talvez a intenção tenha sido te fazer uma surpresa, *compte tenu de votre amant*.

Meu francês estava enferrujado, já que eu não estudava nem falava com Alec fazia alguns meses, mas, basicamente, ele disse que tinha sido uma surpresa do meu amante.

— O Wes comprou?

— Não exatamente.

Minha coluna se retesou, e eu cerrei os dentes com tanta força que podia quebrar pedras entre eles.

— Este não é o momento de ficar acanhado. Desembucha, francês.

Ele fez um som estranho.

— Desembuchar é um hábito repugnante, do qual eu não participo.

Revirei os olhos e caí de costas na cama.

— Alec... — avisei.

— O seu amante não pagou pela obra — ele disse de forma clara.

— Então como ela veio para aqui?

Conseguir informações do meu francês quando ele, obviamente, não queria fornecê-las era mais difícil do que impedir que um homem gozasse depois de uma rodada de sexo. Impossível.

Finalmente, ele suspirou.

— *Ma jolie*, vou ser honesto com você. *Oui?*

Como se eu precisasse responder. Ele sabia o que eu queria, mas respondi assim mesmo:

— *Oui. Merci.*

— O seu amante fez contato com o meu agente. Ele queria comprar *Adeus, amor*. Eu estava me recusando a vender.

Aquilo me surpreendeu. Alguém que criava arte especificamente para ser vendida e compartilhada com o mundo estava se recusando a vender uma peça?

— Por quê? Não faz sentido.

Ele murmurou novamente, evitando se comprometer.

— Porque sim. Eu te amo e queria ter certeza de que a sua beleza seria apreciada pelas pessoas certas. Eu tinha regras para cada tela. Havia duas das quais eu não planejava me separar.

— E quais seriam?

Sua voz baixou para o rosnado sexy que eu conhecia muito bem.

— Eu gosto de nos observar no nosso momento de amor. Pendurei *O nosso amor* na minha casa na França. *Je ne pouvais pas m'en séparer* — ele disse, e eu quebrei a cabeça tentando juntar as palavras em algo que fizesse sentido. Acho que ele afirmou que não podia se separar dela.

Eu ri.

— Alec, que bobagem. O objetivo da exposição era compartilhar a arte.

— Ahhh, mas eu queria que ela fosse vista pelos olhos certos. Vendi as outras peças para pessoas que verifiquei. Fui conversar pessoalmente com elas.

Balancei a cabeça e umedecei os lábios secos. As emoções giravam dentro de mim, olhando para a tela, falando com Alec, sentindo falta de Wes. Eu me sentia como se estivesse lidando com as consequências de um furacão. Estava tentando juntar os pedaços dos meus pensamentos e sentimentos, ainda que eles não se encaixassem bem.

— E esse quadro? Como chegou até aqui?

— Eu falei com o seu Weston. Ele me disse quem era e explicou que conhecia os termos do nosso relacionamento. Eu esperava *grabuge*.

— Lixo? — Ele esperava lixo? O quê?

— *Merde. Non*. Como se diz isso... bagunça?

— Confusão? — Eu ri.

— *Oui*. Confusão. Mas ele foi muito cavalheiro. Disse que tinha visto as obras na internet e queria comprá-las.

— Comprá-las? Todas?

— *Oui* — Alec respondeu, como se aquilo não fosse nada. Achei muito estranho o fato de meu surfista descontraído querer gastar milhões em fotos... minhas. Nós definitivamente íamos conversar sobre o mau uso do seu dinheiro suado depois que ele voltasse. *Meu Deus, espero que ele volte*.

Eu me levantei e andei pela casa rapidamente, procurando de sala em sala. Não vi mais nenhuma tela.

— E então...

— Eu disse que não. Que ele só podia ficar com uma. Se ele escolhesse a certa, eu venderia para ele.

Caramba, o Alec era um cara esquisito. Complexo, peculiar, amoroso, expressivo, exigente, extremamente bom de cama, mas completamente bizarro. Bem, todos os artistas são, não é? Ninguém pode delimitar ou rotular a natureza estranha deles.

— E...?

— Ele escolheu bem. Escolheu você.

O jeito como ele falou isso enviou ondas de formigamento para cima e para baixo em meus braços. Eu os esfreguei, abraçando meu corpo, já que não tinha ninguém ali para fazê-lo por mim.

— Todas as fotos eram minhas, Alec.

— *Non*. As outras eram de momentos da sua vida, experiências, e algumas coisas que você fez pela arte. Essa imagem é resultado direto de quem você é hoje. E ele a quis. Então eu permiti que ele tivesse você.

A palavra “tivesse” soou estranha em sua língua.

— O que isso quer dizer?

— Considere um presente para você e ele. Para o amor de vocês.

— Você deu para o meu namorado uma tela que vale duzentos e cinquenta mil dólares?

— Na verdade, vale quinhentos mil.

— Puta que pariu!

— *Mia*. *Je t'aime*. De qualquer forma, eu ia lhe dar metade do que ganhasse com ela. Pelo menos assim você tem uma bela lembrança de quem você é todos os dias. Adorei saber que ele pendurou sobre a cama de vocês. Ele não poderia ter escolhido lugar melhor para essa imagem.

Funguei e lágrimas se formaram em meus olhos.

— Eu também te amo, sabia? Do nosso jeito — falei, com sinceridade.

Ele riu.

— *Oui*. Eu sei, *ma jolie*. — E, assim como o nome da tela, ele terminou a nossa

ligação com duas palavras: — Adeus, amor.

Eu esperava que aquela não fosse a última vez que eu ouvia o meu francês selvagem falar. Mesmo que, basicamente, ele estivesse de certa forma dando sua bênção para Wes e para mim, eu ainda o queria na minha vida. Ele sempre seria uma parte desta jornada, e eu o amaria até o fim. Eu apenas amava Wes com mais intensidade. Estava apaixonada por ele e precisava que ele voltasse para casa.



A noite estava mais fria que da última vez em que eu estivera ali, mas fazia semanas que eu estava sentindo frio. Olhei para as estrelas e me perguntei se Wes podia vê-las de onde estava. Mesmo tendo prometido a mim mesma que esperaria que ele fizesse contato, peguei o celular e liguei. Caiu direto na caixa postal. A tensão invadiu meu corpo enquanto eu regulava a respiração, tentando não entrar em pânico. Ele provavelmente estava dormindo. O homem estava se curando de um tiro no pescoço, pelo amor de Deus. *Relaxa, Mia. Você falou com ele ontem.*

— Oi, hum... Sou eu. Eu só queria ouvir sua voz. Estou em casa. Em... hum... Malibu. — Olhei para as ondas do mar, escuras ao longe. Quando falei novamente, minha voz tremeu: — A casa está vazia. Eu não sei onde a Judi está. — As ondas quebravam na costa, e o vento balançava meu cabelo, me deixando com mais frio ainda. — Adorei que você desempacotou as minhas coisas. Ou talvez tenha sido a Judi, embora eu espere que tenha sido você, na tentativa de misturar a nossa vida. — Puxei as linhas soltas da costura da calça jeans. — Wes... Meu Deus, que saudade. Não quero dormir na nossa cama sozinha.

Apesar de tentar segurá-las, as lágrimas vieram assim mesmo, e algumas traidoras escorreram pela minha bochecha. Eu não sabia mais o que dizer para que Wes soubesse quanto eu precisava dele. Quanto eu o queria. Eu achava que não conseguiria viver uma vida bonita sem ele.

— Lembre-se de mim — sussurrei e desliguei.

Para nós, esse pedido significava tanto quanto qualquer outra declaração de amor que pudéssemos fazer um ao outro — se não mais. Olhei mais uma vez para o céu, me virei e fui para o meu antigo quarto. Se eu não podia ter a coisa real, não dormiria na cama que nós dividíamos.



Leve. Foi assim que eu me senti. A sonolência me atingiu enquanto braços fortes me abraçavam apertado. Aconcheguei-me mais ao calor, esfregando o nariz

nele, inalando o perfume masculino familiar. As poucas noites em que pude dormir tranquilamente eram sempre repletas de lembranças dele. Em vez de afastá-las, esta noite eu me entregaria a elas. Deixaria a alegria de tê-lo aqui comigo, cuidando de mim, se infiltrar em meus ossos, envolver meu coração e protegê-lo. Imaginei Wes me colocando na cama. Na nossa cama. O travesseiro tinha o cheiro dele, de mar, areia e aquele algo a mais que era puramente Wes. Ele permanecia lá. Esfreguei o rosto no algodão macio.

— Estou com saudade de você... — Minha voz falhou enquanto uma lágrima rolava.

Um toque leve como uma pluma deslizou em meu rosto.

— Eu estou aqui. Com você — ele sussurrou em meu ouvido. Sonhos são magníficos, pela capacidade de ser cruéis e esplêndidos ao mesmo tempo. Me dando tudo o que eu queria, só para desaparecer de manhã.

Meus olhos se abriram e, em minha exaustão, vi um corpo. O dele.

— Não vá embora. Fique aqui. — Pisquei rapidamente, tentando manter os olhos abertos. A janela estava escancarada, deixando que a brisa fria do oceano entrasse. Aconcheguei-me na colcha pesada, puxando-a até o queixo. E então eu estava envolta em calor. Um braço envolveu minha cintura, e eu adorei aquilo no sonho. Senti-lo tão perto, me abraçando, sua respiração aquecendo meu pescoço.

Seu corpo se enrolou no meu por trás, e eu me encaixei no Wes imaginário, sem me importar que ele não estivesse realmente ali. Eu fingiria que ele estava e, por uma noite, dormiria bem. A forma como ele me abraçou, se aninhou em meu pescoço, era tão real. Apertei as mãos ao redor do braço que estava em minha cintura e o trouxe para descansar entre os seios, encostando os lábios nos nós dos dedos e inspirando sua essência profunda dentro da alma. O bastante para que, quando eu acordasse, de manhã, tivesse a impressão de que ele realmente esteve lá. Seu suspiro pesado fez cócegas perto da minha orelha. Lágrimas escorreram quando fechei os olhos com força, sem querer que aquela miragem desaparecesse. Por fim, o calor em minhas costas e a sensação de paz ao meu redor camuflaram minha tristeza e angústia.

Das profundezas do sonho, ele falou:

— Durma, linda. Eu vou estar aqui. Nunca mais vou te deixar.

— Que bom — murmurei para o meu Wes do sonho e o segurei com mais força, conforme Morfeu me levava para seus braços. Wes me apertou ainda mais, trazendo um lampejo de reconhecimento para a superfície. Cada parte do corpo dele me tocava de alguma forma. Exatamente como ele faria se estivesse aqui. Suspirei e me deixei afundar.

O som da sua voz parecia distante e confuso quando ele falou:

— Eu me lembrei de você, Mia. Todos os dias que fiquei sequestrado, você estava lá comigo. Eu sobrevivi das lembranças de você.

## AGRADECIMENTOS

Às minhas editoras, Ekatarina Sayanova e Rebecca Cartee, da Red Quill Edição, LLC ([www.redquillediting.net](http://www.redquillediting.net)). O conhecimento de vocês não tem limites. Sou constantemente surpreendida com o que vocês duas juntas podem fazer. Obrigada por me fazerem brilhar!

À minha assistente pessoal extremamente talentosa, Heather White (conhecida como A Deusa), obrigada por me permitir hiperventilar, gemer, resmungar, reclamar, grunhir, pirar e muito mais sem perder o passo. Você me dá paz de espírito, e esse é realmente um belo presente. Obrigada por tudo o que você faz todos os dias. Te amo para sempre, boneca.

Qualquer autor sabe que não é nada sem o apoio de leitores beta incríveis. E eu tenho as melhores!

Jeananna Goodall, minha leitora beta que tem as melhores respostas às reviravoltas malucas de minhas histórias. Eu adoro confundir a sua cabeça. Amo amar você, moça!

Ginelle Blanch, você não só encontra os erros mais bizarros, que me fariam parecer estúpida, como é o termômetro perfeito da forma como os leitores vão sentir a história. Adoro que você me dê isso. Obrigada pela honestidade e por ser tão simples. Isso vai me manter escrevendo livros incríveis!

Anita Shofner, não tenho certeza de onde vem o seu talento, mas, se eu tivesse que adivinhar, diria que é um presente de Deus. Obrigada por compartilhar seus dons comigo, me ajudando a fazer deste o melhor livro possível.

Rosa McAnulty, por salvar minha pele com o estilo espanhol de Porto Rico, com o sexy Anton Santiago. Obrigada por me ajudar a não parecer uma idiota.

Obrigada às garotas do Give Me Books e a Kylie McDermott, por divulgar este livro intensamente e guiá-lo pelo mundo virtual!

Tenho que agradecer à minha supereditora incrível e maravilhosa, a Waterhouse Press. Obrigada por ser uma editora tradicional e não tradicional ao mesmo tempo!

Para o Audrey Carlan Street Team of Wicked Hot Angels. Juntas nós vamos mudar o mundo. Um livro de cada vez. *Besos* para a vida, moças encantadoras.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de  
Serviços de Imprensa S.A.

## **A garota do calendário – Setembro**

### **Skoob do livro**

<https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-setembro-601227ed601353.html>

### **Skoob da autora**

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>

### **Site da autora**

<http://www.audreycarlan.com/>

### **Goodreads da autora**

[http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey\\_Carlan](http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan)

### **Facebook da autora**

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

### **Twitter da autora**

<https://twitter.com/audreycarlan>

### **Vídeo sobre a série no Youtube**

<https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw>

### **Instagram da autora**

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>